

Digitalizado por Alex Bruno

O PERFIL DO PREGADOR
JOHN STOT

Estudo de algumas palavras do Novo Testamento por John R. W. Stott
Rector of All Souls Langham Place, Londres
Segunda Edição - Maio de 1997
Título original: "The Preacher's Portrait"
1961 Wm. B. Eerdmans Publishing Co.

Coordenação Editorial Judith Ramos
Luís Francisco de Viveiros
Tradução Glauber Meyer Pinto Ribeiro
Revisão Cida Paião Beth Fernandes
Capa Ed Renê Kivitz
Editoração Eletrônica
Imprensa da Fé
Impressão Gráfica
Editora Camargo Soares

Todos os direitos reservados por:

Editora Sepal
Caixa Postal 7540
01064-970 - São Paulo - SP
Fone: (011) 523.2544
Fax: (011) 523.2201
E-mail: EditoraSepal@xc.org

Como será a igreja do século XXI? Como responderá às necessidades de um sociedade mais informada, economicamente menos pobre e espiritualmente mais cética e vazia? O que os pregadores, obreiros, missionários e pregadores do evagenlho deverão fazer para comunicar a Palava de Deus de forma eficaz no novo século?

O Perfil do Pregador é um texto indispensável para você que pensa sobre estas questões e busca direção de Deus para o futuro.

Sentimo-nos honrados em poder trazer ao público brasileiro um clássico da literatura evangélica sobre liderança espirutual. Em o Perfil do Pregador, John Stott utiliza mais do que sua sabedoria, experiência e praticidade; el coloca coração e alma ao descrever o perfil do homem de Deus capaz de levar muitos ao sublime conhecimento de Jesus Cristo.

Boa leitura!

Osvaldo Paião Jr.
Editor

SUMÁRIO

Apresentação da edição em Português
Apresentação da edição em Inglês
Prefácio

I. Despenseiro - A mensagem e autoridade do pregador

II. Arauto - A proclamação e apêlo do pregador

III. Testemunha - A experiência e humildade do pregador

IV. Pai - O amor e carinho do pregador

V. Servo - O poder e motivação do pregador

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

O presente livro é o primeiro da "Série SETE - Reflexão e Teologia Pastoral", que a Editora Sepal e a Sociedade dos Estudantes de Teologia Evangélica colocam no meio evangélico, a fim de contribuir com a reflexão na área teológico-pastoral.

No que diz respeito à edificação do povo de Deus, estamos conscientes da importância da Pregação da Palavra, bem como da pessoa do pregador. Este livro focaliza o pregador, não sendo portanto, mais um sobre técnicas de preparar sermões ou de uma melhor apresentação dós mesmos. Trata porém, do fator vital e essencial à pregação: o pregador.

O Rev. John R. W. Stott já se tornou tão conhecido em nosso meio que praticamente não se faz necessário apresentá-lo. Entre suas várias obras já em português, algumas são bem conhecidas como: "A Mensagem de Efésios" e "Contracultura Cristã", as quais nos indicam o nível de contribuição que têm a receber os leitores de mais esta obra do Dr. Stott.

é para nós uma honra bastante grande dar início a esta Série com "O Perfil do Pregador", sabedores que somos de quão beneficiados serão os pregadores da Palavra aqui no Brasil.

Pr. Wilson Costa dos Santos
Diretor Nacional da SETE

OS CONGRESSOS PAYTON (Payton Lectures)

Este livro contém as palestras proferidas no nono Congresso Payton pelo Reverendo John R. W. Stott, entre 10 e 14 de abril de 1961, no Fuller Theological Seminary, em Passadena, Califórnia, adaptadas para a forma escrita e ampliadas pelo autor.

Estes congressos foram instituídos em memória do Dr. John E. Payton e sua esposa, sogros de Charles E. Fuller, fundador deste seminário. Em seu testamento, deixou recursos para uma série de congressos anuais com palestras por um estudioso competente. Estas palestras devem enquadrar-se em pelo menos uma destas três áreas: unicidade ou confirmação da fé cristã histórica, refutação de idéias anti-cristãs ou sub-cristãs, ou formulação de doutrinas bíblicas.

PREFÁCIO

Meu objetivo neste livro não é dar "técnicas" de pregação, aquilo que o falecido Dr. W. E. Sangster, do Westminster College Hall, chamava "O Artesanato do Sermão", como montá-lo e ilustrá-lo; nem abordar os "problemas da comunicação". Não há dúvida que precisamos aprender os métodos de pregação, e que a comunicação é um assunto de importância vital em nossos dias, quando o abismo entre a igreja e o mundo secular já é tão grande que restam poucas pontes pelas quais estes dois mundos possam entrar em contato.

Desejo declarar que meu objetivo refere-se a coisas mais básicas ainda. Proponho que nós precisamos estudar novamente algumas das palavras que o Novo Testamento usa para descrever o pregador e a tarefa que lhe cabe. Creio que nós precisamos adquirir na igreja hoje uma visão mais clara do ideal divino revelado para o pregador, o que ele é e como ele deve trabalhar. Estarei, assim, estudando sua mensagem e sua autoridade, o caráter da proclamação que ele é chamado a fazer, a necessidade vital de sua experiência pessoal do Evangelho, a natureza da sua motivação, a fonte da sua autoridade, e as qualidades morais que devem caracterizá-lo, especialmente sua humildade, mansidão e amor. Este é, na minha opinião, o retrato do pregador, um retrato desenhado pela mão de Deus na tela do Novo Testamento.

É com hesitação que escrevo sobre este assunto. Não quero passar por especialista; estou longe disto. Estou só começando a aprender os rudimentos da pregação. Mas como Deus em sua graça me chamou para ministrar a

Palavra, tenho um profundo desejo de moldar meu ministério segundo o padrão perfeito que Ele nos deu nesta Palavra.

J. R. W. S.

CAPÍTULO I

Despenseiro

A mensagem e autoridade do pregador

A primeira questão importante que preocupa o pregador é: "Que irei dizer, e onde obterei minha mensagem?". Algumas respostas erradas foram propostas para esta questão fundamental da origem e conteúdo da mensagem do pregador, e é necessário começar com estas, negativamente.

Não um profeta

Em primeiro lugar, o pregador cristão não é um profeta. Ou seja, ele não recebe sua mensagem de Deus como revelação original e direta. E verdade que algumas pessoas usam a palavra "profeta" de maneira imprecisa hoje em dia. Não é raro ouvir um homem que prega com intensidade ser descrito como alguém que tem "fogo profético"; e do pregador que sabe discernir os sinais dos tempos, que vê a mão de Deus nos fatos do dia e procura interpretar o significado das tendências sociais e políticas, diz-se às vezes que é profeta ou tem intuição de profeta. Mas eu estou sugerindo que este tipo de uso do título "profeta" é impróprio.

Mas o que é um profeta? Para o Antigo Testamento, era o instrumento pelo qual Deus falava diretamente. Quando Deus escolheu Arão para dizer as palavras de

Moisés a Faraó, esta situação foi explicada da seguinte maneira: "Vê que te constituí como Deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será teu profeta" (Ex 7.1-2). "Tu lhe falarás e lhe porás na boca as palavras; eu serei com a tua boca e com a dele, e vos ensinarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo; ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus" (Ex 4.10-17). Isto mostra claramente que o profeta era a "boca" de Deus, através da qual Deus falava diretamente aos homens as suas palavras. Assim também, Deus fala de um profeta semelhante a Moisés, que iria surgir, "em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhes ordenar. (...) [Ele falará] em meu nome" (Dt 18.18-19). O profeta não falava suas próprias palavras, nem falava em seu próprio nome, mas falava as palavras de Deus, em nome de Deus. Esta convicção de que Deus falou com eles e revelou-lhes seus segredos (Am 3.7-8) explica as conhecidas fórmulas de introdução do discurso profético ("veio a mim a palavra do Senhor..."; "assim diz o Senhor:..."; "ouvi a palavra do Senhor..."; "a boca do Senhor o disse..."; etc.).

A característica essencial do profeta não era prever o futuro nem interpretar a atividade presente de Deus, mas falar as palavras de Deus. Como Pedro explicou, "nunca jamais qualquer profecia [ou seja, profecia verdadeira, em oposição às mentiras dos falsos profetas que ele descreva a seguir] foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo" (2 Pe 1.21).

Portanto, o pregador cristão não é um profeta. Ele não recebe qualquer revelação original; sua tarefa é expor a revelação que já foi definitivamente dada. E muito embora pregue no poder do Espírito Santo, ele não é "inspirado" pelo Espírito no sentido em que os profetas o

foram. Certo, "se alguém fala", deve falar "de acordo com os oráculos de Deus", ou "como se pronunciasse palavras de Deus"(1 Pe 4.11). Mas isto não é porque ele tenha recebido algum oráculo divino especial, mas porque é um despenseiro (1 Pe 4.10), como veremos depois, a quem foram confiadas as Escrituras Sagradas, que são os "oráculos de Deus" (Rm 3.2). A última vez na Bíblia em que aparece a expressão "veio a Palavra de Deus", é com relação a João Batista (Lc 3.2). Ele foi um verdadeiro profeta. Também havia profetas na época do Novo Testamento, como Agabo (At 21.10), e a profecia é mencionada como dom espiritual (Rm 12.6; 1 Co 12.10,29; Ef 4.11), mas este dom não é mais concedido a pessoas na igreja. Agora que a Palavra de Deus escrita está à disposição de todos nós, a Palavra de Deus no discurso profético não é mais necessária. A Palavra de Deus não vem mais aos homens hoje. Ela já veio para todos os homens; agora os homens é que precisam ir até ela.

Não um apóstolo

Em segundo lugar, o pregador cristão não é apóstolo. Claro, a Igreja é "apostólica", por ter sido fundada sobre a doutrina dos apóstolos e por ter sido enviada ao mundo para pregar o evangelho. Mas os missionários plantadores de igrejas não deveriam propriamente ser chamados "apóstolos". É incorreto falar de "Hudson Taylor, apóstolo da China", ou "Judson, apóstolo de Burma" como se estivesse falando de "Paulo, apóstolo dos gentios". Os estudos mais recentes confirmam o caráter único dos apóstolos. Karl Heinrich Rengstorf, em seu artigo sobre apostolado no famoso Vocabulário Teológico de Gerhard Kittel (Karl Heinrich Rengstorf, Theologisches Wortebuch

zum Neuen Testament (1932/3), verbete "Apostleship", traduzido por J. R. Coates (Londres: A. & C. Black, 1952).) , defende que os apóstolos de Jesus equivaliam aos *Shaliachim* (pronúncia "chaliarrím") judaícos, mensageiros especiais que eram enviados aos judeus da dispersão de tal maneira que, diziam eles, "é como se o enviado fosse a própria pessoa que o envia". Segundo Rengstorf, "(...) enquanto os outros verbos transmitem simplesmente a idéia de envio, *apostellein* possui os aspectos de um propósito, missão (ou comissão), autoridade e responsabilidade especiais". Apóstolos - diz ele - "é sempre a descrição de alguém enviado como embaixador, e um embaixador investido de autoridade. A palavra grega apóstolos é simplesmente a forma pela qual se transmite o conteúdo e a idéia que temos no *shaliach* do judaismo rabínico" (shaliachim - forma plural; shaliach -forma singular) .

Norval Geldenhuys, em seu valioso livro "Autoridade Suprema", leva o artigo de Rengstorf à conclusão lógica. O apóstolo do Novo Testamento é "alguém escolhido e enviado por comissão especial como representante plenamente autorizado de quem o enviou" (4. Norval Geldenhuys, Supreme Authority (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), pp. 53-54.) - Quando Jesus nomeou "apóstolo" seus doze discípulos escolhidos, indicou que eles seriam "seus delegados, que ele enviaria comissionados a ensinar e agir em Seu Nome e autoridade". Ele lhes concedeu uma autoridade especial (Ex.: Lc 9.1-2,10) que eles mais tarde afirmaram e exerceram. Paulo se considerava apóstolo também, tanto quanto os doze, por indicação direta de Jesus ressurreto. "A única base para o apostolado era a comissão pessoal", à qual devemos acrescentar um encontro com Jesus após a ressurreição. Geldenhuys

conclui: "Nunca mais haverá ou poderá haver pessoas que possuam todas estas qualificações para serem *shaliachim* de Jesus". Mesmo Rengstorf, que diz que "não sabemos quantos apóstolos havia no princípio, mas deveriam ser bem numerosos", acrescenta que o apostolado "limitou-se à primeira geração, não se tornando um cargo eclesiástico". E que "todo apóstolo é discípulo, mas nem todo discípulo é apóstolo". Geldenhuys cita o artigo de Alfred Plummer sobre "Apóstolo" no Dicionário da Igreja Apostólica", de Hastings: "é impossível qualquer tipo de transmissão de um cargo tão excepcional".

Estas evidências sugerem que há um paralelismo estreito entre os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo, e Rengstorf chama atenção para isto: "A ligação existente entre a consciência do apostolado com a do ministério profético(...) enfatiza de forma absoluta o fato dele pregar estritamente o que é revelado, guardando-se de qualquer tipo de alteração que pudesse ser provocada por sua natureza humana". "Como os profetas, Paulo é servo de sua mensagem.". "O paralelo entre apóstolos e profetas é justificado porque ambos são transmissores da revelação".

Assim, da mesma forma que a palavra "profeta" deve ser reservada para aquelas pessoas no Antigo e Novo Testamentos a quem a palavra de Deus veio diretamente, quer sua mensagem tenha chegado até nós ou não, a caracterização de alguém como "apóstolo" deve ser reservada para os Doze e Paulo, que foram especialmente comissionados e investidos com autoridade por Jesus como seus *shaliachim*. Estes homens eram únicos. Não deixaram sucessores.

Não um falso profeta ou falso apóstolo

Em terceiro lugar, o pregador cristão não é (nem deve ser) um falso profeta ou um falso apóstolo.(A expressão "falso apóstolo" ocorre apenas em 2 Co 11.13, mas C, Ap 2.2. "Paulo indica com esta expressão alguém que se apresenta como apóstolo de Cristo, sem a sua autorização' - Rengstorf, op. cit., p.67).) Ambos aparecem na Bíblia, e a diferença entre o verdadeiro e o espúrio é claramente definida em Jeremias 23. O verdadeiro profeta é alguém que "esteve no conselho do Senhor, e viu e ouviu a sua palavra" (vv. 18,22). Já os falsos profetas "falam as visões do seu coração, não o que vem da boca do Senhor" (v.16). Eles "proclamam só o engano do seu próprio coração" (v.26). Proclamam mentiras em nome de Deus (v.25). O contraste aparece vivamente no v.28: "o profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho; mas aquele em quem está a minha palavra, fale a minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor". A opção é entre ouvir "cada um a sua própria palavra" ou "ouvir as palavras do Deus vivo" (v.36).

Embora não existam mais hoje, estritamente falando, profetas ou apóstolos, temo que haja falsos profetas e falsos apóstolos. Gente que fala as suas próprias palavras e não a Palavra de Deus. Sua mensagem vem de suas próprias mentes. Gente que gosta de ventilar suas opiniões sobre religião, ética, teologia e política. Eles podem até seguir a tradição de introduzir seus sermões com um texto bíblico, mas o texto tem pouca ou nenhuma relação com a mensagem que se segue, e não há nenhuma tentativa de interpretar o texto dentro de seu contexto próprio. Além disto, com muita freqüência estes pregadores, como os falsos profetas do Antigo Testamento, usam palavras macias, "dizendo: Paz, paz; quando não há paz" (Jr 6.14, 8.11, cf. 23.17). E nem tocam nos pontos menos

"agradáveis" do evangelho, para não ofender o gosto dos ouvintes (Jr 5.30-31).

Não um tagarela

Em quarto lugar, o pregador cristão não é um "tagarela". Esta foi a palavra usada pelos filósofos atenienses no Areópago para descrever Paulo. "Que quer dizer este tagarela?" - perguntavam entre si com escárnio (At 17.18). A palavra grega é *spermologos*, um "catador de sementes". Era usada no sentido literal para descrever pássaros comedores de sementes, e especialmente por Aristófanes e Aristóteles (creio eu) para a gralha. Metaforicamente, esta palavra passou a ser aplicada a mendigos e moleques de rua (Liddel & Scott, A Greek-English Lexicon, ed. revisa da (Oxfotd: Clarendon Press, 1935-40).), "pessoa que vive de recolher sobras, apanhador de lixo" (W. F. Arndt e F. W. Gingrich, A Greek-English Lexicon of the New Testament and other early Christian Literature (Cambridge: Cambridge University Press, 1957).). Daí, passou a indicar o tagarela ou fofoqueiro, "pessoa que recolhe fragmentos de informação aqui e acolá" (F. W. Gingrich & F. W. Danker, Léxico do Novo Testamento Grego/ Português (São Paulo: Edições Vida Nova, 1984).) . O "tagarela" repassa idéias como mercadoria de segunda mão, colhendo fragmentos e detalhes onde os encontra. Seus sermões são uma verdadeira colcha de retalhos.

É bom dizer que não há nada de errado em citar, no sermão, as palavras ou escritos de outra pessoa. O pregador sábio coleciona mesmo citações memoráveis e exclarecedoras que, usadas com juízo e honestidade, citando a fonte, são capazes de dar luz, importância e força

ao assunto em questão. Se o leitor me permite praticar imediatamente o que estou ensinando, e fazer uma citação (embora não possa dar a fonte, pois não sei quem foi o primeiro a fazer este jogo de palavras): "Copiar de uma pessoa chama-se plágio, copiar de mil chama-se pesquisa"!

Mas citação cuidadosa não é necessariamente "tagarelice". A característica essencial do tagarela é que ele não é capaz de pensar por si. Sua opinião neste momento é certamente a da última pessoa que ele ouviu. Ele depende das idéias dos outros, sem peneirá-las nem pesá-las, e nem apropriar-se delas para si. Como os falsos profetas fustigados por Jeremias, ele usa apenas a "língua", e não a mente ou o coração, e é culpado de "furtar" a mensagem de outras pessoas (Jr 23.30,31).

Um despenseiro

O que é, então, o pregador? Ele é um despenseiro. "Importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus" (1 Co 4.1, 2). O despenseiro é o empregado de confiança que zela pela correta utilização dos bens de outra pessoa. Assim, o pregador é um despenseiro dos mistérios de Deus, ou seja, da auto-revelação que Deus confiou aos homens e é preservada nas Escrituras. Portanto, mensagem do pregador cristão não vem diretamente da boca de Deus - como se ele fosse profeta ou apóstolo - nem de sua própria cabeça - como os falsos profetas - nem das bocas e mentes de outras pessoas, sem reflexão - como o tagarela - mas da Palavra de Deus, uma vez revelada e para sempre registrada, da qual ele tem a honra de ser despenseiro.

O conceito de despenseiro ou mordomo doméstico era mais familiar no mundo antigo do que no moderno.

Hoje em dia, a palavra "mordomia" provoca nos cristãos associações com campanhas para levantar dinheiro para a igreja. E "mordomo" para nós é um personagem restrito às grandes mansões e aos contos policiais. Mas nos tempos bíblicos, todo homem bem-sucedido tinha um mordomo que controlava seus negócios domésticos, suas terras, suas plantações, seu dinheiro e seus escravos. Encontramos este personagem diversas vezes no Antigo Testamento (Cf Gn 15.2. Pode ter sido este mesmo Eliézer que recebeu a tarefa de conseguir uma esposa para Isaque (Gn 24).). Não há uma palavra hebraica específica para designá-lo, mas a função que ele exercia pode ser reconhecida através de várias palavras; especialmente entre a nobreza e as cortes reais de Judá, Egito e Babilónia. José tinha um mordomo no Egito. O "despenseiro de sua casa" cuidava dos hóspedes de José, providenciando água para lavar seus pés e forragem para os animais, e supervisionando o preparo das refeições. Aparentemente, ele também era o intermediário junto às pessoas que compravam alimentos de José. Ele tinha escravos a seu serviço (Gn 43.16-25; 44.1-13). Os reis de Judá também tinham mordomos encarregados da casa real (Davi tinha oficiais descritos em 1 Cr 28.1 como "os administradores de toda fazenda e possessões do rei e de seus filhos". Um dos "homens principais" de Salomão era "Aisar, o mordomo" (1 Rs 4.6).). No reinado de Ezequias, o mordomo era Sebnã (Is 22.15). Ele parece ter sido homem ambicioso, que enriqueceu-se e adquiriu "carros de glória" ("carruagens gloriosas"), talvez à custas do dinheiro de seu patrão. Mas Deus diz a Sebna que ele será deposto e substituído por Eliaquim, filho de Hilquias: "Vesti- lo-ei da sua túnica, cingí-lo-ei com a tua faixa, e lhe entregarei nas mãos o teu poder, e ele será como pai para os moradores de Jerusalém e para a casa de Judá. Porei

sobre o seu ombro a chave da casa de Davi" (Is 22.21,22). Fica evidente nesta passagem que o despenseiro era homem de autoridade na casa em que servia, que exercia supervisão maternal sobre as pessoas da casa, e que o símbolo de seu cargo era uma chave (sem dúvida, a da despensa).

Na côrte babilônica do rei Nanucodonozor, o chefe dos eunucos colocou Daniel e seus três companheiros sob o cuidado do "Melzar". Esta palavra é provavelmente o nome de um cargo, não de uma pessoa. A Edição Revista e Atualizada da Bíblia em português traduz aqui "cozinheiro-chefe", e a Bíblia de Jerusalém, "despenseiro". Este homem tinha o dever de treinar os servidores da côrte, dando-lhes também as rações diárias de comida. E ele tinha autoridade para decidir se servia as "finas iguarias do rei" ou os legumes pedidos por Daniel (Dn 1.8-16).

Há exemplos paralelos no Novo Testamento. Herodes Antipas tinha um mordomo (ou "procurador"), cuja esposa era discípula de Jesus, "prestando-lhe assistência com os seus bens" (Lc 8.3). E no cenário de diversas parábolas de nosso Senhor aparece um mordomo em posição de responsabilidade. Na parábola dos trabalhadores na vinha, o mordomo ("administrador") recebe a ordem de pagar o salário dos trabalhadores (Mt 20.8). E o mordomo ("administrador") infiel foi acusado de "defraudar os bens" de seu rico patrão. Evidentemente, ele era alguém investido de grande responsabilidade, administrando as provisões e pagando as contas, pois foi capaz de falsificar a contabilidade e reduzir as dívidas dos clientes de seu patrão, impunemente, ao que parece (Lc 16.1-9).

A esta altura, estamos em condições de reconstruir o ambiente de uma casa de família rica nos tempos bíblicos. Faremos isto analisando as palavras relacionadas com o

verbo *oikéo*, habitar. Há cinco palavras importantes. Primeiramente, *oikía* ou *óikos*, a casa propriamente dita (Estritamente, *oikía* era a casa como um todo, e *óikos*, um quarto, uma moradia dentro da casa, mas ambas as palavras eram usadas para descrever uma casa ou edifício em, que pessoas moravam.). Em Segundo lugar, *oikiêioi*, os habitantes da casa. O único uso secular desta palavra no Novo Testamento é 1 Timóteo 5.8, onde o apóstolo diz que "se alguém não tem cuidado dos seus, e especialmente dos de sua própria casa (*oikiêion*)" ele "é pior do que o descrente" (A palavra *oikiakós* aparece apenas em Mt 10.25, 36. E tanto *óikos* quanto *oikía* também eram usadas para as pessoas residentes na casa, não apenas para o edifício em si (ex.: *óikos* em At 7.10, 10.2, e *oikía* em Jo 4.53 e Fp 4.22).). Em terceiro lugar, *oikodespótes*, o dono da casa, o líder da família (ex.: Mc. 14.14) (Em Mt 10.25, o dono da casa é claramente distinto do restante da família, os "domésticos".). Ele governa ou controla a família, e o verbo correspondente (*oikodespotéo*) aparece em 1 Tm 5.14. Em quarto lugar, há o *oikétes*, o serviçal da casa. *Doulos* (pronuncia-se dúlos) era o termo normal para um escravo, mas *oikétes* descrevia particularmente o servo que trabalhava na casa. Em latim o equivalente é *domesticus*, termo que originalmente incluia todos os que viviam sob o mesmo teto, no mesmo *domus*, mas posteriormente passou a ter o sentido de servo, ou, como nós dizemos, "doméstico" (*Oikétes* aparece quatro vezes no NT (Lc 16.13, At 10. 7; Rm 14.14 e Pe 2.18). Cf. *oiketéia* em Mt 24.45, como substantivo coletivo para os servos ou empregados").

Por fim, temos *oikonómos*, o despenseiro ou mordomo, cujo cargo chama-se *oikonomía*: mordomia (Os substantivos *oikonómos*, mordomo, e *oikonomía*,

mordomia, aparecem, junto com o verbo *oikonomêin*, agir como mordomo, na parábola do mordomo infiel - Lc 16.1-9. Posteriormente este verbo grego assumiu um significado bem geral, de "cuidar das coisas" - Moulton & Milligan, The Vocabulary of the Greek Testament, p. 443 - Grand Rapids: Eerdmans -, fazer qualquer transação comercial, administrar ou dirigir qualquer negócio.). Estas palavras vêm de *óikos*, casa, e *nêmo*, administrar ou dirigir, e delas, claro, vêm diversas palavras nossas, como economia, economista e economizar. A definição de *oikonómos* no livro de Grimrn & Thayer, merece citação: "o dirigente de uma casa, ou dos negócios de uma casa; especialmente um mordomo, despenseiro ou administrador(...) a quem o dono da casa ou o proprietário confiou a direção de seus negócios, seus gastos e receitas, e o dever de cuidar de cada um de seus servos, e até dos filhos menores de idade" (A Greek English Lexicon of the New Testament, 2a. edição revista (Edinburgo" T. & T. Clarck, 1982), pp. 440-441.). Fosse ele homem livre ou escravo, ocupava uma posição de responsabilidade entre o dono da casa e os negócios da casa (O mordomo infiel de Lc 16.1-9 era aparentemente homem livre. Os mordomos de Mt 24.45 e Lc 12. 42-43 são claramente identificados como escravos.). Esta palavra é usada até mesmo para Erasto (Rm 16.23), que era aparentemente "tesoureiro" da cidade de Corinto. Em Gálatas 4.2, diz-se que a criança está sob *epitrópi* e *oikonómoi*; os primeiros, seus guardiães legais e professores, enquanto que os segundos tomam conta de suas propriedades até que ele atinja a maturidade.

Juntas, estas cinco palavras descrevem o ambiente social de uma família rica. A *oikía* (casa) era habitada pelos *oikêioi*, compostos dos familiares mais os escravos. O líder da casa era o *oikodespótes* (dono de casa), que tinha às

suas ordens alguns *oikétal* (escravos domésticos) e um *oikonómos* (despenseiro ou mordomo) para supervisioná-los, cuidar da alimentação de todas estas pessoas, administrar os negócios e finanças da casa e as terras.

Não é dê se surpreender que os antigos cristãos tenham visto nesta estrutura social um retrato da Igreja Cristã. O nome especial que eles aplicavam a Deus era "Pai", e como um pai normalmente era o dono de casa, era natural pensar na igreja como "casa" ou "família" de Deus. Mas isto não se aplica em todos os detalhes, e o Novo Testamento não usa esta figura de modo consistente. Embora Deus seja sempre o pai, a igreja ora é a casa em que ele habita (O tabernáculo era *óikos* de Deus (Mc 2.26). O templo também (Mc 11.17). Mas a igreja agora é o seu templo (1 Co 3.16, 19; Ef 2,21-22), cf Hb10.21.), ora é a sua família, a "família da fé" (*óikos* em 1 Tm 3.15, 1 Pe 4.17 (cf. Hb 3.2-6), e *oikêios* em Gl 6.10, Ef 2.19.), ora os servos domésticos, responsáveis pelo trabalho que lhe devem (Rm 14.4).

Todos os cristãos são também despenseiros de Deus, que administraram seus "bens", não para proveito pessoal, mas em benefício da família toda. A parábola dos talentos e a das minas ilustram a responsabilidade cristã de aperfeiçoar-se no uso dos dons e oportunidades que Cristo concedeu (Mt 25. 14-30, Lc 19. 19-28). O despenseiro não deve esconder e nem desperdiçar os bens que seu mestre lhe confiou. Ele deve administrar sua distribuição aos membros da família. Nós, cristãos, somos todos "despenseiros da multiforme [literalmente, variada, multicoloridal graça de Deus" (1 Pe 1.10), e "cada um" deve usar seus dons para "servir uns aos outros". Ele dá em seguida dois exemplos: falar e servir, e é especialmente o primeiro exemplo que nos interessa aqui.

O ministério cristão é uma santa mordomia. Paulo descreve o presbítero/bispo como "despenseiro de Deus" (Tt 1.7). Paulo considerava a si próprio e a Apolo como "despenseiros dos mistérios de Deus" (1 Co 4.1) e, embora Paulo tenha sido encarregado da dispensação de um "mistério" especial revelado pessoalmente a ele (Ef 3.1-3, 7-9), esta designação não é apenas para os apóstolos, pois aplica-se a Apolo também, e Apolo não era apóstolo como Paulo. "Despenseiro" é um título que descreve todo aquele que tem o privilégio de pregar a Palavra de Deus, especialmente no ministério pastoral. Como veremos no capítulo 5, os coríntios estavam valorizando exageradamente seus, líderes. Paulo repreende-os por este superpersonalismo. "É assim que os homens devem nos tratar - diz ele - "somos apenas empregados subalternos de Cristo, administradores de bens alheios". É esta posição subordinada que nós ocupamos. Os "bens" que o pregador cristão administra são chamados "mistérios de Deus". *Mystêrion* no Novo Testamento não é um enigma, alguma coisa obscura, mas sim uma verdade revelada, que só pode ser conhecida porque Deus a expôs, que estava oculta mas agora foi revelada, e na qual pessoas são iniciadas por Deus . Assim, os "mistérios de Deus" são os "segredos públicos" de Deus, a soma total de sua autorevelação contida nas Escrituras (Cf. o uso que Cristo faz da palavra, em relação ao Reino de Deus (Mt 13.2).). Destes "mistérios" revelados, o pregador cristão é despenseiro, encarregado de torná-los ainda mais conhecidos pela família.

Desta excelente metáfora do despenseiro, o pregador cristão pode aprender quatro lições importantes, que são diferentes aspectos da "fidelidade" que se exige dele.

O incentivo do pregador e sua mensagem

O primeiro destes fatos está relacionado à fonte de incentivo do pregador. O trabalho de pregar é duro. O pregador freqüentemente é tentado a perder o ânimo. Ele precisa de incentivos fortes para sua alma vacilante, e não há dúvida que poderá encontrá-los aqui. Paulo encontrou. Ele foi um despenseiro dos mistérios de Deus, a quem foram confiados os "segredos de Deus" (1 Co 4.1, Bíblia Viva). O evangelho era uma santa responsabilidade a ele confiada, e ele freqüentemente escreve sobre isto em suas epístolas (Ex.: 1 Ts 2.4 e as referências, nas epístolas a Timóteo, ao seu "depósito".). Esta responsabilidade pesava sobre ele. "É a responsabilidade de despenseiro que me está confiada", disse ele, usando novamente a palavra *oikonomía* (1 Co 9.7). E também: "sobre mim pesa esta obrigação, porque ai de mim se não pregar o evangelho", e "sou devedor" a todas as pessoas (1 Co 9.16, Rm 1.14). "O que se requer dos despenseiros", ele escreveu, "é que cada um deles seja encontrado fiel", digno de confiança. O dono da casa depende dele. Os membros da família esperam dele as suas provisões. O despenseiro não pode falhar.

Em segundo lugar, a metáfora do despenseiro indica o conteúdo da mensagem do pregador. Realmente, se há uma coisa que podemos aprender com esta metáfora, é que o pregador não providencia de si mesmo a mensagem: ele a recebe. Como o despenseiro não alimenta a família de seu senhor do seu próprio bolso, o pregador também não precisa providenciar a mensagem por sua habilidade própria. Muitas metáforas do Novo Testamento indicam esta mesma verdade, que a tarefa do pregador é proclamar uma mensagem que não é dele mesmo. O pregador é um semeador, e "a semente é a Palavra de Deus" (Lc 8.11). Ele

é um arauto, que recebe ordens quanto a que boas novas deve proclamar. Ele está participando da construção de um edifício, do qual tanto os fundamentos quanto o material necessário já foram providenciados (ex.: 1 Co 3.10-15) (Segundo o v. 11, o fundamento já foi colocado também). Assim, ele é mordomo dos bens que lhes são confiados pelo dono da casa.

Este é o segundo tipo de fidelidade que se requer do despenseiro, a saber: fidelidade aos bens que ele administra. Ele precisa protegê-los e distribuí-los de forma diligente aos membros da família. O apóstolo, escrevendo para Timóteo, dá grande ênfase à sua responsabilidade de "guardar o depósito". A preciosidade do evangelho foi confiada ao seu cuidado. Um "bom depósito". Seu dever é ficar de guarda, como a sentinela de uma cidade, ou o carcereiro na masmorra (1 Tm 1.11, 6.20, 2 Tm 1.12, 14) (Em 1 Tm 1.14, as especulações humanas são contrastadas com o "serviço", ou mordomia, de Deus.). 0 bom mordomo não "adultera a Palavra de Deus" (1 Co 4.2), nem "mercadeja" com ela (1 Co 2.17). Nossa tarefa é a "manifestação da verdade" (2 Co 4.2; cf. At 4.29, 31; Fp 1.14; 2 Tm 4.2; Hb 13.7). Dentro de seus limites, esta é uma boa definição de pregação. A pregação é uma "manifestação", *fanerôsis* da verdade registrada nas Escrituras. Por isto, todo sermão deveria ser, de algum modo, expositivo. O pregador pode usar ilustrações da área política, ética e social para tornar mais fortes e atraentes os princípios bíblicos que ele está desenvolvendo, mas o púlpito não é lugar para o comentário político, exortação ética ou debate de temas sociais por si. Nosso dever é pregar a "Palavra de Deus" (Cl 1.25); nada mais do que isto.

Além disto, somos chamados a pregar a Palavra de Deus em toda a sua abrangência. Esta era a ambição do

apóstolo Paulo. Ele reconhecia que sua missão de despenseiro consistia em fazer a Palavra de Deus plenamente conhecida, isto é, pregá-la de forma integral e completa. Ele pôde, realmente, dizer na presença dos anciãos da igreja de Efeso: "jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus" (At 20.27). Poucos pregadores podem fazer uma afirmação destas! Costumamos escolher a dedo passagens da Escritura, ficando com nossas doutrinas favoritas e deixando de lado aquelas, de que não gostamos, ou que são difíceis para nós. E nos tornamos culpados de sonegar algumas das provisões que o divino Pai, em sua riqueza e sabedoria, destinou à sua família. Alguns não apenas tiram, mas também acrescentam coisas à Escritura, enquanto outros ousam contradizer o que está escrito na Palavra de Deus.

Vou usar uma ilustração bem doméstica: aqui na Inglaterra, o desjejum predileto da maioria da população é ovos com bacon. Vamos supor que um certo pai de família britânico confiou uma provisão de ovos e de bacon a seu mordomo, para ser distribuída àquela família como café da manhã em quatro dias consecutivos. Na segunda feira, o mordomo jogou fora a porção de ovos e bacon, e serviu peixe frito. Isto é uma contradição, e deixou seu patrão irado. Na terça feira, serviu os ovos sem o bacon. Isto é subtração, e o patrão ficou irado novamente. Na quarta feira, ele serviu bacon, ovos e salsichas. Isto é adição, e mais uma vez deixou seu patrão irado. Mas finalmente, na quinta feira, ele serviu os ovos com bacon - nada mais, nada menos - e seu patrão ficou então satisfeito.

A família de Deus precisa urgentemente de despenseiros fiéis que distribuam sistematicamente toda a Palavra de Deus; não apenas o Novo Testamento, mas o Antigo também; não apenas as passagens mais conhecidas,

as menos conhecidas também; não apenas os textos que apoiam as doutrinas favoritas do pregador, os que não as apoiam também. Precisamos hoje de mais homens do calibre de um Charles Simeon, de Cambridge, que escreveu em seu prefácio às Horae Homileticae: "Este autor não tem simpatia pelos teólogos sistematizantes. Ele esforçou-se por aprender suas idéias religiosas das Escrituras somente, e a elas deseja ater-se com escrupulosa fidelidade; nunca torcendo porção alguma da Palavra de Deus para favorecer uma opinião particular, mas dando a cada porção o sentido que lhe parece ter designado seu grande Autor" (Londres: Richard Watts (1819), pp. 4-5.). Assim, ele ficava "livre de todos os embaraços dos sistemas humanos", podia "pronunciar cada porção da bendita Palavra de Deus, *ore rotundo*, nada suavizando, e nada temendo", sem se importar em saber que sistema teológico em particular estava aparentando favorecer (Simeon, Letter to Thomason, 1822.). Somente a exposição fiel assim, de toda a Palavra de Deus, poderá livrar-nos e às nossas congregações daquelas "inocentes" manias e pequenas vontades (as deles e as nossas), e do fanatismo e desvios mais sérios. Só assim, também, poderemos ensiná-los a discernir entre o que foi claramente revelado e o que não foi; pois somos dogmáticos (sem medo) com respeito ao que pertence à primeira categoria, mas nos contentamos em pertencer agnósticos com respeito ao que pertence à segunda (vide Dt 29.29).

Além disto, a Igreja precisa de leigos esclarecidos, que não são "como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina" (Ef 4.14), mas estão crescendo no conhecimento de Deus e de Sua Palavra, sendo assim capazes de resistir ao assédio das seitas modernas. Nada mais pode fazer com que isto seja

possível, além da pregação sólida, sistemática e didática de toda a Palavra de Deus.

Um ensino assim só é possível com planejamento cuidadoso a médio e longo prazo. Sentiremos a necessidade de examinar a área coberta por nossos sermões, para ver se não estamos evitando alguns aspectos da verdade ou enfatizando demais alguns outros. Uma forma de evitar estes dois extremos é trabalhar sistematicamente livros da Bíblia, ou pelo menos capítulos inteiros, sem preguiça de expor cada detalhe. Outra, é planejar regularmente ou ocasionalmente séries de sermões, abordando de maneira abrangente e equilibrada determinados aspectos da verdade revelada. E não subestimemos os nossos ouvintes, como se eles não pudessem suportar tais coisas! Lembre-se das sábias palavras de Richard Baxter ao povo de Kidderminster: "Se vós apenas desejásseis obter o conhecimento de Deus e das coisas celestiais tanto quanto desejais saber exercer vossa profissão, já teríeis vos lançado a este empreendimento, sem vos importardes com o custo ou as dificuldades, até que o tivésseis obtido. Mas vós dedicais de bom grado sete anos a aprender a profissão, e nem um dia, em cada sete, quereis entregar ao aprendizado diligente das coisas concernentes à vossa salvação".

Quando eu digo que o alvo do pregador é expor toda a Palavra de Deus, não quero dizer que ele precise fazer isto de forma pesada ou sem imaginação. O mesmo Paulo que disse nunca ter deixado de "anunciar todo o desígnio de Deus", disse também, e no mesmo dia; "jamais [deixei] de vos anunciar coisa alguma proveitosa" (At 20.20,27). Certo, "toda Escritura é proveitosa" (2 Tm 3.16, Edição Revista e Corrigida); mas toda Escritura não é igualmente proveitosa para um determinado grupo de pessoas numa

dada situação concreta. O mordomo sábio fornece uma dieta variada à família que serve. Ele procura conhecer as suas necessidades, e usa o bom senso para decidir o que eles vão comer. O mordomo não decide o que entra na geladeira; este direito é de seu patrão. Mas o que sai da geladeira, quando e em que quantidade, é responsabilidade sua. Este é mais um aspecto da fidelidade do mordomo, que não é tanto fidelidade a seu patrão ou aos bens que lhe são confiados, mas fidelidade à família que ele serve. Como disse Jesus: "quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?" (Lc 12.42). A sabedoria e fidelidade do despenseiro é medida pela sua habilidade em fornecer uma dieta equilibrada e apropriada a seus conservos. Ele precisa alimentar a família com o que está na despensa, mas para convencê-los a comer as refeições que elabora, ele faz de tudo para que a comida seja gostosa. Ele usa sua imaginação para fazer pratos apetitosos. Ele até chega a estimulá-los a comer, como a mãe faz com seus filhos! Assim, o bom mordomo entende das necessidades e gostos dos membros da família tão bem quanto do conteúdo do armário da cozinha.

Tudo isto é muito importante. Não basta o pregador conhecer a Palavra de Deus; ele precisa conhecer as pessoas a quem está proclamando-a. Claro, ele não pode falsificar a Palavra de Deus para torná-la mais atraente. Ele não pode diluir o remédio forte da Escritura para que fique mais agradável ao paladar. Mas pode esforçar-se por apresentá-la às pessoas de forma tal que desperte o interesse. Por exemplo, falando de maneira simples, é certamente isto que Paulo tinha em mente quando aconselhou Timóteo a ser um obreiro "que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2

Tm 2.15). O verbo grego *orthotomounta*, significa literalmente "fazer um corte reto". Era empregado para descrever a construção de estradas e aparece, por exemplo, na Septuaginta, em Provérbios 3.6: "ele endireitará as tuas veredas". Nossa exposição da Escritura deve ser tão simples e direta, tão fácil de entender, que seja semelhente a uma estrada em linha reta. É fácil segui-la. É como a rodovia dos redimidos, de que Isaías fala: ninguém erra o caminho, "nem mesmo o louco" (Is 35.8). Cortar a Palavra de Deus em linha reta não é fácil. É preciso muito estudo, como veremos logo, não apenas estudo da Palavra de Deus, mas também da natureza do ser humano e do mundo em que ele vive. O pregador-expositor é um construtor de pontes, buscando vencer a distância entre a Palavra de Deus e a mente humana. Ele precisa dar o melhor de si para interpretar a Escritura com tanta precisão e simplicidade, e aplicá-la com tanta arte, que a verdade possa atravessar a ponte.

A autoridade do pregador e sua disciplina

Em terceiro lugar, a metáfora do despenseiro nos mostra a natureza da autoridade do pregador. O pregador tem, com certeza, a sua autoridade. Isto não nos deve assustar ou envergonhar. Autoridade e humildade não são incompatíveis. James Stewart escreveu: "É um sério erro supor que a humildade impede a convicção. G. K. Chesterton tem algumas sábias palavras sobre aquilo que ele chamou de "humildade deslocada": "Nosso mal hoje é ter humildade no lugar errado. A modéstia deixou de atuar sobre o órgão da ambição. A modéstia reside agora no órgão da convicção; onde nunca deveria estar. O homem deveria duvidar de si mesmo e ter certeza da verdade; isto

foi completamente invertido. Estamos a caminho de gerar uma raça de homens que, de tanta modéstia intelectual, não conseguem acreditar na "tabuada de multiplicação". Humildes e modestos nós devemos sempre ser; mas titubeantes e apologéticos acerca do evangelho, nunca!" (Stewart, James. Heralds of God (Londres: Hodder & Stoughton, 1946), p.210. Chesterton, G. K. Orthodoxy (Nova York, Image Books, 1959), pp. 30s.).

Mas onde reside a autoridade do pregador? A sua autoridade não é como a do profeta. O pregador cristão não pode realmente dizer: "Assim diz o Senhor", como faziam os profetas ao introduzir uma mensagem recebida diretamente de Deus. Certamente, ele não ousará dizer: "Em verdade, em verdade, vos digo", como fazia o Filho de Deus, ao falar com autoridade divina absoluta, e como talvez façam alguns dos falsos profetas, que têm a presunção de falar em seu próprio nome. Nem devíamos nos tornar "tagarelas" modernos, dizendo: "De acordo com os mais importantes eruditos da atualidade...", citando alguma autoridade humana (embora a citação seja uma prática válida, na ocasião certa). Não, nossa fórmula - se usarmos alguma - deve ser aquela conhecida expressão, tão usada e tão correta, do Dr. Billy Graham: "A Bíblia diz".

Esta autoridade é verdadeira. Sim, é autoridade indireta. Não é direta como a dos profetas, ou dos apótolos, que davam ordens para serem obedecidas (como, por exemplo, Paulo, em 2 Ts 3). Mas é autoridade vinda de Deus. E verdade também que o pregador que proclama a Palavra com autoridade está debaixo da autoridade desta Palavra e deve submeter-se a ela. Embora distinto de sua congregação, está no mesmo nível dela. Embora tenha o direito de falar-lhes na primeira pessoa do singular: "eu -- vocês", ele freqüentemente prefirirá usar a primeira pessoa

do plural: "nós", porque tem consciência de que a Palavra que prega aplica-se a ele mesmo tanto quanto a qualquer outro. Ainda assim, ele pode falar com autoridade vinda de Deus.

Na verdade, estou persuadido de que quanto mais o pregador, ele mesmo, "treme" diante da Palavra de Deus (Ed 9.4, 10.3, Is 66.2, 5), sentindo a autoridade da Palavra sobre sua consciência e sua vida, mais ele será capaz de pregá-la com autoridade aos outros. A metáfora do despenseiro não transmite toda a verdade acerca do pregador e sua autoridade. Não devemos pensar no pregador como um mordomo arrogante, ou um escriba judaico, dando interpretações intelectuais e áridas de passagens difíceis. A verdadeira pregação nunca é estagnada, monótona ou puro academicismo, mas sempre viva e penetrante, com autoridade de Deus. Mas a Escritura só se torna viva para a congregação se antes tiver tornado-se viva para o pregador. Somente quando Deus houver falado pessoalmente com ele através da Palavra que ele prega, os outros poderão ouvir a voz de Deus nos seus lábios.

Eis aqui, portanto, a autoridade do pregador: Ela depende da proximidade entre ele e o texto que está expondo, isto é: o quão bem ele o compreendeu e a intensidade com que o texto falou à sua própria vida. O ideal no sermão é que a Palavra de Deus fale, ou melhor, Deus fale através de sua Palavra. Quanto menos o pregador se interpuser entre a Palavra de Deus e seus ouvintes, melhor. O que realmente alimenta a família é a comida que o dono da casa compra, não o mordomo que a distribui. O pregador cristão fica mais satisfeito quando sua pessoa é eclipsada pela luz que brilha da Escritura, e quando sua voz é superada pela voz de Deus.

Em quarto lugar, a metáfora do despenseiro pode nos ensinar algo a respeito da necessidade da disciplina pessoal do pregador. O despenseiro fiel procura ficar a par de todo o conteúdo da despensa. A despensa da Sagrada Escritura é tão vasta, que nem estudando a vida inteira conseguiremos conhecer toda a riqueza é variedade que ela contém.

A pregação expositiva é uma disciplina das mais árduas. Talvez por isto seja tão rara. Só irá realizá-la quem estiver preparado para seguir o exemplo dos apóstolos, dizendo: "Não é razoável que nós abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. (...) Nós nos consagraremos à oração e ao ministério da Palavra" (At 6.2,4). E impossível pregar sistematicamente a Palavra sem estudar sistematicamente a Palavra. Não basta passar os olhos em alguns versículos em nossa leitura bíblica diária, ou estudar uma passagem só quando tivermos que pregá-la. Não. Precisamos estar saturados das Escrituras. Precisamos não apenas estudar, como por microscópio, os mínimos detalhes de alguns versículos nas línguas originais, mas também tomar nosso telescópio e abranger as grandes vastidões da Palavra de Deus, assimilando seu tema principal, da soberania divina na redenção da humanidade. "É uma bênção" - escreveu C. H. Spurgeon "escavar e penetrar as profundezas da Bíblia até que, finalmente, chega-se a falar com o linguajar bíblico, e nosso espírito recebe o sabor característico das Palavras do Senhor, e a Escritura chega a circular no sangue, e a própria essência da Bíblia flui de nossa pessoa" (Citado por Richard Ellsworth Day, The Shadow of the Broad Brim (Filadelfia: The Judson Press, 1934), p.131.).

Além desta disciplina diária, persistente, de estudo bíblico, precisamos nos dedicar de maneira especial ao

versículo ou passagem bíblica escolhida para ser exposta do púlpito. Precisamos ser firmes para evitar os atalhos. Precisamos gastar tempo estudando nosso texto detalhadamente, meditando sobre ele, preocupando-nos com ele como um cachorro se preocupa com seu osso, até que o sentido seja claro para nós. Este processo será às vezes acompanhado de suor e lágrimas. Precisamos também usar todos os recursos de nossa biblioteca neste trabalho léxico, concordância, traduções modernas e comentários. Acima de tudo, porém, devemos orar sobre o texto, porque o Espírito Santo, o verdadeiro autor deste Livro, é seu melhor intérprete também. "Pondera o que acabo de dizer" - Paulo escreveu a Timóteo - "porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas" (2 Tm 2.7). Realmente, precisamos pensar; mas a compreensão vem de Deus. Mesmo quando tiver entendido plenamente o texto, o trabalho do pregador ainda está pela metade, porque a elucidação do seu sentido precisa levar à sua aplicação a alguma situação realista da vida do homem moderno.

Só esta disciplina de estudo, geral e específico, manterá a mente do pregador cheia dos pensamentos de Deus. Ele certamente irá guardar em seus arquivos ou cadernos de anotações os tesouros que Deus vai lhe concedendo. Assim, o pregador nunca precisará ter medo de um dia ficar sem assunto, ou de não ter sobre que pregar. Na verdade, não há chance disto acontecer. Ao invés disto, seu problema será como escolher, dentre tanta riqueza de material, a sua mensagem.

Assim, o bom despenseiro esforça-se em manter sua despensa bem provida. Ele nunca irá cansar a família que serve com cardápio monótono, nem enjoá-los com pratos insípidos, nem provocar indigestão com comida que não é

apropriada à estação. Ele será como o pai de família descrito por Jesus, que "tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas" (Mt 13. 52).

Assim é despenseiro dos "mistérios de Deus"; fiel no estudo e pregação da Palavra, e fiel em deixar que os homens sintam nela e através dela a autoridade de Deus; fiel ao pai de família, que o nomeou para o cargo; fiel à família, que depende dele para seu sustento; e fiel aos bens que foram confiados ao seu cuidado. Que Deus nos faça despenseiros fiéis!

CAPÍTULO II

arauto

A proclamação e apêlo do pregador

Se a única metáfora neotestamentária para a pregação fosse a do despenseiro, poderíamos ficar com a impressão de que o trabalho do pregador é uma rotina prosaica e sem graça. Mas o Novo Testamento é rico em outras metáforas, e a mais importante destas é a do arauto, que recebe a solene (e emocionante) responsabilidade de proclamar as boas novas de Deus. Estas duas ilustrações não são imcompatíveis. Paulo pensava em si mesmo e em seus auxiliares das duas formas. Se no princípio de 1 Coríntios 4 Paulo disse que somos "despenseiros dos mistérios de Deus", no primeiro capítulo desta mesma epístola ele resume a atividade do pregador na expressão "pregamos" (*Keryssomen*, proclamamos) "a Cristo crucificado", e declara que através desta proclamação de arauto (*Kérygma*), é que "aprove a Deus salvar os que crêem" (1 Co 1.21, 23). De maneira semelhante, nas Epístolas Pastorais, em que ele exorta Timóteo a "guardar o bom depósito", como despenseiro, e "confiá-lo" (ed. Revista e Corrigida) a homens fiéis e idôneos para instruir a outros" (2 Tm 2.2), Paulo escreve duas vezes que foi "designado pregador" (*Kêryx*, arauto) do evangelho (1 Tm 2.7, 2 Tm 1.11).

Porém, embora os cargos de despenseiro e arauto não sejam de maneira alguma incompatíveis entre si, são

diferentes, e talvez seja bom começar aqui citando as quatro principais diferenças entre eles.

Em primeiro lugar, enquanto a tarefa do despenseiro é alimentar a família de Deus, o arauto tem boas motícias que devem ser proclamadas ao mundo todo. Um certo autor diz que este tipo de pregação no Novo Testamento não é um discurso teórico e formal, "dirigido a um grupo fixo de cristãos convictos dentro do prédio da igreja", mas "uma proclamação de arauto, de mensageiro oficial, aberta, à luz do dia, ao som da trombeta, atual e atualizada, endereçada a todos porque vinda do rei em pessoa" (Chr. Senft, no verbete "Pregar", do Vocabulário Bíblico de J. J. Von Allmen - 20 edição, São Paulo: ASTE, 1972. Original francês de 1956 -. N. do T.: citação traduzida segundo a versão inglesa utilizada por Stott.). Há vários verbos gregos que descrevem esta atividade pública, especialmente (*an-*, *ap-*, *di-*, *kat-*) *ângellein*, "declarar ou anunciar" (ex: Lc 9.60, 1 Jo 1.1-5), *euãgelízesthai* (não é exatamente a mesma idéia que temos no verbo português "evangelizar", que é transitivo e pede um objeto direto; mas simplesmente "pregar boas novas"), e *kerykssein*, "proclamar como arauto". "A idéia fundamental destas palavras" - diz o Dr. Alan Richardson - "é dar notícias a pessoas que não ouviram antes" (No verbete "Preaching", em A Theological Word Book of the Bible, ed. Alan Richardson (Londres: S. C. M. Press, 1950).).

Em segundo lugar, esta proclamação de arauto dirigida aos que estão de fora é diferente da função do despenseiro cristão por ser mais a proclamação de um fato que exposição de palavras, o anúncio da intervenção sobrenatural de Deus, de maneira suprema na morte e ressurreição de seu Filho, para a salvação da humanidade. Segundo James Stewart, "a pregação não existe para a

propagação de idéias, opiniões e ideais, mas para proclamação dos poderosos atos de Deus" (James S. Stewart, Heralds of God (Londres: Hodder & Stoughton, 1946), p.5.). Não quero dar a idéia que estas coisas excluem-se mutuamente. O pregador cristão é tão despenseiro quanto arauto. Na verdade, a boa notícia que ele deve proclamar faz parte da Palavra de que ele é despenseiro; pois a Palavra de Deus é essencialmente o registro e interpretação do grande feito redentivo de Deus em Cristo e através de Cristo. As Escrituras testificam acerca de Cristo, o único Salvador dos pecadores. Assim, um bom despenseiro da Palavra será sempre também um zeloso arauto das boas novas da salvação em Cristo.

Somos despenseiros das coisas que Deus disse e arautos das coisas que Deus fez. Como despenseiros, somos responsáveis por uma revelação plenamente realizada. Mas é uma redenção plenamente realizada a boa notícia que proclamamos como arautos. "O conceito de arauto" disse o Dr. Robert Mounce - "(...) é a maneira característica, em todo o Novo Testamento, de explicar a proclamação contínua do evento de Cristo" (Mounce, The Essential Nature of New Testament Preaching (Grand Rapids: Eerdmans, 1960), p. 52.).

Em terceiro lugar, na metáfora do despenseiro a ênfase parece recair quase exclusivamente sobre a atividade do despenseiro e o requisito que ele deve ser fiel no cuidado e na distribuição dos bens de seu senhor. Mas na metáfora do arauto, espera-se algo dos ouvintes também. O arauto não prega simplesmente a boa notícia, sem se importar se os ouvintes escutam ou não. A proclamação introduz um apelo. O arauto espera uma resposta. Tendo anunciado a reconciliação que Deus operou através de Cristo, o embaixador cristão roga aos

homens que se reconciliem com Deus.

Em quarto lugar, embora tanto o despenseiro quanto o arauto sejam intermediários (o despenseiro entre o dono de casa e sua família, o arauto entre o soberano e seu povo), o arauto parece, no Novo Testamento, possuir uma autoridade mais direta, representando mais de perto seu patrão. O despenseiro continua com seu trabalho mesmo quando o dono da casa se afasta por longos períodos; mas quando o arauto transmite sua proclamação, a voz do rei está sendo ouvida. O léxico de Grimm-Thayer define *kêryx* como "um arauto, um mensageiro revestido de autoridade pública que transmitia as mensagens oficiais dos reis, magistrados, príncipes, comandantes militares, ou alguma ordem ou convocação pública (...)" (A Greek-English Lexicon of the Testament, 2? edição revista (Edimburgo: T. & T. Clark, 1892), p.346.). Assim, o pregador cristão é "embaixador de Cristo", como veremos posteriormente com mais detalhes, "como se Deus exortasse por nosso intermédio" (2 Co 5.20). Um exemplo marcante desta mesma verdade encontra-se no segundo capítulo da epístola aos Efésios, em que o apóstolo descreve a reconciliação que Deus efetuou, tanto entre judeus e gentios, quanto entre os dois grupos e ele mesmo. Paulo resume o que Cristo fez através da cruz com as palavras "fazendo a paz". E acrescenta: "E, vindo, evangelizou [pregou] paz a vós outros que estáveis longe, e paz também aos que estavam perto" (Ef 2.15, 17). Esta pregação de paz por Cristo (cf. At 10.36), segundo o contexto, aconteceu depois da sua morte. Dificilmente isto poderia se referir ao seu ensino durante os quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão, pois naquele período ele parece ter se mostrado apenas aos seus discípulos. Portanto, a referência deve ser ao trabalho dos pregadores

cristãos. O mesmo Cristo que fez a paz através de sua morte na cruz, agora está pregando a paz através de seus arautos. E neste sentido que alguns autores modernos têm descrito a pregação cristã como "existencial": é uma atividade de proclamação de boas novas na qual e pela qual Deus em Cristo confronta diretamente homens e mulheres consigo mesmo.

Agora, tendo sugerido as diferenças que há entre os conceitos do despenseiro e do arauto, estamos em condições de examinar mais de perto a condição e o trabalho do arauto. Em muito deste capítulo transparecerá minha dívida para com o Prof. Robert Mounce, catedrático do Departamento de Cristianismo no Bethel College. Seu livro The Essential Nature of New Testament Preaching ("A natureza essencial da pregação no Novo Testamento") foi publicado em 1960. Como o Dr. A. M. Hunter diz no princípio de seu prefácio a este livro, "seu assunto é o *kérygma* - o Evangelho da pregação, que os primeiros arautos de Cristo proclamaram ao grande mundo pagão de sua época, este Evangelho que, após dezenove séculos, continua sendo a Palavra transcendente para os nossos problemas humanos". É um livro original, sugestivo e estimulante.

"No mundo de Homero", escreve o Dr. Muonce, o arauto era um homem digno, que ocupava um cargo importante na corte real", enquanto "na era pós-homérica (...) o arauto servia mais ao Estado que ao rei". Seu trabalho era fazer proclamações oficiais públicas. Ele precisava ter voz forte, e às vezes usava uma trombeta. Além disto, "era essencial que o arauto fosse um homem de bastante auto-controle. A proclamação precisava ser transmitida exatamente como fôra recebida. Como mensageiro direto de seu senhor, ele não pode ousar

acrescentar-lhe sua própria intepretação".

Estes homens aparecem com uma certa freqüência no Antigo Testamento. Faraó fez com que arautos abrissem o caminho para a carruagem de José, dizendo: "Inclinai-vos! " (Gn 41.43). Honra semelhante foi concedida a Mardoqueu, conduzido "a cavalo pela praça da cidade" (Et 6.9-11). O decreto de Nabucodonozor, para que todos se prostrassem e adorassem a imagem de ouro que ele mandara levantar, foi proclamado publicamente por um arauto no vale de Dura (Dn 3.1-5). Em Judá, como nos países estrangeiros, os decretos reais também eram promulgados por arautos, como aconteceu quando o rei Ezequias enviou mensageiros por todo Israel e Judá, convocando o povo a vir a Jerusalém e observar a Páscoa (2 Cr 30.1-10).

João Batista era um arauto também. Alguns dos profetas menores haviam feito proclamações públicas como arautos de Jeová, mas em João Batista este ministério era claro, inconfundível. O evangelista Marcos identifica-o como o "mensageiro de Deus", enviado à frente para preparar o caminho para Deus (Mq 3.1, Mc 1.2). Ele foi o precursor do Messias, chamando o povo ao arrependimento como preparação para a chegada dAquele que haveria de vir. E, se João Batista anunciou a proximidade da vinda do Reino de Deus, Jesus percorria a terra proclamando que com Sua vinda, o Reino havia, de certa forma, chegado também. "Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinado nas sinagogas, pregando (*Kerykssôn*, proclamando) o evangelho do reino (...)" (Mt 4.23). Além disto, ele também entregou esta tarefa a seus discípulos. Durante o tempo de sua vida ele os enviou, dizendo: "Pregai que está próximo o reino dos céus" (Mt 10.7), após a ressurreição, entregou-lhes sua comissão universal, para que "em seu nome se pregasse

(*kerychthênai*) arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações" (Lc 24.47).

O *kérygma* apostólico

Isto nos leva a Atos dos Apóstolos, e a toda a questão do conteúdo do *kérygma* apostólico. E bem conhecido que C. H. Dodd, em seu livro The Apostolic Preaching and its Developments ("A pregação apostólica e sua evolução") fez uma rígida distinção entre *kérygma* e *didaquê*. O primeiro, ele define como "a proclamação pública do cristianismo ao mundo não-cristão", e a segunda, como "instrução de caráter ético" aos já convertidos.' Embora esta diferenciação tenha conquistado ampla aceitação, ela certamente tem sido exagerada. O Dr. Mounce está certo em dizer que os verbos *Keryssein* (proclamar) e *didasquein* (ensinar) são às vezes usados como sinônimos nos Evangelhos; um evangelista diz que Jesus estava ensinando nas sinagogas, e outro, que Jesus estava pregando nas sinagogas (Ex.: Mt 4.23 - ensinando // Mc 1.39 e Lc 4.44 - pregando). Também em Atos estas palavras coincidem um pouco em sentido. Por isto, o Dr. Mounce menciona um *kérygma* didático", e diz: "ensinar é expor em detalhes aquilo que é proclamado"" . Novamente, *kérygma* é o fundamento é *didaquê* a superestrutura; nenhum edifício é completo sem ter os dois".

Já que aceitamos, então, que havia bastante *didaquê* no *kérygma* apostólico primitivo, o que estes primeiros arautos cristãos ensinavam? Qual era o conteúdo de sua proclamação? Dodd resume dizendo que era "uma proclamação da morte e ressurreição de Jesus Cristo, com uma perspectiva escatológica, da qual estes fatos recebem sua importância para a salvação". O Dr. Mounce critica isto

também, com razão. Afirmando que o kérygma apostólico não era "algum tipo estereotipado de sermão com meia dúzia de argumentos", mas sim "uma declaração sistemática da teologia da igreja primitiva", ele propõe que "em sua forma mais simples", este kérygma consistia-se de três partes, que ele resume assim:

(1) "Uma proclamação da morte, ressurreição e exaltação de Jesus, vistas como o cumprimento da profecia, e envolvendo a responsabilidade humana;
(2) "Em conseqüência disto, a consideração de Jesus como Senhor e também Cristo;
(3) "Uma convocação ao arrependimento e a receber perdão de pecados".

Ou, reunindo estes três ítens, ele define o *kérygma* da igreja primitiva como "uma proclamação da morte, ressurreição e exaltação de Jesus, levando à consideração de sua Pessoa como Senhor e também Cristo, confrontando o ser humano com a necessidade de arrependimento, contendo a promessa de perdão de pecados". Assim, o *kérygma* em sua plenitude reunia "uma proclamação histórica, uma consideração teológica e uma convocação ética". Após fazer esta reconstrução do *kérygma* a partir dos cinco discursos de Pedro no princípio do livro de Atos, o Dr. Mounce mostra como ela é confirmada por aquilo que ele chama "um *kérygma* pré-paulino", que pode ser deduzido dos "elementos quase credais que se acham inseridos nas epístolas paulinas", que são elementos "prépaulinos" no sentido que pertencem àquele " `período obscuro' entre a fundação da Igreja e o registro dos textos paulinos" (No capítulo 6, intitulado Clues to a PrePauline Kerygma ("Pistas para um *kérygma* prépaulino"), pp. 88-

109, ele examina especialmente 1 Co 15.3ss.; Rm 10.9; Rm 1.3; Rm 4.24, 25; Rm 8.34; 1 Co 11. 23ss e Fm 2.6-11.).

Para o próposito mais prático a que se destina este capítulo, eu creio que podemos simplificar ainda mais o excelente resumo do *kérygma* apostólico do Dr. Mounce. Fundamentalmente, ele consistia apenas de duas partes, que podemos, provavelmente, chamar de "proclamação" e "apelo". A primeira é formada dos ítens (1) e (2) do sumário do Dr. Mounce. Refere-se à obra de Jesus Cristo e conseqüente avaliação que fazemos de sua Pessoa. É uma proclamação de Jesus como Salvador e Senhor. Isto, claro, é também o conteúdo mínimo irredutível do evangelho. Pregar o evangelho é pregar Cristo, pois Cristo é o evangelho (ex.: At 8.5; Fp 1.15). Mas como haveremos de pregá-lo? Como Senhor (2 Co 4.5), o Senhor do céu, exaltado à mão direita do Pai, a quem os homens devem obediência. Pregá-lo também como o Salvador crucificado, "que foi entregue por causa de nossas transgressões, e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rm 4.25). Estas são duas partes essenciais da proclamação acerca de Jesus Cristo; referem-se à sua Pessoa divina e sua obra salvadora:

keryssomen Christôn estauromênon (1 Co 1.23 - "Pregamos Cristo crucificado")

keryssomen Christôn kyríon (2 Co 4.5 - "Pregamos Cristo [como] Senhor")

Freqüentemente se diz que a ênfase nos sermões mais antigos de Atos e, portanto, do *kérygma* da Igreja Primitiva, estava na ressurreição de Jesus, mais do que em sua morte, e que Lucas dá uma definição concisa de sua mensagem quando diz que Paulo "pregava a Jesus e a

ressurreição" (At 17.18). Isto é verdade, mas também pode ser enganoso. Eles não pregavam a ressurreição isoladamente, mas em relação à morte, que veio antes, e a ascensão, que veio depois. Assim, a ressurreição era "o mais importante dos três grandes eventos que compunham o fundamento histórico do *kérygma*". Mesmo assim, não pode haver dúvida de que, embora a obra salvífica de Cristo seja uma unidade, é principalmente por sua morte que os homens podem ser salvos. Lemos em 1 Co 15.3ss (que o Dr. Mounce afirma ser "sem dúvida a mais valiosa porção do cristianismo pré-paulino no Novo Testamento", e mesmo "o mais antigo documento que existe da Igreja cristã" que "Cristo morreu pelos nossos pecados", não que ele "ressuscitou pelos nossos pecados". Sim, o apóstolo prossegue neste antigo esboço do evangelho, dizendo que ele "ressuscitou", e "apareceu" a várias testemunhas escolhidas, mas a sua ressurreição em si que realizou a nossa salvação, embora tenha evidenciado publicamente esta salvação, realizada pela morte de Cristo, e com a qual o Pai está satisfeito. É por isto que Paulo pode escrever depois, no mesmo capítulo: "se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a nossa fé (...) e ainda permaneceis nos vossos pecados" (1 Co 15.14,17). Se Jesus realmente não se levantou dos mortos, as pessoas permanecem nos seus pecados, sem salvação, não porque a ressurreição as teria salvo, mas porque sem a ressurreição, fica provado que a morte de Jesus não teve valor para a salvação.

E por isto que "pregamos Cristo crucificado" é o âmago do evangelho. Também pregamos Cristo que nasceu e viveu neste mundo (pois ele nunca poderia ter sido nosso Salvador se não tivesse se tornado carne, vivendo uma vida sem pecado). Também pregamos Cristo que subiu aos céus e foi exaltado (pois na sua ressurreição seu valor foi

publicamente reconhecido, e em sua exaltação ele se tornou hoje nosso mediador). Mas a ênfase no *kérygma* do Novo Testamento é na morte vicária do Salvador, pelos pecados do mundo. Bem podemos repetir a afirmação de Paulo: "decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1 Co 2.2).

Assim, a primeira parte de nosso *kérygma* simplificado é a proclamação acerca de Jesus como Salvador e Senhor. A segunda parte é o apelo para que homens e mulheres venham a ele em arrependimento e fé. A definição de evangelismo preparada originalmente em 1918 pelo Comitê de Investigação do Arcebispo Acerca da Obra evangelística da Igreja (Archbishop's Committee of Enquiry on the Evangelistic Work of the Church), e adotada em seguida (com pequenas alterações) pelo Departamento de Evangelismo do Concílio Mundial de Igrejas, não diz que "evangelizar é apresentar Cristo Jesus", mas sim "evangelizar é apresentar Cristo Jesus de tal maneira (...) que as pessoas venham a confiar em Deus através dele, a aceitá-lo como seu Salvador e servi-lo como seu Rei (...)" (Towards the Conversion of England ("Para a con versão da Inglaterra"), Press and Publications Board of the Church Assembly (1945), p. 1.). Em outras palavras, o verdadeiro evangelismo visa uma resposta. Espera resultados. E pregação que exige um veredito. O arauto não faz preleções. Preleções são discursos objetivos, imparciais, acadêmicos. São dirigidas ao intelecto. Buscam apenas transmitir uma certa informação e, talvez, estimular o ouvinte a pesquisar mais por conta própria. Mas o arauto de Deus vem com uma urgente proclamação de paz através do sangue da cruz, e com uma convocação a todos os homens, para que se arrependam, entreguem suas armas, e aceitem humildemente o perdão oferecido.

Embaixadores de Cristo

Em nenhum lugar esta distinção entre proclamação e apelo é mais elaborada que em 2 Coríntios 5.18-21. É verdade que as palavras "arauto" e "proclamar" não aparecem nestes versos, mas a idéia está bem presente. Neste texto Paulo diz que "somos embaixadores em nome de Cristo", e realmente não há diferença entre as funções de "embaixador" e de "arauto". "Com toda a sinceridade eu lhe dou parabéns" - escreveu Charles Simeon a John Venn por ocasião da sua ordenação em 1872 - "não pela oportunidade de receber 40 ou 50 libras por ano, nem, pelo título de Reverendo, mas pela sua ascensão ao cargo mais valioso, mais honrado e mais glorioso do mundo: o cargo de embaixador do Senhor Jesus Cristo" (William Carus, Memoirs of the Life of the Rev. Charles Simeon (Londres: Hatchard, 1847), p.28.). Antes de estudar detalhadamente o texto de 2 Coríntios 5, precisamos examinar a palavra traduzida como "somos embaixadores" (*presbêuomen*).

Esta palavra vem do radical *presbus*, que quer dizer homem velho, ancião. *Presbéia*, portanto, significava inicialmente idade madura, ou o fato de alguém ser um ancião. Mas passou a ser aplicada à dignidade e prestígio que pertencem à idade madura, ou à experiência. Assim, de acordo com o léxico de Grimm-Thayer, era usada para "as coisas que deviam ser confiadas aos anciãos, especialmente o ofício de embaixador". Moulton e Milligan dizem que esta palavra pertencia "ao dia a dia do relacionamento entre as cidades gregas, e destas para com os seus reis" (The Vocabulary of the Greek Testament (Grand Rapids: Eerdmans), p.534.). O homem que ocupava este cargo chamava-se *presbêus* ou *presbêutes*, que equivalia à palavra latina *legatus* (Cf. a relação existente

entre nossas palavras "embaixada" e "delegação".), e a atividade que ele exercia era descrita pela palavra *presbêuein*. Esta, segundo Moulton e Milligan, "era o termo normalmente utilizado no mundo ocidental helênico para descrever o legado imperial", ou seja, seu representante pessoal, que era freqüentemente o governador da província.

Estas palavras ocorrem diversas vezes no primeiro livro dos Macabeus (*Presbêutes* em 1 Mc 13.21, 14.21, 22, e *presbêus* em 1 Mc 9.70, 11.9, e 13.14.), e também nos livros canônicos da Septuaginta - por exemplo, quando os príncipes de Babilônia enviam embaixadores a Ezequias (2 Cr. 32.31). Mas no Novo Testamento, o substantivo *presbéia*, delegação, embaixada, aparece apenas duas vezes, e o verbo *presbêuein*, agir como embaixador, duas vezes também. As duas ocorrências de *presbéia* são em parábolas de Jesus registradas por S. Lucas. Na parábola dos talentos, quando o "homem nobre partiu para uma terra distante, com o fim de tomar posse de um reino, e voltar", "seus concidadãos (...) enviaram após ele uma embaixada, dizendo: 'não queremos que este reine sobre nós"(Lc 19.12-14). Na parábola do rei marchando para a batalha, Jesus imagina que, quando ele descobre que o outro rei tem um exército duas vezes maior que o seu, "envia-lhe uma embaixada, pedindo condições de paz" (Lc 14.31, 32). Ambas as ocorrências do verbo *presbêuein* são da pena de S. Paulo. No final de sua Epístola aos Efésios, ele se descreve como "embaixador em cadeias", pelo evangelho (Ef 6.20)(Cf v.15: "o evangelho da paz".). Ele era um embaixador do evangelho, proclamando as suas boas novas, anunciando sua oferta de paz, e por causa disto é que Paulo encontrava-se prisioneiro naquela ocasião. O outro uso do verbo *presbêuein* vem de 2

Coríntios 5.18-21, uma passagem que precisamos, agora, estudar detalhadamente.

Ora, tudo [isto] provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.

Esta passagem trata a salvaçao em termos de reconciliação que, nas palavras de Vincent Taylor, "é a melhor palavra do Novo Testamento para descrever o propósito da propiciação". Certamente é a palavra mais familiar e mais próxima de nós, enquanto as idéias sacrificiais, judiciais e comerciais envolvidas na idéia de propiciação, justificação e redenção podem soar estranhas e inadequadas a nossos ouvidos modernos. O apóstolo conduz seu tratamento deste grande tema em dois estágios: Primeiramente, ele faz a sua proclamação de como a reconciliação foi levada a cabo por Deus através de Cristo. A seguir, chamando a si mesmo de embaixador, ele faz o seu apelo para que as pessoas se reconciliem com Deus.

A proclamação

Veremos primeiramente a proclamação. Ele começa dizendo que "tudo [isto] provém de Deus" (v.15). Deus é o autor da reconciliação. Na obra da expiação, a iniciativa foi tomada pelo Pai; não pelo homem. Na lúcida expressão do

Arcebispo William Temple, "tudo vem de Deus; a única contribuição pessoal que eu faço na minha redenção é o pecado do qual preciso ser redimido". Também não é de Cristo a iniciativa. A reconciliação é "por meio de Cristo" (v.18) e "em Cristo" (v.9), mas é "de [*ek*] Deus" (v.18). Jesus Cristo é o meio pelo qual a reconciliação veio, não a sua origem. Qualquer tentativa de explicar a expiação sugerindo que a iniciativa para a obra da salvação foi do Filho à revelia do Pai, ou que o Pai "sofreu a intervenção de um outro partido, na reconciliação" (P. T. Forsyth, The Work of Christ (Londres: Hodder &Stoughton, 1910), p.89.), deve ser resolutamente rejeitada, como anti-bíblica. Não podemos tolerar a idéia que houve alguma relutância por parte do Pai. Ao contrário, "Deus (...) nos reconciliou consigo mesmo" (v.18). Para deixar isto definitivamente fora de dúvida, sete verbos principais nestes versos (indicativos e particípios) têm Deus como sujeito. Foi Deus quem reconciliou, quem deu, quem estava em Cristo reconciliando, quem não nos imputou nossos pecados, quem nos confiou a mensagem da reconciliação, quem exorta, quem fez com que Cristo fosse feito pecado por nós. O desejo, a idéia, o plano, os meios de reconciliação, "tudo [isto] provém de Deus".

Mas, se o autor da reconciliação é Deus, o agente é Cristo. Foi "por meio de Cristo" e "em Cristo" que Deus realizou a reconciliação. E isto ele fez de maneira objetiva e decisiva. Isto fica claro pelo uso do particípio aoristo *katalacsántos* no verso 18. Este verbo deve receber todo o seu peso em nossa interpretação. Aqui não está algo que Deus está fazendo, mas algo que Deus já fez. Citando P. T. Forsyth outra vez, "Deus estava realmente reconciliando, terminando a obra. Não foi uma experiência, algum evento preliminar. (...) A reconciliação foi completada na morte de

Cristo. Paulo não pregou uma reconciliação gradual. Ele pregava aquilo que os antigos doutores de teologia costumavam chamar de a obra consumada. (...) Ele pregava algo que foi feito de uma vez por todas - uma obra que não é apenas um convite, mas a base da reconciliação de toda alma com Deus.

Semelhantemente, James Denney escreveu: "A obra da reconciliação, no sentido neotestamentário, é uma obra completa, uma obra que precisamos ter como completa como pressuposto para a pregação do evangelho" (James Denney, The Death of Christ (Londres: Tyndale Press, 1950; original, 1902), p.85.).

Esta realização objetiva de Deus através da cruz de Cristo é indicada por algo mais do que o particípio aoristo *katalacsántos*. Ela é esclarecida pelo contraste entre os verbos de reconciliação nos versos 18 e 19, de um lado, e no verso 20, do outro. Precisamos encontrar alguma explicação para as palavras "Deus (...) nos reconciliou consigo mesmo" (v.18), e "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (v.19), que faça justiça também ao "rogamos que vos reconcilieis com Deus" do verso 20. Se interpretarmos os primeiros dois casos como referindo-se à influência reconciliadora de Deus sobre os seres humanos hoje, o apelo do verso 20 perde todo o seu sentido, e conseguimos fazer com que toda a passagem se torne irrelevante. E claro que há uma diferença aqui, que precisa ser preservada. Há dois estágios que não devem ser confundidos. Precisamos saber distingüir entre a iniciativa divina na morte de Cristo e o apelo divino que busca a resposta do ser humano hoje. A primeira foi um fato consumado (expresso pelo particípio aoristo *katalacsántos*); o segundo é um apelo (expresso pelo imperativo aoristo *katallágete*, v.20).

Que fato consumado foi este? O que Deus fez em - e através de - Cristo, que agiu sobre os nossos pecados (sobre os quais permanece a ira de Deus) e removeu a barreira que nos separava dele, e nos reconciliou consigo mesmo? Em primeiro lugar, negativamente, ele recusou-se a nos imputar os nossos pecados (v.19). Esta expressão vem do Salmo 32.2 (citado em Rm 4.8), onde descreve a felicidade do homem a quem Deus não atribui iniqüidade. Estas palavras têm a implicação de que teria sido natural e justo que Deus nos imputasse os nossos pecados. Sim, "o pecado não é levado em conta quando não há lei" (Rm 5.13), mas quando existe uma lei de Deus, os pecados (aqui corretamente chamados de "transgressões"), são e precisam ser imputados. Ou seja, são considerados responsabilidade do pecador, e contam contra ele. Mas é exatamanete isto que Deus recusou-se a fazer, pura e simplesmente pela graça. Ele declinou-se a cobrá-los de nós. Ao invés disto (e esta é a segunda coisa que Deus fez, o lado positivo), "aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (v.21). Estas maravilhosas palavras formam, reconhecidamente, uma das mais ousadas declarações sobre a morte de Cristo no Novo Testamento. É fácil associá-las a Gálatas 3.13, onde está escrito que Cristo fez-se maldição em nosso lugar. O que Paulo quis dizer com isto?

O versículo (21) começa com uma declaração da "apecaminosidade" de Jesus. Ele não é citado nominalmente, mas apenas uma Pessoa pode corresponder à descrição: "aquele que não conheceu pecado". Ele não "conheceu" o pecado, no sentido hebraico do verbo. Ele não teve experiência alguma do pecado. Este Cristo completamente sem pecado que foi feito pecado por nós. Que sentido isto pode ter, exceto que ele foi feito pecado

pelos nossos pecados? Paulo não está sugerindo que Cristo tinha um profundo sentimento de simpatia pelos nossos pecados; na verdade, trata-se da verdadeira e terrível identificação de Cristo com os nossos pecados uma identificação que só ele, por ser completamente destituído de pecado, poderia efetuar (Esta ligação, no pensamento e no ensino apostólico, entre a apecaminosidade de Jesus e sua morte por nossos pecados, aparece também em Hb 7.26, 27; 1 Pe 1.18, 19; 2.22, 24; 3,18, e 1 Jo 3.5.). Ele, que foi "feito carne" no ventre de Maria, sua mãe, foi "feito pecado" na cruz do Calvário. Deus, para não nos imputar os nossos pecados, imputou-os a Cristo, e seu Filho, que não conheceu pecado, foi feito pecado por nossa causa. Quando dizemos estas coisas, não podemos nos esquecer do que o verso 19 ensina: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo". De que maneira Deus estava em Cristo quando por ele Cristo foi feito pecado por nossa causa, eu não sei dizer. Estamos lidando com o supremo paradoxo da expiação. Mas Paulo ensinou as duas verdades, e nós as aceitamos, mesmo sem poder reconciliá-las ou formulá-las de forma precisa e elegante. Deus fez que Cristo se tornasse pecado com os nossos pecados, para que pudéssemos nos tornar justos com a justiça de Cristo. Esta misteriosa permuta só é possível àqueles que estão "nele" (a última palavra do capítulo, no texto original), aqueles que estão pessoalmente unidos a Cristo pela fé. Deus estava em Cristo realizando nossa reconciliação (v.19); e nós precisamos estar em Cristo para recebê-la (v.21).

Fica evidente, então, que a reconciliação não consiste apenas em vencer a obstinada resistência do ser humano, mas também em carregar o seu pecado e sua condenação. Quem "muda" também é Deus, não o homem

(O Dr. Leon Morris, no capítulo IV de seu livro The Apostolic Preaching of the Cross - Grand Rapids: Eerdmans, 1955 -, afirma que a principal idéia envolvida na palavra *alásso*, reconciliação, e suas derivadas, é a de mudança. Ele dá também alguns exemplos em escritos rabínicos, uma referência em Josefo, e três em 2 Macabeus, onde se diz que Deus reconciliou-se com o homem.). É verdade que o Novo Testamento nunca diz exatamente que Deus foi ou está sendo reconciliado com o homem. Deus nunca figura como objeto do verbo "reconciliar", e quando ele é o sujeito, a voz é sempre a ativa, nunca a passiva. Mesmo assim, J. H. Bernard escreve, acerca da idéia de Deus sendo reconciliado conosco: "É muito improvável que S. Paulo sentisse alguma dificuldade com esta expressão" (An Expositor's Greek Testament, ed. W. R. Nicoll (Grand Rapids, Eerdmans), ad loc.). O fato é que o apóstolo Paulo apresenta a reconciliação como um feito divino, através da morte de Cristo e independente de qualquer contribuição humana, que podemos apenas "receber" (Rm 5.11) como dom gratuito. Citando novamente James Denney, "é em virtude de algo que já foi consumado na cruz que Cristo pode nos fazer este apelo, e obter a resposta em que nós recebemos a reconciliação".

É esta reconciliação que somos chamados a proclamar, como arautos. O autor da reconciliação é Deus, o agente da reconciliação é Cristo, mas os homens são os seus embaixadores. Esta é a seqüência lógica do pensamento. A reconciliação vem de Deus para nós através de Cristo, para que a recebamos e a façamos conhecida por outras pessoas. Deus não fica satisfeito por ter planejado, realizado e concedido a nós esta reconciliação; ele providencia também que ela seja divulgada. A reconciliação deve ser proclamada por aqueles que a receberam. Assim,

Deus nos dá dois presentes: a reconciliação em si, e o "ministério" (v.18) e "a palavra" (v.19) da reconciliação. Se não recebemos ainda a reconciliação, não podemos proclamá-la; após recebê-la, temos esta obrigação. Ou, dizendo a mesma verdade com outras palavras, quando estamos "em Cristo", e nos tornamos justiça de Deus (v.21), descobrimos então que somos "de Cristo", e nos tornamos seus embaixadores (v.20). Além disto, não devemos deixar de notar em ambos as expressões" (v.18), a presença do artigo definido. Fomos chamados para o ministério da reconciliação. A mensagem que devemos proclamar é a palavra da reconciliação. Somos comissionados como arautos da única reconciliação que interessa a Paulo, aquela que foi realizada pelo Pai através do Filho, na cruz.

Desta maneira, o apóstolo Paulo declara aquilo que estamos chamando de proclamação, o anúncio do que Deus fez para a nossa reconciliação consigo. Ele recusou-se a imputar sobre nós os nossos pecados. Ele tornou Cristo pecado por nós. Este é o "evangelho" que proclamamos. E a proclamação de um fato, um feito glorioso e completamente terminado, de um presente que pode ser agora livremente recebido. Porém, apesar do enorme valor desta boa notícia não estamos autorizados a permanecer indiferentes à reação de nossos ouvintes a ela. Assim, Paulo vai da proclamação ao apelo. "Somos embaixadores em nome de Cristo" - ele escreve - "como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus" (v.20).

O apelo

O apelo do embaixador é representado aqui de duas

maneiras diferentes: em primeiro lugar, nós "somos embaixadores em nome de Cristo (...) Em nome de Cristo, nós rogamos que vos reconcilieis com Deus". Mas também é Deus que exorta por nosso intermédio. Estudaremos estas duas expressões, uma de cada vez.

Primeiramente, "somos embaixadores em nome de Cristo (...) Em nome de Cristo, pois, vos rogamos que vos reconcilieis (...)". A repetição de *hyper Christú* ("no lugar de", ou "em nome de Cristo"), é realmente maravilhosa. Este é o nosso alto privilégio. Foi por nós (*hyper hemôn*, v.21), que Deus tornou Cristo pecado; hoje, é por causa de Cristo *(hyper Christú*, v.20) que Deus nos torna embaixadores. Seu interesse por nós foi tão grande que o levou até a cruz; até que ponto vai o nosso interesse por Cristo? Se o amássemos tanto quanto ele nos amou, seríamos embaixadores realmente zelosos! Este "em nome de Cristo" pode transformar nosso ministério. Não há incentivo mais poderoso para o evangelismo do que "*hyper tú onômatos autû*" "por causa do seu nome", "por amor do seu nome" (Rm 1.5) (O mesmo incentivo aplicado ao sofrimento, ao invés de ao serviço: At 5.41; Fp 1.29.).

Portanto, é por causa de Cristo, para o engrandecimento do seu reino, para a glória do seu nome, que nós somos embaixadores e rogamos aos homens que se reconciliem com Deus. Não podemos suportar o pensamento que ele tenha sofrido em vão. Deus fez, através da morte de Cristo, tudo o que é necessário para a reconciliação do ser humano? Então, enfrentaremos todas as dificuldades para insistir com os homens, persistentemente, ansiosamente, sobre a necessidade de serem reconciliados com Deus. Este apelo urgente não é muito popular em alguns ambientes eclesiásticos de hoje, mas eu não tenho dúvida alguma que era exatamente isto

que Paulo tinha em mente, e espero poder provar.

S. Paulo usa dois verbos diferentes para descrever o apelo do embaixador: "Deus exortando", que é *parakalúntos*, e "nós vos rogamos", que é *deómetha*. *Parakaléin* é um termo com uma gama ampla de signify-cados, especialmente "admoestar, exortar", "pedir, implo-rar, interceder", e também confortar, encorajar e fortalecer. Mas *déomai* é menos ambíguo. Sim, freqüentemente seu sentido é um tanto fraco (como, por exemplo, em At 8.34, 21.39, 26.3), mas não há dúvida que o sentido é sempre "pedir, implorar, suplicar, rogar". No Evangelho segundo S. Lucas, é usado para quando "um homem coberto de lepra, ao ver Jesus, prostrando-se com o rosto em terra, suplicou -lhe" que o purificasse (Lc 5.12); quando o endemoniado gadareno prostrou-se diante de Jesus e exclamou: "Rogo-te que não me atormentes", e mais tarde "rogou "que Jesus permitisse que ele o acompanhasse (Lc 8.28, 38); e quando o pai daquele menino com aparência de epilético "rogou" aos discípulos de Jesus que expulsassem dele aquele espírito imundo, e depois estava clamando a Jesus: "suplico-te que vejas meu filho" (Lc 9.38, 40). Este é o mesmo verbo que S. Paulo utilizou em algumas das passagens mais emocionais de suas epístolas (ex.: Gl 4.12; 2 Co 10.2 [v. 1 é *parakalêin*]). E é a palavra traduzida por oração. Sim, muitas vezes trata-se de uma petição comum (ex.: Mt 9.38 = Lc 10.2; Lc 21.36, 22.32;At 4.31, 8.22, 24;1 Ts 3.10), mas às vezes, *déesis* significa uma súplica intensa, como quando Jesus angustiava-se no jardim de Getsêmane (Hb 5.7), ou quando o apóstolo expressa que "a boa vontade" do seu coração, e sua "súplica [*déesis*] a Deus" em favor de Israel "é para que sejam salvos" (Rm 10.1, cf. 9.1-3). A luz do uso desta palavra no Novo Testamento, podemos ver no apelo do embaixador uma

exortação de extrema urgência aos homens, para que façam as pazes com Deus. Nada menos forte seria apropriado a alguém que trabalha "em nome de Cristo", e Cristo crucificado.

A outra descrição que o apótolo faz do apelo é ainda mais impressionante. Não é apenas "nós somos embaixadores em nome de Cristo", e "nós rogamos" que as pessoas se reconciliem com Deus; é Deus também fazendo sua exortação através de nós. O mesmo Deus que tornou possível a reconciliação e que nos deu o ministério e a palavra da reconciliação, mantém ainda a iniciativa no estágio final deste processo. A realização foi dele; o apelo é dele também. Precisamos ter em mente a magnaminidade divina. Ele, que trabalhou "por nós" (v.21), agora trabalha "através de nós", "por nosso intermédio" (v.20). Realmente, ele, que atuou "por meio de Cristo"(v.18) para realizar a reconciliação, agora atua "por meio de nós" (v.20) para implorar aos pecadores que a aceitem. Enquanto Cristo foi seu agente no primeiro caso, nós somos seus agentes no segundo. E esta a honra indizível que ele confere a seus embaixadores. E como se ele usasse a proclamação das boas novas, tanto a proclamação quanto o apelo, para falar pessoalmente aos homens, para manifestar-se pessoalmente a eles e trazê-los à salvação.

Precisamos ter cuidado com o modo como expressamos esta impressionante verdade. Alguns escritores modernos sentem tanto desejo de chamar atenção para aquilo que é chamado de "o caráter existencial da pregação", que eu creio estarem arriscando-se a ir longe demais. No último capítulo do livro do Dr. Mounce, intitulado "A Natureza Essencial da Pregação", ele afirma: "a proclamação da cruz é, ela mesma, a continuação ou a extensão no tempo do próprio prio ato redentivo". É um

prolongamento e mediação da atividade redentora de Deus'. "Quando ele [o pregador] proclama pela fé o grande feito divino, percebe que este fato está acontecendo de novo". "As barreiras do tempo são de algum modo ultrapassadas, e o supremo fato do passado está acontecendo de novo". Semelhantemente, no prefácio do livro ele escreve: "No lugar onde o tempo e a eternidade se cruzam, ele [o pregador] tem o alto privilégio de prolongar no tempo aquele poderoso feito de Deus que, num determinado sentido, faz parte da história do Império Romano". Confesso que algumas destas afirmações me soam arriscadas e incautas. Em que sentido o arauto, com sua proclamação, pode "prolongar", ou produzir uma "continuidade" ou "extensão" do ato redentivo de Deus na cruz? O Dr. Mounce parece indicar que de alguma forma, a cruz está "acontecendo de novo". Pelo menos, ele usa esta expressão duas vezes. Mas eu confio que ele não está querendo dizer que há, ou poderia haver, qualquer forma de repetição da morte vicária do Salvador. Cristo morreu *hápax*, uma vez só, definitivamente, como os escritores do Novo Testamento vez após vez afirmam. Sua obra foi terminada, seu sacrifício foi completo, sua missão foi cumprida na cruz, e "tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados" (Hb 10.12), ele assentou-se à destra do Pai.

O que o Dr. Mounce e outros autores estão realmente dizendo - e com isto eu concordo alegremente - é que através da pregação Deus transforma a história passada em realidade presente. A cruz foi, e será para sempre, um evento histórico único no passado. E permanecerá no passado, nos livros, a não ser que Deus mesmo a torne real e relevante para as pessoas de hoje. É pela pregação, em que ele faz o seu apelo aos homens

através de homens, que Deus realiza este milagre. Ele abre os olhos deles para que percebam o verdadeiro significado da cruz, seu valor eterno e sua validade para hoje. "Pregação" escreve o Dr. Mounce - "é aquele elo atemporal e eterno entre o grande ato redentivo de Deus e a sua apreensão pelo ser humano. É o meio pelo qual Deus comtemporaniza sua autorevelação histórica, e oferece ao homem a oportunidade de responder com fé". É mais do que isto, ainda. Deus não apenas confronta as pessoas através da proclamação do pregador; ele realmente as salva através da pregação também. Isto S. Paulo diz de maneira categórica: "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura do *kérygma* "(1 Co 1.21). Assim também, o evangelho é, ele mesmo, "o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16). Jesus não disse, citando Isaías 61 na sinagoga de Nazaré: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para por em liberdade os oprimidos"? Sua missão, diz ele, é não apenas "proclamar libertação aos cativos", mas realmente "[pô-los] em liberdade"! "Aqui está" - comenta o Dr. Mounce - "uma característica exclusiva da proclamação dos arautos do Novo Testamento: ao mesmo tempo que proclama, ela faz acontecer o que está sendo proclamado. A proclamação da liberdade ao mesmo tempo liberta. A proclamação da restauração da vista abre os olhos dos cegos".

Mas, mesmo levando tudo isto em consideração, não podemos dizer que a cruz e a pregação da cruz são feitos igualmente importantes na obra divina de redenção. Nem pensar! Deus executou a nossa redenção na cruz; a

pregação "comunica de forma efetiva o poder e a atividade redentiva de Deus". Ou, voltando a 2 Coríntios 5, Deus reconciliou-nos consigo através de Cristo; o que ele faz através de nós é apelar aos homens, que sejam reconciliados com ele, levando-os assim a desfrutar desta reconciliação.

Podemos agora concluir, com uma aplicação prática para todas estas informações teóricas. A grande lição que a metáfora do arauto nos ensina, no Novo Testamento, é que a proclamação e o apelo devem vir juntas. Não podemos separá-los. Ter um destes componentes separado do outro torna impossível a verdadeira pregação no sentido que ela tem no Novo Testamento. Em diversas ocasiões podemos encontrá-los combinados. Um exemplo são as primeiras palavras que temos registradas do ministério público de nosso Senhor: "O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo" (proclamação); "arrependei-vos e crêde no evangelho" (apelo) (Mc 1.15).

Outro caso é parábola da grande festa, onde o servo recebe ordem de dizer aos convidados: "Vinde, porque tudo já está preparado" (Lc 14.17). "Tudo já está preparado" é a proclamação; "vinde" é o apelo que se segue. O mesmo padrão se percebe nos primeiros discursos em Atos, por exemplo: "Deus (...) glorificou a seu Servo Jesus, a quem vós traístes e negastes (...). Vós (...) matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos (...). Arrependei-vos, pois, e convertei-vos" (At 3.13-19). Nós mesmos já percebemos esta seqüência na segunda epístola de Paulo aos Coríntios: primeiro o anúncio da reconciliação realizada; depois o apelo para recebê-la. Primeiro, de fato, "Deus nos reconciliou consigo mesmo"; depois, "rogamos que vos reconcilieis com Deus".

Nada de apelo sem proclamação

Desta união da proclamação e o apelo, podemos aprender duas lições que se complementam mutuamente: Em primeiro lugar, nunca devemos fazer um apelo sem ter entregue a proclamação. Muitos males foram feitos às almas dos homens, muita desonra ao nome de Cristo, por negligenciar esta regra simples. As pregações evangelísticas têm sido por demais vezes uma espécie de longo apelo à decisão, sem que a congregação tenha recebido nenhuma base substancial para tomar esta decisão. Mas o evangelho fundamentalmente não é um convite aos homens, esperando que eles façam algo; o evangelho é uma declaração daquilo que Deus já fez em Cristo na cruz para a salvação dos homens. O convite não pode ser dado com propriedade antes que a declaração tenha sido feita. As pessoas precisam perceber a verdade antes de serem desafiadas a aceitá-la. É verdade que a mente humana é finita e decaída, mas nunca devemos pedir às pessoas que a assassinem. Se alguém vem a Cristo em arrependimento e fé, precisa ser também com pleno assentimento mental. Muitas das perdas de crentes novos logo após as campanhas evangelísticas deve-se ao descuido por parte do evangelista. Se disserem que não podemos levar em conta a mente humana na pregação evangelística porque ela está obscurecida, só posso responder que os apóstolos tinham outra opinião. Alguns dos verbos utilizados por Lucas em Atos para descrever a pregação, são decididamente intelectuais, como *didasquêin* (ensinar), *dialégesthai* (argumentar), *suzetêin* (discutir), *synquinêin* (confundir), *paratíthemi* e *sumbibazêin* (provar), *diakatalégkein* (refutar poderosamente) (vide Atos 20.31; 17.2, 17; 18.4, 19; 19.8, 9; 24.25; 9.29; 9.22; 17.3;9.22; 18.28).

Algumas vezes também, como resultado desta pregação dialética, não lemos que pessoas foram "convertidas", mas sim que foram "persuadidas" (At 17.4; 18.4; 19.8, 26; 28.23, 24). O que significa isto? Significa que os apóstolos estavam ensinando um corpo de doutrinas, e argumentando com as pessoas a respeito da conclusão a que deveriam chegar. Eles buscavam uma conquista intelectual, persuadir as pessoas que a sua mensagem era verdadeira, convencê-las para convertê-las. Este fato interessante é ainda confirmado por duas outras considerações: Primeiramente, que Paulo às vezes ficava longos períodos de tempo no mesmo lugar. O exemplo mais notável disto é sua visita a Éfeso, na terceira viagem missionária. Após um ministério de três meses na sinagoga, Paulo retirou-se, "passando a discorrer diariamente na escola de Tirano" [alguns manuscritos acrescentam: "da quinta até a décima hora"] "por espaço de dois anos" (At 18.8-11; cf. 14.3; 16.12, 14; 18.1118). Cinco horas de aula por dia, por dois anos completos! Isto dá mais de 2500 horas de ensino evangélico! Não admira que no verso 10, possamos ler que, como resultado, todos os habitantes da Ásia puderam ouvir a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos. Não há dúvida que o antigo *kérygma* apostólico era cheio de uma sólida *didaquê* (Veja Atos 13.2 e 17.19, onde a pregação do evangelho é chamada exatamente de *didaquê*; e 5.42 e 28.31, por exemplo, onde ensino e pregação não podem significar simplesmente ensino para os crentes e pregação para os incrédulos.). A segunda confirmação do fato que havia solidez intelectual na pregação dos apóstolos, é que no Novo Testamento, a experiência da conversão é freqüentemente descrita não como um encontro Com Cristo, mas com a verdade. Converter-se é "acolher a verdade" (2 Ts 2.10-13),

"conhecer a verdade" (Jo 8.32;1 Tm2.4;4.3;2Tm2.25;Tt 1.1), e "obedecer a verdade" (Rm 2.8; 1 Pe 1.22;cf. Gl 5.7), enquanto a pregação em si é a "manifestação da verdade" (2 Co 4.2). Paulo chega ao ponto de descrever a conversão dos romanos com as seguintes palavras: "Outrora escravos do pecado, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina [*typon didaquês*] a que fostes entregues"!

Precisamos, então, seguir o exemplo dos apóstolos, e não ter medo de ensinar doutrina sólida às pessoas, ou argumentar racionalmente com elas. E claro que elas não podem entender e nem crer sem a iluminação do Espírito Santo, mas isto não significa que tenhamos liberdade de diluir o conteúdo intelectual do evangelho. Como Grescham Machen sabiamente afirmou, precisamos fazer o melhor possível para dar às pessoas boas razões para crer, mas é o Espírito Santo que abre as suas mentes para que "reconheçam o peso das evidências" (J. Grescham Machen, Christian Faith in the Modern World (Grand Rapids: Eerdmans), p. 630.).

Nada de proclamação sem apelo

A segunda lição que precisamos aprender desta ligação que a Bíblia faz entre proclamação e apelo é o complemento da primeira: nunca devemos entregar a proclamação sem fazer, então, um apelo. Se fosse o caso de escolher entre os dois, eu daria preferência à proclamação, mas felizmente não nos cabe esta escolha. Precisamos dar lugar tanto à proclamação quanto ao apelo em nossa pregação, se desejamos ser verdadeiros arautos do Rei. Não tenho a presunção de dizer que forma deve ter este apelo. Nem estou defendendo aqui algum método ou uma técnica especial de evangelismo. Estou apenas

afirmando que proclamação sem apelo não é pregação bíblica. Não basta ensinar o evangelho; precisamos insistir com os homens para que o recebam.

Naturalmente, há diversos fatores que inibem os pregadores de fazer este apelo. Existe um tipo de ultra-calvinismo que considera o chamado ao arrependimento e à fé, uma espécie de usurpação das prerrogativas do Espírito Santo. Sim, nós concordamos que o ser humano está cego, morto e aprisionado; que arrependimento e fé são dons de Deus; e que as pessoas são incapazes de deixar os seus pecados e se entregarem a Cristo se não houver a atuação prévia da graça do Espírito Santo. O apóstolo Paulo ensinou estas verdades. Mas isto não deveria nos impedir de rogar aos homens que se reconciliem com Deus, porque o apóstolo Paulo fez isto também! Outros pregadores têm grande horror ao emocionalismo. Eu também, quando se trata de estimular artificialmente as emoções com artifícios de retórica ou outros truques. Mas não devemos temer a emoção genuína. Se conseguimos pregar Cristo e continuarmos completamente inabalados, devemos ter um coração realmente muito endurecido. Mais temível que a emoção é o profissionalismo frio, a exposição seca, imparcial, de um discurso sem alma nem coração. Será que o risco que as pessoas estão correndo, de se perder, e a salvação que Cristo oferece, será que estas coisas significam tão pouco para nós que não sentimos um pouco de calor dentro de nós quando pensamos nelas? Richard Baxter era muito diferente disto. Ele escreveu em seu livro Reformed Pastor ("O pastor reformado"); em 1656: "Fico impressionado com a minha capacidade de pregar fria e deslocadamente, de deixar as pessoas a sós com seus pecados, sem ir até elas e rogar, pelo amor de Deus, que se arrependam, não importa como fôsse recebido ou

quanto trabalho ou dor isto me custasse. Raramente eu desço do púlpito sem que a minha consciência me acuse por não ter falado com mais seriedade ou fervor. Ela não me acusa por falta de ornamentação ou de elegância humana, ou por deixar de fora alguma palavra difícil; minha consciência pergunta: "Como pudeste falar de assuntos de vida ou morte com o coração tão frio? Não deverias chorar por causa destas pessoas, tua palavra cortada pelo choro? Não deverias chorar em voz alta, e mostrar-lhes os seus pecados, e rogar como pela vida ou morte?" (Richard Baxter, The Reformed Pastor (Londres: Epwoeth Press, 20 edição revista, 1950), pp. 145, 106.).

O verdadeiro arauto de Deus tem cuidado primeiramente de fazer uma proclamação fiel e datalhada do grande ato redentivo de Deus na cruz de Cristo, e então de trasmitir um apelo intenso e sincero aos homens, para que se arrependam e creiam. Nunca uma destas coisas sem a outra; sempre as duas juntas!

CAPÍTULO III

testemunha

A experiência e humildade do pregador

A terceira palavra que o Novo Testamento usa em relação ao pregador cristão, é "testemunha". Para ser exato, é possível testemunhar acerca do Senhor Jesus Cristo sem ser um pregador, mas, assim mesmo, a atividade da pregação é algumas vezes chamada de "testemunho". Por exemplo: falando aos anciãos da igreja de Éfeso em Mileto, Paulo descreve o ministério que ele recebeu do Senhor Jesus como "testemunhar o evangelho da graça de Deus", e "testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (At 20.21, 24) (N. do T.: o mesmo verbo é usado no grego para estas duas passagens.).

O que estas palavras, "testemunhar" e "testificar", significam para você? Para alguns, a idéia transmitida é aquilo que comumente chamamos "dar um testemunho" (que normalmente consiste em narrar as circunstâncias da sua conversão, talvez adicionando algumas notas autobiográficas sobre como tem sido sua peregrinação espiritual desde então). Para outros, o "testemunho" é acima de tudo as nossas vidas, muito mais do que aquilo que falamos: a poderosa influência do exemplo do cristão. Há alguma verdade nestas duas idéias, tanto que nosso testemunho falado precisa do apoio e da autoridade da experiência pessoal, e da evidência de uma vida coerente.

Entretanto, o conceito bíblico de "testemunho" é bem mais amplo que estas duas idéias, e quando pensamos no pregador como "testemunha", é importante termos como pano de fundo a totalidade do ensino da Bíblia a este respeito. Não sei de maneira melhor de começar do que tomando por base as palavras de Jesus registradas em João 15.26,27:"Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio".

A palavra "testemunhar", "dar testemunho", coloca-nos em uma situação muito diferente daquela que estávamos analisando nos capítulos anteriores. O "despenseiro" é uma metáfora doméstica. Coloca-nos dentro de uma casa, onde podemos pensar no pai de família confiando a seu mordomo certas provisões que devem ser administradas para o bem da família. O "arauto" é uma metáfora política. Leva-nos ao ar livre, ao mercado ou à rua principal, onde o arauto toca a sua trombeta para ajuntar o povo e, em nome do rei, faz uma urgente proclamação de boas notícias. Mas "testemunha" é uma metáfora jurídica: Leva- nos ao tribunal. Vemos o juiz e também o prisioneiro que está sendo julgado. Podemos ouvir como o caso se desenvolve, e como a procuradoria e o advogado de defesa fazem os seus pronunciamentos, sempre chamando as testemunhas para consubstânciá-los.

De que maneira, então, o pregador é chamado "testemunha" no Novo Testamento, como se espera que ele "testifique"? Sugiro que a situação é a seguinte: Jesus Cristo está sendo julgado, não pelo Sinédrio, nem por Pôncio Pilatos, e nem por Herodes Antipas, mas no tribunal da opinião pública. O "mundo" (que significa, no Novo Testamento, a sociedade secular, afastada de Deus, não-

cristã, às vezes desinteressada e às vezes hostil) exerce o papel de juiz. O mundo está continuamente julgando Jesus, dando seus vários vereditos a respeito de Jesus. O diabo o acusa com muitas mentiras e chama centenas de falsas testemunhas para depor. O Espírito Santo é o *Paráclетos*, o advogado de defesa, e nos chama como suas testemunhas. O pregador cristão tem o privilégio de testemunhar para Jesus e por Jesus, defendendo-o, elogiando-o, colocando diante da côrte alguma evidência que eles precisam ouvir e considerar antes de dar seu veredito final.

Vamos examinar com detalhes este breve sumário.

Em primeiro lugar, o testemunho cristão é dado perante o mundo. E este mesmo "mundo" que está acusando e julgando Jesus, e o testemunho do pregador não pode ser perfeitamente avaliado até que tenhamos uma idéia verdadeiramente bíblica do que seja o mundo. Se queremos descobrir qual é a natureza, atividade e destino do mundo, precisamos estudar a literatura joanina. Seu príncipe, aquele que o governa, é o diabo (Jo 12.31; 16.11). Realmente, "o mundo inteiro jaz no maligno" (1 Jo 5.19). O mundo está em processo de desaparecimento (1 Jo 2.17), mas enquanto ele existe, seu antagonismo para com a Igreja, o povo de Deus, é amargo e profundo (1 Jo 3.13, por exemplo). Por isto estes versos, e o final de João 15 (que estamos estudando), estão imersos num contexto de hostilidade e de ódio do mundo, e só podem ser entendidos dentro deste contexto. "Se o mundo vos odeia" - Jesus estava mesmo dizendo - "sabei que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. (...) Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros. (...) Isto é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: "odiaram-me sem motivo" (Jo 15.18, 20, 25). E depois do texto que estamos estudando, ele continua: "Eles vos expulsarão das

sinagogas; mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isto tributar culto a Deus." (Jo 16.1-4) E assim por diante. O mundo odeia, o mundo persegue, o mundo despreza, o mundo mata. É assim o antagonismo do mundo.

"Porém" - Jesus continua (que poderosa conjunção adversativa!) - quando vier o Consolador (...) esse dará testemunho de mim, e vós também testemunhareis". Como deve reagir o Cristão que enfrenta oposição do mundo? Certamente não revidar. E nem ficar amargando sozinho suas frustrações. E nem retirar-se a uma reclusão segura e bem protegida, fugindo da desagradável inimizade do mundo. Não! Ele precisa dar um corajoso testemunho de Jesus Cristo diante do mundo, no poder do Espírito Santo. Eis o mundo: às vezes indiferente e apático, na superfície, mas no fundo agressivo e rebelde. Como eles poderão ouvir, entender, arrepender-se e crer? Como poderão ser convencidos a dar uma sentença favorável sobre Jesus, que está diante deles? Só há uma resposta: através do nosso testemunho. É por causa da oposição que o mundo descrente faz a Cristo que o testemunho da Igreja por Cristo se faz necessário.

O Filho

Em segundo lugar, o testemunho Cristão é testemunho do Filho. "Quando vier o Consolador (...) dará testemunho de mim": O ódio do mundo focaliza-se em Cristo. "Odiaram-me sem motivo." "Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim." Portanto, é de Cristo o testemunho do Espírito e da Igreja. Ele é quem está sendo julgado; por ele nós devemos falar.

Assim, por todo o Novo Testamento, o Evangelho é

fundamentalmente testemunho acerca de Cristo. É assim que está no Apocalipse também. O vidente João apresenta-se como um servo de Deus que "atestou" (testemunhou) a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo" (Ap 1.2). Semelhantemente, a Igreja perseguida no deserto são "os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus" (Ap 12.17). Também é este testemunho acerca de Cristo que une o Antigo e o Novo Testamento, porque "o testemunho de Jesus é o espírito da profecia" (Ap 19.10).

Certamente, os apóstolos não tinham dúvida sobre a orientação que seu testemunho deveria ter. Jesus havia dito a eles antes e depois de sua ressurreição que testificassem a seu respeito (Jo 15.26, 27; At 1.8), e eles obedeceram esta comissão. Seus sermões estavam repletos de Cristo. Eles falaram da vida e ministério de Cristo, "o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele"; e podiam falar assim por terem sido "testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém" (At 10.38, 39). Falavam de sua morte também, como lhe "tiraram a vida, pendurando-o no madeiro" (At 10.39). Não havia dúvida destas coisas, porque eles foram, pessoalmente, "testemunhas dos sofrimentos de Cristo" (1 Pe 5.1). E não falavam apenas do fato histórico de sua morte, mas de seu significado redentivo. Como Paulo escreveu a Timóteo, "há um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem (...), o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos" (1 Tm 2.5,6). Mas acima de tudo, naqueles dias do princípio da Igreja, eles davam testemunho da ressurreição de Cristo: "A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas", clamou Pedro em seu

sermão no dia de Pentecostes (At 2.32). Novamente, em seu segundo sermão, ele diz: "matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas"(At 3.15; cf. também At 10.40,41;13.30,31). Não é à toa que Lucas, em um daqueles versos de Atos em que ele resume o assunto que está tratando, retrata os antigos pregadores assim: "Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus" (At 4.33).

Muito do que se chama hoje "testemunho" é realmente autobiografia, ou até mesmo autopropaganda. Todo testemunho verdadeiro é testemunho de Jesus Cristo, que está sendo julgado pelo mundo.

O Pai

Em terceiro lugar, o testemunho cristão (que é testemunho acerca de Cristo diante do mundo) é dado pelo Pai. O Pai é a testemunha principal. Embora Jesus tenha dito que o Espírito "dará testemunho de mim", ele enfatiza, por meio de uma solene repetição, que o Pai é quem envia o Espírito para dar testemunho. Jesus estava para enviar, "da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede". Quanto ao Espírito Santo, tanto a sua eterna existência no Céu quanto sua missão temporal neste mundo têm sua origem no Pai. Eternamente, ele procede do Pai. Historicamente, ele veio do Pai. Assim, embora o testemunho de Jesus seja dado pelo Espírito, como veremos, este testemunho originou-se com o Pai.

A principal preocupação do Pai sempre foi e será honrar e glorificar o Filho. "Quem me glorifica é meu Pai", Jesus disse, e mais tarde, ousadamente, orou: "Pai, glorifica a teu Filho" (Jo 8.54, 17.1). E para que a glória

seja dada ao Filho pelos homens que o Pai testemunha a seu respeito. Para que possamos entender o que o Senhor pensava sobre estas verdades, precisamos examinar cuidadosamente as suas palavras registradas em João 5.30-41, que passo a citar: "Se eu testifico a respeito de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro. Outro é o que testifica a meu respeito, e sei que é verdadeiro o testemunho que ele dá de mim. Mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade. Eu, porém, não aceito humano testemunho (...). Mas eu tenho testemunho maior do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço, testemunham a meu respeito, de que o Pai me enviou. E o Pai que me enviou, este mesmo é que tem dado testemunho de mim (...). Examinais as Escrituras (...), e são elas mesmas que testificam de mim". Neste discurso tão esclarecedor, Jesus indica três possibilidades válidas de testemunho a seu respeito: o seu próprio testemunho, o testemunho do homem - representado por João Batista - e o testemunho do Pai. Ele rejeita os dois primeiros como insuficientes (vv. 31, 34), e afirma que o maior testemunho a seu respeito que se pode imaginar já foi dado, a saber, o testemunho do próprio Pai. E, Jesus acrescenta, "sei que é verdadeiro o testemunho que ele dá de mim" (v.32).

Mas permanece a questão: De que maneira o Pai deu testemunho do Filho? De que consistia este testemunho? Jesus não nos deixa em dúvida sobre a resposta: Em primeiro lugar, este testemunho está registrado nas Escrituras do Antigo Testamento. Em segundo lugar, pôde ser visto e ouvido nas obras e nas palavras do Filho, dentro da História. A primeira parte do testemunho do Pai a respeito do Filho é a Escritura do Antigo Testamento. "As Escrituras" - disse Jesus "testificam

de mim" (v.39). "Moisés (...) escreveu a meu respeito" (v.46). Esta verdade Jesus confirmou após a ressurreição quando, conversando com os dois discípulos na estrada de Emaús, "começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu repeito constava em todas as escrituras" (Lc 24.27). Este, então, é o principal objetivo e função das Escrituras do Antigo Testamento: são o divino testemunho acerca do Messias dos judeus e Salvador do mundo, que estava por vir. Foi "pelo Espírito de Cristo, que neles estava", que os profetas deram testemunho "sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que os seguiram" (1 Pe 1.10, 11).

A segunda parte do testemunho do Pai a respeito do Filho foram aquelas mesmas palavras que os contemporâneos de Jesus ouviram-no dizer, e aquelas mesmas obras que viram-no fazer. Suas palavras e obras não foram, realmente, testemunho de si próprio porque, não eram propriamente as suas palavras e obras, mas as do Pai, que falava e agia através de Jesus. As obras de Jesus foram as obras que o Pai lhe confiou para que ele as realizasse (v.36, cf. Jo 10.25). O mesmo acontecia com as suas palavras: "O meu ensino não é meu, e, sim, daquele que me enviou" (Jo 7.16, cf. 12.49). Ele não falava por si próprio, na sua própria autoridade, mas por Deus (Observe o contraste, em João 7.11, entre *ek tu Theú* - de Deus, partindo de Deus - e *ap' emautú* - de mim, partindo de mim). Unindo estas duas coisas, Jesus podia dizer: "Não crês que eu estou no Pai, e o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras" (Jo 14.10, 11). Assim, as poderosas obras do Messias -"sinais" que manifestavam a sua glória

(Jo 2.11) - e as claras evidências que o Reino havia vindo sobre aquela geração (Mt 12.28; Lc 11.20), além das "palavras de graça que lhe saiam dos lábios" (Lc 4.22), deviam-se ao poder do Pai que nele habitava, sendo assim o testemunho do Pai a respeito dele. Como estas palavras e obras de Jesus encontram-se hoje registradas e interpretadas no Novo Testamento, podemos dizer que o testemunho do Pai a respeito do Filho está aninhado nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos. A Palavra escrita dá testemunho da Palavra encarnada. "Um ditado muito querido pelos pregadores de antigamente" - escreveu James Stewart - "era que, assim como de cada vilarejo na Inglaterra partia uma estrada que, unindo-se a outras e outras estradas, levava finalmente a Londres, assim também de cada texto da Bíblia, mesmo os mais improváveis para nós, parte uma estrada que acaba levando a Cristo" (James S. Stewart, Heralds of God - Londres: Hodder & Stoughton, 1946, p.61.). Mudando a comparação, a Bíblia é como aquela antiga brincadeira de "caça ao tesouro". Cada verso é uma pista que, levando a outras pistas, acaba finalmente conduzindo ao tesouro escondido. Realmente, "o espírito da profecia", seja nos profetas do Antigo Testamento ou nos apóstolos do Novo, é "o testemunho de Jesus": (Ap 19.10). Por isto, se queremos ser testemunhas de Jesus, estaremos sempre com a Bíblia na mão, pois é ali que se encontra o testemunho do Pai a respeito de seu Filho.

O Espírito

Em quarto lugar, o testemunho cristão é dado (pelo Pai, a respeito do Filho, diante do mundo) através do Espírito Santo. Não devemos pensar que o testemunho

divino acerca de Cristo aos homens é um testemunho morto nas palavras das Escrituras. Pelo contrário, é vivificado através do Espírito. E o Espírito que fala aos homens na Escritura e através dela. O testemunho do Pai não é apenas pela Escritura e nem apenas pelo Espírito, mas ambos. Só quando assimilamos esta maravilhosa progressão trinitária, o Pai testificando acerca do Filho através do Espírito, é que começamos a entender a idéia bíblica do testemunho cristão.

Voltando ao nosso texto, Jesus diz claramente que é o Espírito, que procede (eternamente) e veio (historicamente) do Pai, que dará testemunho dele (v.26). O Espírito Santo é o executivo da Trindade. Tudo que Deus realiza no mundo hoje, ele faz através da instrumentalidade do Espírito. Uma das tarefas principais do Espírito Santo é tornar Cristo conhecido aos homens, e Jesus revela aqui como ele é maravilhosamente competente para esta obra. São ensinadas três verdades a respeito dele:

Em primeiro lugar, que ele é o *Parácletos*. Se traduzimos esta palavra por "Consolador", como a maioria de nossas versões da Bíblia, ou também se seguimos os estudiosos que propõem "Conselheiro", é importante sabermos que, tal como "testemunha", é um termo jurídico. Com o significado literal de "chamado para o lado", para ajudar, confortar ou aconselhar, este termo passou a denominar o advogado de defesa em um julgamento. Além destes versos do discurso de Jesus no cenáculo, em que o Espírito Santo é chamado *Parácletos*, a palavra ocorre apenas em 1 Jo 2.1, onde está escrito: "Temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo". Jesus Cristo é nosso advogado no Céu, enquanto a obra de advocacia do Espírito Santo é na terra. Mas de quem o Espírito Santo é advogado na terra? Qual a causa que ele defende? Para mim, o

contexto nos deixa apenas uma resposta: Jesus Cristo. A palavra pode estar sendo aplicada nesta passagem com outras nuances de significado, e certamente o Espírito Santo é o Ajudador e Consolador dos homens, mas a ligação desta palavra com o "testemunho" em João 15.26 e 27, e com o "convencimento" em João 16.8, ambos termos jurídicos, sugere firmemente que é a causa de Jesus Cristo que o Espírito Santo está defendendo. Da mesma forma que Cristo é nosso Advogado diante do Pai no Céu, o Espírito é o advogado de Cristo diante do mundo, na terra. Nós somos apenas testemunhas no tribunal; a principal responsabilidade nesta defesa está com o próprio Deus Espírito Santo.

Em segundo lugar, o Espírito Santo é chamado aqui de "Espírito da verdade". "Quando vier o Consolador (...), o Espírito da verdade". A verdade não é apenas uma característica dele; é a sua própria natureza. Por isto João escreve, em sua primeira epístola: "O Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade" (1 Jo 5.6). Que ele aja como testemunha mentirosa é impensável. Seu testemunho é sempre verdadeiro, porque ele é verdadeiro.

A terceira qualificação que o Espírito Santo tem para dar testemunho de Cristo é que ele é o Espírito de Cristo. O Novo Testamento praticamente não faz diferença em chamá-lo de Espírito de Deus ou Espírito de Cristo, porque ele procede eternamente do Pai e do Filho. Nos versos que estamos estudando, no final de João 15, Jesus diz a seu respeito: "que eu vos enviarei da parte do Pai" (cf At 2.33).

Se o Espírito Santo é ao mesmo tempo *Parácleto*, Espírito da verdade e Espírito de Cristo, podemos entender perfeitamente por quê Jesus conclui dizendo: "esse dará testemunho de mim". Ele é perfeitamente qualificado para tal, de forma única. O propósito de sua vinda foi divulgar

Cristo, "glorificando-o" diante da Igreja (Jo 16.14), e "dando testemunho" dele diante do mundo (Jo 15.26) (Sobre o testemunho interno do Espírito no crente, que é um outro assunto, veja, por exemplo, Romanos 8.16, 1 Jo 5.10.).

A Igreja

Chegamos finalmente ao quinto aspecto do testemunho cristão, o que envolve o pregador. Fizemos um longo caminho para chegar até aqui, mas agora podemos ver a obra do pregador na perspectiva correta. Podemos resumir a idéia bíblica do testemunho cristão dizendo que é testemunho dado diante do mundo pelo Pai acerca do Filho, através do Espírito e da Igreja. Se o testemunho vivo do Pai é dado através do Espírito, o é através da Igreja também. Por isto Jesus diz: "O Espírito da verdade (...), esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis". Pedro fez uma declaração semelhante em um de seus sermões diante do Sinédrio, quando disse: "Nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo" (At 5.32, cf 1.8).

Este testemunho duplo, do Espírito e da Igreja, é um fenômeno muito interessante. E um exemplo do fato que qualquer testemunho, para ser válido, precisa ser plural. No Antigo Testamento, a evidência trazida por uma única testemunha não era suficiente para provar qualquer acusação. "Uma só testemunha não se levantará contra alguém, para o acusar de algum transvio". "Pelo depoimento de duas ou três testemunhas será morto o que houver de morrer; por depoimento de uma só testemunha, não morrerá" (Dt 19.15; 17.6; ef Nm 35.30; Hb 10.28). Este princípio foi importado para o Novo Testamento. Jesus

nos disse bem claramente que se algum irmão que pecou contra nós recusa-se a ouvir quando vamos a sós confrontá-lo com seu erro, precisamos então levar mais "uma ou duas pessoas, para que pelo depoimento de duas ou três testemunhas toda palavra se estabeleça" (Mt 18.15-16, cf 2 Co 13.1;1 Tm 5.19). E mais, este princípio não se aplica somente ao testemunho dos "transvios" de alguém, mas também ao testemunho da verdade. Por isto Jesus enviou os Doze e os Setenta de dois em dois (Mc 6.7; Lc 10.1). Certamente é por isto também que ele invocou o testemunho do Pai em confirmação ao seu próprio testemunho a respeito de si. "Na vossa lei está escrito" - disse ele - "que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro. Eu testifico de mim mesmo, e o Pai, que me enviou, também testifica de mim" (Jo 8.17, 18). E talvez isto lance alguma luz sobre as "duas testemunhas" que no Apocalipse (11.3-17) recebem autoridade para profetizar por um certo período. Tudo isto fala do valor do testemunho coletivo, das imensas possibilidades de uma congregação local inteiramente unida no testemunho acerca de Jesus Cristo àquela vizinhança ("paróquia") onde está situada. Se pelo depoimento de duas ou três testemunhas toda palavra se estabelece, quem poderá resistir ao impacto da Igreja inteira unida no testemunho?

Experiência

Embora seja realmente importante o testemunho congregacional, o pregador tem um papel especial no testemunho de Jesus Cristo. Para cumprir seus deveres de forma adequada, ele precisa de duas qualidades especiais: **experiência** e **humildade**. Vamos estudar cada uma destas por si.

"Experiência" aqui não significa experiência no ministério de pregação, ou experiência de vida em geral, embora estas coisas sejam muito importantes para o pregador. Significam, ao invés, uma experiência pessoal com Jesus Cristo mesmo. Esta é a primeira característica do testemunho cristão, e a mais importante. Ele não pode falar como alguém que "ouviu dizer". Desta forma, não seria realmente uma "testemunha". Ele precisa ter a capacidade de falar de sua própria experiência pessoal.

Mesmo as associações jurídicas que esta palavra possui deveriam deixar claro este ponto. Uma das situações em que ela é usada é na ratificação formal de transações legais. Por exemplo, quando Jeremias comprou um campo do seu primo, em Anatote, ele disse: "Assinei a escritura, fechei-a com selo, chamei as testemunhas e pesei-lhe o dinheiro numa balança", dando grande ênfase ao fato que o registro da compra foi primeiro assinado e selado, e depois dado a Baruque, "perante as testemunhas" (Jr 32.9-12, cf. vv. 25 e 44). Semelhantemente Boaz, no lugar público em frente às portas, tendo como testemunhas os anciãos da cidade, comprou de Noemi um campo e Rute, a moabita, para ser sua mulher (Rt 4.1- 12) (Sobre o uso de pedras como testemunhas de um pacto, ao invés de pessoas, veja Gn 31.43-50 e Js 24.22, 25.). Estas pessoas são chamadas "testemunhas" porque "testemunharam" um acordo. Eles ouviram com seus próprios ouvidos as estipulações das partes contratantes. Eles viram com seus próprios olhos quando o documento foi assinado e selado.

Talvez isto fique mais claro ainda nas ocasiões em que Deus mesmo é chamado como testemunha. Um exemplo do Antigo Testamento basta. Jeremias termina sua carta aos exilados na Babilônia com as seguintes palavras: "Eu o sei e sou testemunha disso, diz o Senhor" (Jr 29.23)

(6.Outros exemplos: Jz 11.10; e I Sm 12.5; Jó 16.19;Jr 42.5; Mq 1.2; Ml 2.14; 3.5.). Deus é a melhor testemunha que existe, porque ele conhece todas as coisas. Seus olhos estão em toda parte. Nada lhe pode ser oculto. É por isto que o apóstolo Paulo em suas epístolas, por quatro vezes afirma solenemente, ao declarar alguma verdade acerca de seus atos pessoais, ou seus motivos de fôro íntimo: "Deus é minha testemunha" (Rm 1.9 ; 2 Co 1.23 ; Fp 1.8; 1 Ts 2.5). Só Deus podia conhecer os seus pensamentos. Só Deus sabia se os seus motivos eram sinceros ou seu coração puro. Portanto, quando ele estava sob acusação ou suspeita por parte dos homens, só Deus podia ser sua testemunha.

O outro uso jurídico que se faz da palavra "testemunha" pertence às côrtes de justiça. O cidadão que comparece ao julgamento de alguém processado por dirigir perigosamente, precisa ter visto o acidente. O verbo grego *martyrásthai* ou *martyrêin* significa, de acordo com o léxico de Grimm-Thayer, "ser testemunha, dar testemunho, testificar, isto é, afirmar ter visto ou ouvido, ou experimentado, algo" (A Greek-English Lexicon of the New Testament, 20 edição revista (Edinburgo: T. & T. Clark, 1892), p. 390.). Eis uma outra definição: "A testemunha é a que tem conhecimento direto de certos fatos, e que declara diante de uma côrte de justiça o que viu e ouviu. 'Testemunha' aquilo que sabe" (S. de Diêtrich no Vocabulário Bíblico de J. J. Von Allimen, verbete "Testemunha".).

Estas idéias jurídicas associadas à palavra "testemunha" são apreendidas pela Bíblia ao campo do testemunho cristão. Voltando ao texto-base deste capítulo, Jesus disse aos seus discípulos: "vós também testemunhareis", mas ele fez uma observação sobre a

capacitação deles para este ministério: "porque estais comigo desde o princípio" (Jo 15.27). Eles podiam testemunhar de Cristo porque haviam estado com Cristo. Este era o pré-requisito essencial. Se não o houvessem conhecido, não poderiam testemunhar dele. Desde que o haviam conhecido, este era o seu dever (O pecado da testemunha que não quer testemunhar é condenado em Lv 5.1.). Jesus repete a mesma seqüência de afirmações após a sua ressurreição, quando diz a seus discípulos primeiramente "vós sois testemunhas destas coisas" (Lc 24.48), e então, "vós sereis minhas testemunhas" (At 1.8, veja também 1.21, 22; 2.32; 3.15; 4.33; etc). Para dar testemunho, você precisa ser testemunha.

Este pré-requisito é tão importante, e recebe uma ênfase tão constante no Novo Testamento, que precisamos nos demorar um pouco mais em sua consideração. O par mais comum é dos verbos "ver" e "testemunhar". A melhor testemunha é a testemunha visual (Mas veja Lc 14.22, testemunho daquilo que se ouviu; Jo 2.25, At 15.8, 25.6, testemunho daquilo que se conhece; e 3 Jo 3, 6, testemunho da idéia geral que se tem de uma pessoa.). João Batista teve esta qualificação. Está escrito a seu respeito: "João testemunhou dizendo: 'Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele. (...) Eu de fato vi, e tenho testificado que ele é o Filho de Deus' "(Jo 1.32 - 34). Jesus Cristo também fez esta mesma afirmação de conhecimento visual quando disse a Nicodemos: "Nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto" (Jo 3.11-13) (Cf 3.32, e 1 Tm 6.12-13 e Ap 1.5; 3.14, onde se mencionam a "boa confissão" e o "testemunho fiel" de Jesus.). Podemos citar também S. João, que usa as categorias de ver e testemunhar com mais freqüência do que os outros autores do Novo Testamento. O prefácio de

sua primeira epístola contém estas palavras bem conhecidas: "A Vida manifestou-se: e nós vimos e damos testemunho"; e mais à frente: "Nós contemplamos e testemunhamos que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo" (1 Jo 1.2; 4.14, B. J.; cf. Jo 19.35). Ainda um outro exemplo é o apóstolo Paulo, a quem Ananias disse, na sua conversão: "O Deus de nossos pais de antemão te escolheu para conheceres a sua vontade, ver o Justo e ouvir uma voz de sua própria boca, porque terás de ser sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido" (At 22.14, 15; cf. 23.11; 26.22).

Não peço desculpas por esta lista de exemplos. Precisamos ser convencidos por esta evidência cumulativa de que a idéia bíblica de testemunho cristão pressupõe uma experiência viva, de primeira mão, da salvação que Cristo dá. Os apóstolos viram e ouviram objetivamente no Jesus histórico. Mas as palavras do Jesus ressurreto a S. Paulo já sugerem a propriedade de se extender a idéia de testemunho à experiência subjetiva e mística de Cristo, pois ele disse a Paulo: "Te apareci para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda" (At 26.16). Não temos razão para supor que estas experiências futuras de Cristo tenham sido aparições físicas como aquela que ele diz ter visto na estrada de Damasco. Foram, sim, experiências interiores, espirituais, e destas também ele deve dar testemunho. E nós também.

Em nossa pregação, não fazemos apenas exposição de palavras que foram entregues a nós como despenseiros. Nem apenas aquela proclamação de arauto, da poderosa obra de redenção que se realizou. Mas, além disto, nós expomos estas palavras e proclamamos esta obra como

testemunhas, como pessoas que tiveram uma experiência viva desta Palavra e da Obra de Deus. Nós ouvimos a sua voz mansa e suave nas Escrituras. Nós vimos sua Obra redentora como algo que foi feito para nós, e pela fé entramos nos seus indescritíveis benefícios. Nossa tarefa não é palestrar acerca de Jesus com imparcialidade filosófica. Estamos pessoalmente envolvidos com ele, sua revelação e redenção mudaram as nossas vidas. Nossos olhos e ouvidos foram abertos para vê-lo e ouvi-lo, nosso Salvador e Senhor. Nós somos testemunhas, e precisamos dar testemunho. Sim, nós ainda ensinaremos acerca dele de maneira sistemática, e proclamaremos com ousadia as boas novas do que ele realizou com a sua morte. Mas não podemos deixar de apresentá-lo a nossos ouvintes a partir de nossa experiência pessoal. "É bem fútil" - disse Willian Temple - "ficar dizendo às pessoas: 'vá até a cruz'; precisamos ser capazes de dizer: 'venha à cruz'. Apenas duas vozes podem fazer eficazmente este convite. Uma é a voz do Redentor sem pecado, que não podemos usar; a outra é a voz do pecador redimido, que sabe ter sido redimido. Esta é a nossa parte."

Se a idéia dominante de testemunho é a experiência pessoal, nem preciso dizer que entre nossa experiência e nosso testemunho deve haver completa correspondência. Precisamos ser estritamente honestos. A Bíblia nos adverte do sério pecado que é o falso testemunho. O nono mandamento proíbe-nos categoricamente de darmos falso testemunho contra nosso próximo (Ex 20.16;Dt 5.20;cf. Ex 23.1), e a falsa testemunha era considerada tão ruim, que os juízes tinham ordem de fazer com ele "como cuidou fazer a seu irmão" (Dt 19.16-21). O horror que este pecado inspirava pode ser percebido pelo fato que no livro de Provérbios, a "testemunha falsa que profere mentiras" é

citada como uma das sete coisas que Deus abomina (Pv 6.19), e Jesus inclui o falso testemunho em sua lista de coisas vis que procedem de um coração mau (Mt 15. 19) (Outras referências ao falso testemunho: Sl 27.12; 35.11; Pv 12.17; 19.5, 9; 24.18; Mc 14.55-63; At 6.13; 7.58.).

Temos então diante de nós esta alternativa: nosso testemunho pode ser verdadeiro ou falso. "A testemunha verdadeira não mente, mas a falsa se desboca em mentiras" (Pv 14.5, cf v.25). O diabo é a principal testemunha falsa. Ele é um caluniador, o acusador dos irmãos, "mentiroso e pai da mentira" (Ap 12.10; Jo 8.44). Mas o pregador cristão precisa ser testemunha irrefutavelmente justa. Isto quer dizer não apenas que devemos nos esforçar ao máximo para fazermos uma exposição acurada da Palavra de Deus (Paulo dá um exemplo hipotético disto em 1 Co 15.15, onde diz que, se Cristo não ressuscitou dentre os mortos, os apóstolos são falsas testemunhas de Deus, pois eles estão consistentemente testemunhando sobre a ressurreição.), mas também que não podemos exagerar nem subestimar os fatos de nossa própria experiência pessoal. Se é requerido dos despenseiros que eles sejam encontrados fiéis, a mesma exigência pesa sobre as testemunhas. A fidelidade do despenseiro consiste em ele distribuir à família que serve exatamente aquilo que lhe foi confiado; a fidelidade de uma testemunha está em declarar com honestidade e franqueza exatamente aquilo que sabe, sem esconder parte da verdade, nem distorcê-la, e nem "enfeitá-la". E muito fácil sermos tentados a exagerar, para dar aos outros a impressão que já progredimos muito mais no caminho estreito do que é realidade. Precisamos ter a honestidade de confessar a verdade. Não devemos ter medo de dizer, como o apóstolo: "não que eu já o tenha

alcançado ou que já seja perfeito" (Fp 3.12, B. J.). A testemunha verdadeira é livre de qualquer suspeita de hipocrisia; é cristalinamente sincera.

Tudo isto coloca sobre nós, que fomos chamados para ser testemunhas de Cristo, a solene obrigação de cuidar de nós mesmos, sem negligenciar o cultivo de nossa vida espiritual, sob pena de nos tornarmos testemunhas mudas que não têm o que dizer. Os apóstolos estavam realmente certos em se consagrar à oração e ao ministério da Palavra, pois a pregação sem oração torna-se um simulacro vazio. Não há necessidade mais urgente para um pregador do que conhecer Deus. Nem quero saber se ele não consegue falar com eloqüência e arte, se suas frases são mal construídas, ou sua fala é confusa, desde que Deus seja evidentemente real para ele, e ele tenha aprendido a permanecer em Cristo. O preparo do coração tem uma importância muito maior do que o preparo do sermão. As palavras da mensagem, por mais claras e poderosas que sejam, não terão o som da verdade, a não ser que brotem da convicção que vem da experiência. Muitos sermões que são homileticamente excelentes, mesmo assim soam ocos. Há um ar de profissionalismo estéril sobre quem prega este tipo de sermão. O conteúdo de sua mensagem evidencia uma mente bem desenvolvida e disciplinada; ele tem uma boa voz, aparência distinta e gestos bem medidos. Mas por algum motivo, o seu coração não está na mensagem. Não se pode dizer dele o que um jovem vendedor numa loja de tecidos disse certa vez de Peter Marshall: "Dá prá ver que ele conhece Deus, e ele me ajuda a conhecê-lO melhor"(Catherine Marshall, A Man called Peter (Nova York: McGraw- Hill, 1952), p.43.). Creio que foi Alexander Whyte quem disse: "Mesmo se você tivesse a maior biblioteca do mundo, e não conhecesse a si próprio, você não seria

capaz de pregar um sermão que valesse a pena ouvir" (Citado por Leslie J. Tizard em Preaching - The Art of Comminication (Londres: George Allen &Unwin, 1958), p.16.). Isto é verdade, porém mais importante ainda que conhecer a si próprio é conhecer Deus.

A pregação de uma testemunha tem um ar de espontaneidade, um entusiasmo que contagia, um estilo direto e simples, uma compreensão profunda da realidade, tudo isto por causa do seu conhecimento íntimo de Deus. Portanto, precisamos ter fome e sede de Deus. Precisamos nos apropriar da promessa de Jesus que ele se manifestará àqueles que o amam e provam seu amor em obediência (Jo 14.21). Devemos nos lembrar que a verdadeira preparação de um sermão não acontece naquelas poucas horas especificamente devotadas a este fim, mas através de toda a corrente da experiência de vida do pregador até o momento de pregar, e disto o sermão é na realidade uma gota destilada. Como afirmou E. M. Bounds, "Um homem, um homem inteiro, é o que há por trás de um sermão. Pregar não é dar um show de uma hora, mas o fluir de uma vida. Leva vinte anos para se fazer um sermão, porque leva vinte anos para se fazer um homem" (E. M. Bounds, Power through Prayer (Londres: Marshall Brothers), p.11.).

E certamente porque uma experiência assim com Deus (como estamos descrevendo) é mais preciosa do que a própria vida, que o testemunho no Novo Testamento é tão próximo à idéia de sofrimento, e que a palavra grega que significa testemunha (*mártys*) foi gradualmente assumindo o significado de mártir (veja At 22.20 e Ap 1.9; 2.13; 6.9 ; 12.11; 17.6 ; 20.4). Que Deus nos conceda hoje mais homens deste calibre, para quem o conhecimento de Jesus Cristo é de tão superior valor que estão preparados para sofrer por seu testemunho e, se necessário, selar com o

seu próprio sangue este testemunho.

Humildade

E se a experiência é uma das marcas indispensáveis do testemunho cristão verdadeiro, a humildade é a outra. Todo pregador conhece a insidiosa tentação de vanglória a que somos expostos no púlpito. Estamos em posição de proeminência, acima da congregação, sendo objeto de seus olhos e ouvidos atentos. É uma posição extremamente precária! Mas eu posso arriscar a afirmação que um entendimento correto da natureza e propósito do testemunho cristão será uma precaução útil contra os perigos do orgulho. Lembremo-nos de que o testemunho cristão é testemunho de Cristo. Não é autotestemunho; e se chegarmos a falar de nossa experiência, será apenas para exemplificar nosso ensino sobre Cristo. Neste aspecto, João Batista pode ser considerado uma ilustração perfeita do que significa ser testemunha. Dele está escrito "Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz (...). Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz" (Jo 1.7-8, cf. vv. 15,19). E quando, depois que ele fez o seu trabalho, e até como conseqüência de seu testemunho, seus discípulos começaram um a um a deixar o seu campo e seguir Jesus (ex.: Jo 1.35-42), ele parece não ter tido ressentimento algum, apenas alegria pela tarefa cumprida. Ele foi como o precursor, o mensageiro que corre adiante do rei, anunciando a sua chegada. Quando o rei chega, quem quer prestar atenção ao mensageiro? Também, numa outra metáfora usada por ele, Jesus é o Noivo celestial, que veio buscar sua noiva. João é o "amigo do noivo", cuja tarefa era a de fazer os preparativos para o casamento. Mas quando o noivo chega,

ninguém espera que a noiva dê atenção a outra pessoa. O "amigo do noivo" não tem intenção alguma de interferir no relacionamento entre noivo e noiva. Sua tarefa está cumprida. O noivo agora "tem a noiva". O "amigo do noivo" retira-se ao segundo plano e "muito se regojiza por causa da voz do noivo". "Esta alegria já se cumpriu em mim", diz João, e completa, com um resumo perfeito da atitude humilde da testemunha: "Convém que ele cresça e que eu diminua" (Jo 3.25-30). Não queremos chamar a atenção do povo para a nossa pessoa, ou interferir no relacionamento deles com Cristo. O propósito primário de nosso ministério de testemunhar é que eles vejam Cristo e o sigam.

Na igreja que eu sirvo, em Londres, a parede oriental, atrás da mesa da Comunhão, é decorada com um quadro famoso. Mede mais ou menos três metros por quatro, e sua visão domina o interior da igreja. Foi pintado por Willian Ewstall e doado pelo Rei George IV quando aquele templo foi consagrado, em 1824. O quadro representa o Senhor Jesus, preso mas ainda majestoso, cercado de sacerdotes ímpios e soldados rudes, que zombam dele. Em todo o círculo ao redor de sua cabeça estão as mãos destes homens, apontando para o objeto de seu desprezo. Vejo neste quadro um símbolo de nosso ministério. Jesus Cristo é o centro de nossa mensagem. Somos apenas sinais que apontam para ele. O que aqueles soldados e sacerdotes no quadro estão fazendo por desprezo e ódio, nós fazemos por adoração e amor. E quanto mais nosso campo de visão se enche de sua Pessoa, nós somos menos levados a cair na vaidade e egocentrismo.

Mas o testemunho cristão não é apenas testemunho de Cristo. É também, e fundamentalmente, um testemunho de Cristo dado pelo Pai através do Espírito. Não quero dar a

impressão de que o nosso testemunho humano seja desnecessário ou sem importância. Mas precisamos vê-lo em sua verdadeira perspectiva, e seremos então menos inclinados à arrogância. O testemunho de Cristo diante do mundo não depende definitivamente de nós; é um poderoso testemunho que tem sua iniciativa no Pai e sua continuidade no Espírito Santo. E se o Espírito usa a Igreja como o canal através do qual seu testemunho é preferencialmente conduzido, o crédito é dele, não da Igreja.

Que esta humilde posição de testemunhas, que têm uma pequena participação no testemunho que o Pai dá acerca do Filho através do Espírito, sempre nos traga muita alegria.

CAPÍTULO IV

pai

O amor e carinho do pregador

Pensar e falar do pregador como "pai" pode parecer meio estranho. As idéias que esta palavra transmite não pertencem de maneira alguma ao campo da homilética, estritamente falando. Mas S. Paulo não hesitou em denominar-se "pai" dos coríntios, dos gálatas, dos tessalonicenses, e de algumas outras pessoas. E não há dúvida que as qualidades de um pai, especialmente o seu carinho e amor (que o apóstolo menciona), são indispensáveis ao pregador como ele é retratado no Novo Testamento.

Há uma variedade tão rica de metáforas bíblicas para ilustrar o ministério da pregação, que elas se confundem um pouco, e não é fácil reconciliá-las. Por exemplo, se o despenseiro nos fez imaginar a vida em uma casa de família, o arauto, os lugares públicos da cidade, e a testemunha, as côrtes de justiça, o pai traz-nos novamente para o lar. Mas o relacionamento do pai com os filhos é, claro, muito diferente do que existe entre o despenseiro e a família. E um relacionamento baseado no afeto, e não no dever, e isto já deixa claro o que a metáfora do pai nos traz de novo neste assunto.

Para distinguir bem, será útil comparar as responsabilidades peculiares de cada uma destas pessoas e de seus cargos. A responsabilidade do despenseiro é, de fato, para

com os bens que lhe estão confiados. Quer dizer, o pregador precisa ser fiel quanto à mensagem que dá à sua "família". A responsabilidade do arauto cristão é proclamar o grande ato redentor de Deus através de Jesus Cristo, apelando aos homens que dêem a sua resposta. A testemunha precisa ter uma experiência direta daquilo que testifica. Até agora, estamos estudando como o pregador precisa se preocupar com sua mensagem - o que e como ele fala - e consigo próprio, sua experiência pessoal daquilo que está pregando. Mas na metáfora do "pai", começa a haver uma preocupação com a família, com o povo para quem ele está ministrando a Palavra, e o seu relacionamento com estas pessoas.

A pregação envolve um relacionamento pessoal entre o pregador e sua congregação. O pregador não é um artista que declama do palco enquanto a audiência permanece passiva. Nem é apenas um arauto, que prega como se estivesse "gritando dos eirados", um intermediário entre o Rei e um povo que ele não conhece, e que não o conhece também. Ele é um pai com seus filhos. Entre eles existe um relacionamento de amor familiar. Eles pertencem um ao outro. E antes, durante e depois do sermão, o pregador é (ou deveria ser) consciente deste relacionamento em que está envolvido. Isto pode não ser tão visível nas pregações evangelísticas, como numa campanha ao ar livre, quando a maioria dos seus ouvintes são desconhecidos. Mas torna-se evidente para o pregador que tem o inestimável privilégio de ministrar a uma congregação fixa. Um pregador desta categoria nunca poderá esquecer-se de que também é pastor. Como disse o Bispo Phillips, "o pregador precisa ser pastor, para que esteja pregando a homens de carne e osso. O pastor precisa ser pregador, para que mantenha viva a dignidade

de seu ofício. O pregador que não é pastor, torna-se distante; o pastor que não é pregador, torna-se mesquinho" (Phillips Brooks, Lectures on Preaching (1877), (Londres, H. R. Allenson, 1895), p. 77.). 0 pregador percebe que seus sermões expressam o relacionamento que ele tem com seu povo, são determinados, até certo ponto, por este relacionamento. Ele é o pai; eles são seus filhos.

Esta ilustração torna-se um pouco complicada pelo fato do pregador, de maneira geral, ter duas audiências distintas: os "da família" e os "de fora". O arauto faz a sua proclamação pública a todos, sem distinção, e a testemunha dá a sua evidência em favor de Jesus Cristo que está sendo julgado diante do mundo. Estas metáforas ilustram a pregação evangelística. O despenseiro, por sua vez, toma conta de uma residência, e o pai, de sua família. Mesmo assim, eu creio que as qualidades de um pai devem ser demonstradas pelo pregador, sejam quais forem seus ouvintes, crentes, descrentes, ou membros nominais da igreja.

A Autoridade Paternal Proibida

Como pode, então, o pregador ser chamado de "pai"? Em meu país, a idéia de "pai", "padre", está tão ligada aos sacerdotes da Igreja Católica Romana, que talvez tenhamos alguns fortes preconceitos prostestantes a superar antes de aceitá-la abertamente! Este caso é um exemplo interessante da necessidade que temos da cautela na interpretação da Bíblia, pois vemos no Novo Testamento três usos da metáfora do "pai": dois deles legítimos e o outro não. Falando do uso ilegítimo primeiro, nós conhecemos bem as palavras de Jesus a seus discípulos: "A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está no céu" (Mt 23.9). Esta pas-

sagem está num contexto em que Jesus adverte seus discípulos do orgulho e hipocrisia dos fariseus, que tinham sede de "status", que amavam "o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças, e o serem chamados mestres pelos homens" (Mt 23.6-7). Os fariseus gostavam muito de receber títulos honrosos. Isto deixava-os cheios de orgulho. Dava-lhes uma sensação de serem superiores às outras pessoas. Jesus disse que, ao contrário dos fariseus, havia três títulos que seus discípulos não deviam adotar ou aceitar: "rabi" (ou seja, mestre), "pai", e "guia". Agora estamos interessados no que se refere ao título "pai". O que Jesus quis dizer com isto?

O pai exerce autoridade sobre seus filhos pelo simples fato que seus filhos dependem dele. Quero sugerir que Deus está dizendo que nunca devemos adotar para com um irmão na Igreja a atitude de dependência que um filho tem para seu pai, e nem fazer com que outras pessoas sejam ou se tornem espiritualmente dependentes de nós. Isto é confirmado pela razão dada por Jesus para a proibição: "porque só um é vosso Pai, aquele que está no céu". A dependência espiritual é devida a Deus, nosso Pai celestial. Ele é nosso Criador, tanto física quanto espiritualmente e, criaturas que somos, dependemos exclusivamente de sua graça. Mas não temos e nem devemos ter este mesmo tipo de dependência para com nossos companheiros, nossos iguais. Nosso desejo como pregadores é o mesmo do apóstolo Paulo: "apresentar todo homem perfeito em Cristo" (Cl 1.28). Queremos ver os membros de nossa congregação crescendo espiritualmente para se tornarem cristãos independentes, adultos e espiritualmente maduros, buscando diretamente em Cristo o suprimento de todas as suas necessidades, pois "em

Cristo" Deus "nos tem abençoado com toda a sorte de bênção espiritual" (Ef 1.3). Não temos o menor desejo de manter os membros de nossa igreja perpetuamente agarrados à barra da saia do pastor, sempre correndo ao nosso redor como as criancinhas fazem com sua mãe. Em toda igreja há aquelas pessoas fracas que adoram paparicar o pastor, e estão constantemente marcando entrevistas com ele para consultá-lo sobre problemas espirituais. Isto deve ser combatido, energicamente. Com delicadeza e firmeza, devemos dizer claramente que a vontade de Deus para seus filhos é que eles dependam dele como Pai, e não de outros homens. Talvez, de passagem, eu possa sugerir que a razão para a proibição daqueles outros dois títulos por Cristo seja substancialmente a mesma: Não devemos ser chamados "rabi", passando-nos por autoridades em fé e prática, e nem "guia", esperando dos homens obediência servil. Nós somos escravos deles, e não eles de nós (Mt 23.11).

A principal explicação para a categórica recusa de nosso Senhor em permitir estas coisas na igreja cristã é que ele via nisto uma afronta a Deus. Deus é o nosso Pai (Mt 23.9); o Cristo é o nosso Guia (Mt 23.10), e (embora isto não esteja no texto de forma explicita) o Espírito Santo é o nosso Mestre. Colocarmo-nos como os pais, os mestres e os guias dos homens, é usurpar a glória da Santíssima Trindade, arrogar-nos uma autoridade sobre os homens que é privilégio de Deus somente.

A segunda razão para a insistência do Senhor sobre este ponto é vista em suas palavras: "vós todos sois irmãos" (Mt 23.8). Sim, há diferentes cargos e ministérios na Igreja cristã, mas estes não afetam a igualdade básica de todos os crentes. É ridículo quando um cristão clama autoridade paternal sobre um irmão na fé, exigindo que ele

se comporte como se fosse seu filho, quando na realidade eles são irmãos. Os fariseus tinham grande prazer em tratar as pessoas simples como animaizinhos de estimação. O ministro cristão não pode fazer coisa semelhente.

O Relacionamento Afetuoso do Pai

Desta forma, a autoridade paternal que provoca dependência nos é proibida. Mas a metáfora do "pai" é usada de duas outras maneiras diferentes no Novo Testamento, que são permitidas. Ambas aparecem no final de 1 Coríntios 4, que cito a partir do verso 14:

Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados. Porque ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus. Admoesto-vos, portanto, a quem sejais meus imitadores. Por esta causa vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como por toda parte ensino em cada igreja (...)

Que preferis? Irei a vós outros com vara, ou com amor e espirito de mansidão?

O primeiro uso legítimo da imagem do pai e filho nesta passagem é o caso de alguém que foi o instrumento na conversão de outra pessoa. Paulo não hesita em escrever assim aos gálatas: "Meus filhos, por quem de novo sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós"! (Gl 4.19). Acontece aqui uma certa confusão de metáforas: Eles já são "filhos" de Paulo, mas a sua própria vida espiritual está ameaçada, e por isto ele sente-se como

alguém que precisa experimentar as dores de parto novamente pelos gálatas. Nesta metáfora, Paulo é a mãe daqueles crentes. Ele deu-os à luz quando visitou suas cidades em sua primeira viagem missionária. De forma semelhante, ele conta ter "gerado", "pelo evangelho", os crentes de Corinto falando, sem dúvida, de sua visita missionária à cidade de Corinto durante a segunda viagem missionária. O Apóstolo usou também os mesmos termos para pessoas que ele havia levado a Cristo. O escravo fugitivo Onésimo sem dúvida converteu-se através do ministério de Paulo aprisionado em Roma, e o Apóstolo podia escrever a Filemon: "Solicito-te em favor de meu filho Onésimo, que gerei entre algemas" (Fm 10). Como ele chama tanto Timóteo como Tito de seus filhos, é de se supor que eles também tenham se tornado cristãos através de Paulo (Sobre Timóteo, veja 1 Co 4.17; 1 Tm 1.2; 2Tm 1.2, 2.1. Sobre Tito, Tt 1.4. Cf. Também a referência a Marcos em 1 Pe 5.13, e os "filhinhos" que aparecem em toda a Primeira Epístola de João.).

O segundo uso legítimo da metáfora do pai e seus filhos é para transmitir a idéia de um relacionamento de intimidade e afeição. Este é o sentido de 1 Coríntios 4, e é pensando nesta possibilidade que estou usando esta metáfora para descrever o ideal do pregador. Os coríntios eram "filhos amados" de Paulo (v.14), e todo pregador deve pensar assim da congregação que ele serve. Para deixar bem claro o que ele quer dizer, Paulo faz uma distinção entre o "preceptor" e o "pai". A palavra traduzida como "preceptores" no v.15, é *paidagôgous*. O *paidagôgos* servia como tutor de uma criança até que ela atingisse a maioridade (Cf. o argumento de Paulo em Gl 3.23-4.7, onde a Lei é o nosso *paidagôgos*, a fim de nos conduzir a Cristo.). Ele era normalmente um escravo, mas estava

incumbido de supervisionar o comportamento de seu tutelado, inclusive o que ele vestia e comia, a sua maneira de falar e boas maneiras. Ele não era um professor (pois na realidade ensinava muito pouco), mas um disciplinador. Nos desenhos antigos, ele é normalmente retratado com o chicote na mão, pois tinha permissão de aplicar castigos físicos. É por isto que o apóstolo escreve, no verso 21: "Irei a vós outros com vara? (ou, como diz o Bispo J. W. C. Wand, "com um porrete? ") (The New Testament Letters - Oxford: Oxford University Press, 1944 -, loc. Cit.). Quer dizer, será que os crentes de Corinto queriam Paulo como seu *paidagôgos*, que os tratassem com severidade, castigando-os? Claro que não! "Tendes muitos preceptores" - ele diz - "mas não tendes muitos pais". Em outras palavras, havia muitas pessoas prontas para aplicar disciplina, mas poucas capazes de amar como o Pai, e isto era o que Paulo havia sempre feito, e queria continuar fazendo.

Entretanto, esta passagem mostra que o pai frequentemente precisa fazer papel de *paidagôgos*. Uma verdade que se aplica a todo pai, é que ele "corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe"(Hb 12.6, citando Pv 3.12). E o ministro recebe autoridade para disciplinar. Esta autoridade não é incompatível com o amor e nem com a humildade. Esta combinação de virtudes é exemplificada de maneira interessante em 1 Ts 2, onde em um verso Paulo indica sua autoridade apostólica, dizendo que a sua palavra não era "palavra de homens", mas "a palavra de Deus", e em outro lembra a seus leitores de seu relacionamento para com eles, dizendo: "sabeis de que maneira, como pai a seus filhos, a cada um de vós, exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes de modo digno de Deus" (1 Ts 2.1113).

Assim, a principal qualidade que faz o apóstolo usar a figura do pai em relação ao seu ministério, é o amor. Não um sentimentalismo açucarado e sem fibra, mas um amor forte, abnegado, que se dedica à pessoa amada, e não é incompatível com a disciplina. Este amor é a principal virtude cristã. Paulo mesmo, o grande apóstolo da graça e da fé, escreve que o amor é o primeiro fruto do Espírito (Gl 5.22). Mesmo sendo aquele campeão da ortodoxia teológica, ele chega a declarar que o amor é superior ao conhecimento, pois "o saber ensoberbece, mas o amor edifica" (I Co 8.1-3). E em seu lindo hino ao amor, em 1 Co 13, ele não deixa dúvida sobre a necessidade indispensável que o pregador tem de amar: "Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, eu nada serei" (1 Co 13.1-2). Seria impossível dizer isto de maneira mais enfática. O pregador que não ama, não é apenas um ruido desagradável. Ele é pior e menos ainda do que isto: ele é "nada".

Depois de procurar mostrar que quando o Apóstolo usa a metáfora do "pai" ele não está pensando tanto na autoridade paterna, mas no amor paterno, estamos agora em condições de perguntar de que maneira este amor deve se manifestar, e especialmente, como ele deve se manifestar no ministério da pregação. Tenho seis sugestões a fazer.

O Pai é Compreensivo

Em primeiro lugar, ter um amor paternal nos tornará

pessoas compreensivas. Os nossos ouvintes têm muitos problemas, problemas intelectuais, morais, pessoais e domésticos. Peter Marshall certa vez aconselhou alguns alunos do Seminário Teológico de Gettysburg: "Sua pregação precisa estar enraizada na vida real, lembrando que as pessoas à sua frente têm problemas - dúvidas, temores e ansiedades sempre atacando sua fé. O seu problema, o meu problema, é ir além das fachadas convencionais que estão sentadas em cada um dos bancos da igreja" (Catherine Marshall, A Man Called Peter (New York: Mc Graw- Hill, 1829), p.107.). Ele estava plenamente certo. Temos teoria e academicismo demais em nossa pregação; precisamos trazê-la novamente às realidades práticas do dia-a-dia das pessoas. Não é suficiente fazer uma exposição fiel de alguma porção da Palavra de Deus, se não a aplicarmos às verdadeiras necessidades de quem ouve. Esta é a parte fascinante da pregação: poder aplicar a Palavra de Deus às necessidades humanas. O pregador precisa ter tanta familiaridade com o mundo dos homens quanto tem com Deus.

Mas o problema é: como poderemos compreender os problemas que estão preocupando e sobrecarregando as pessoas que servimos? A resposta é simples: pelo amor. Todo pai esforça-se em compreender os seus filhos enquanto eles crescem. Ele se importa de tal forma com eles que fará tudo o que for possível para penetrar suas expectativas e temores, suas fraquezas e dificuldades. Assim também o pregador, se ele ama suas ovelhas com amor paternal, não medirá tempo e esforços dedicados a saber quais são os seus problemas. O pastor costuma ter uma vida protegida. Ele sabe algo da vida familiar, mas provavelmente não possui experiência da vida profissional. Ele nunca precisou enfrentar os problemas éticos, as

pressões, o espírito de competição, os relacionamentos entre colegas, a tensão, a experiência de viajar todo dia em um ônibus lotado, coisas que fazem parte do dia a dia de todo assalariado. E bem provável que a congregação perceba isto, e esteja bem convencida de que o pastor não entende as suas dificuldades. Ele fala sobre vida cristã e testemunho como se isto fosse fácil. Mas será que já teve a experiência de ser o único cristão no escritório, na loja, ou na oficina, sem outros que o ajudem? E extremamente importante, mesmo, que nos coloquemos no lugar de nossas ovelhas; que nos identifiquemos com elas em suas tristezas, responsabilidades e perplexidades; que não vivamos, ou pareçamos estar vivendo, numa torre de marfim, isolados. Este isolamento entre o pregador e sua audiência é muito nocivo tanto para quem proclama quanto para quem recebe a mensagem. Eles não estão falando a mesma língua.

Como podemos conseguir uma aproximação? Por um lado, em primeiro lugar, precisamos ler alguns livros, revistas e jornais, não apenas para aprofundar nosso conhecimento da natureza humana em geral, mas especialmente para estarmos a par de como as pessoas vivem e pensam. E precisamos deixar que eles conversem conosco. Não há maneira mais eficiente de estreitar o espaço que existe entre o pregador e seus ouvintes do que encontrá-los em suas casas, ou em nossa casa. O pregador eficaz é sempre um pastor diligente. Somente reservando tempo todas as semanas para visitar pessoas e entrevistá-las, ele conseguirá estar "ligado" com elas na pregação. Quanto mais elas conversarem com o pastor no seu escritório durante a semana, melhor ele poderá falar a elas do púlpito no domingo.

O amor ajudará a fazer do pastor uma pessoa

compreensiva não apenas porque ele se dedicará a conhecer melhor os outros e seus problemas, mas porque quando ele então os conhecer, estará em melhores condições de entendê-los. O amor traz consigo uma estranha intuição. Jesus a possuia de forma perfeita. Vez após vez nós lemos que ele conhecia os pensamentos das pessoas. S. João chega a escrever: "Ele não precisava que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana" (Jo 2.25). As pessoas instintivamente sabiam que ele as compreendia. Ele é o grande *kardiognôstes* (At 1.24), o conhecedor de corações, "aquele que sonda mente e corações" (Ap 2.23), e devíamos buscar nele a capacidade de ser assim e fazer o que ele fazia. O amor, aquela capacidade de se importar com os outros e ajudá-lo sem egoísmo, é um dos grandes segredos da comunicação. Quando o pregador ama seus ouvintes, eles poderão dizer: "ele nos entende".

O Pai é Gentil

Em segundo lugar, o amor paternal nos tornará pessoas gentis. Muitos de nós somos por natureza bruscos e rudes no trato com outras pessoas. Nosso temperamento não é manso e nem sensível por natureza. Mas quem é verdadeiramente pai, seja como for a sua personalidade ou seu costume disciplinar, demonstra ternura por seus filhos. Seu amor o torna gentil. Esta qualidade era marcante na personalidade do Senhor Jesus. Ele não disse, falando de si mesmo: "sou manso e humilde de coração"? (Mt 11.29) E Paulo não escreveu acerca da "mansidão e benignidade de Cristo"? (2 Co 10.1). Nisto também, "o discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor".

Realmente, "basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo como o seu senhor" (Mt 10.24-25). Paulo também expressa aos coríntios seu desejo de ir ter com eles com "amor e espírito de mansidão" (1 Co 4.21), a mesma "mansidão" que faz parte do fruto do Espírito (Gl 5.23). Em todos estes versos, "mansidão" é a mesma palavra: *prautês*.

E, se a mansidão deve ser característica de todos os cristãos da mesma forma que foi de Cristo, é ainda muito mais necessária e desejável nos pastores e professores. Um bom pastor "guia mansamente" as ovelhas fracas do seu rebanho (Is 40.11). Sim, haverá ocasiões em que ele precisará ser tão manso, que estará mais parecido com uma enfermeira de crianças do que um pastor de ovelhas. "Nos tornamos dóceis entre vós" - Paulo escreve aos tessalonicenses - "qual ama que acarícia os próprios filhos" (1 Ts 2.7). E como precisamos desta mansidão! Crianças demoram para crescer. Seria bobagem nossa esperar que tivessem a sabedoria e o bom senso de adultos, enquanto são ainda pequenos. Precisamos ter paciência com eles. Eles serão às vezes pouco compreensivos, e nós ficaremos tão irritados com sua burrice como Jesus ficou com os seus Doze. Mas ainda precisaremos perseverar. Nunca devemos desanimar ou entregar os pontos. Somos chamados a velar sobre as almas dos homens (Hb 13.17); não podemos relaxar nossa vigilância. E quando a provação for muito dura, talvez por causa de divisões na igreja, ou por heresias que aparecerem, devemos nos lembrar de nossas instruções: "É necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente; disciplinando com mansidão os que se opõem..." (2 Tm 2.24-25).

E este é um outro ponto importante: é trágico

quando um ministro se torna amargo. Após longos anos de desapontamentos e frustrações, com poucos resultados visíveis, e muito poucos elogios para animá-lo, o pastor pode se tornar uma pessoa amargurada. E passa a usar de sarcasmo. Mas o sarcasmo é uma arma que o amor nunca usará. É frequentemente uma expressão torcida de amor-próprio e orgulho. Não recebemos o respeito, a honra e o reconhecimento que cremos merecer, e usamos o sarcasmo como vingança. Este é um sinal seguro do nosso amor-próprio, pois se estivéssemos amando aos outros mais do que a nós mesmos, nunca deixaríamos que a amargura dominasse o nosso relacionamento, prejudicando-os. O amor nos torna amáveis. S. Paulo admite que tem algumas coisas duras a dizer, sobre a arrogante displiciência dos crentes de Corínto, mas apressa-se a dizer que seu propósito em dizer estas coisas não é humilhá-los, mas ajudá-los a melhorar: "Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados" (1 Co 4.14). Quem é pai de verdade nunca deseja tripudiar de seus filhos, ou humilhá-los em público. Ele os ama demais para fazer estas coisas. Crianças precisam mais frequentemente de encorajamento do que admoestação, precisam que elogiemos seu bom comportamento tanto quanto nós os repreendemos pelas vezes em que se comportam mal. Os pais não devem "irritar" os seus filhos, "para que não fiquem desanimados" (Cl 3.21, cf. Ef 6.4) "O que tem chamado muito a minha atenção estes dias" - escreveu o Dr. J. H. Jowett - "é espécie de refrão que aparece em muitas biografias. O Dr. Parker não se cansa de repetir: 'pregue para os corações quebrantados! E há o testemunho de Ian MacLaren: 'O fim principal da pregação é confortar... 'Nunca esquecerei o que me disse certa vez um famoso erudito, que

frequentava minha igreja: 'A melhor coisa que você faz do púlpito é colocar nas pessoas a coragem que elas precisam para enfrentar mais uma semana!' E posso citar uma passagem repleta de emoção, do Dr. Dale: 'As pessoas querem ser confortadas (...). Elas precisam de consolo - precisam, realmente, não apenas anseiam por ele' " (The Preacher, His Life and Work (Garden City, N. Y.: Doubleday, 1929), p.107.).

O Pai é Simples

Em terceiro lugar, o amor paternal fará com que nosso ensino seja simples. Veja com que simplicidade o pai ensina o alfabeto a seu filho! Ele se rebaixa ao nível da criança, esquecendo-se das suas conquistas intelectuais, sua erudição, seus prêmios, seus títulos acadêmicos, e está pronto a voltar aos ensinos mais rudimentares por amor àquela criança. Precisamos fazer assim também, se queremos ser verdadeiros "pais" às pessoas de nossa igreja. Se os amamos, nosso objetivo não será o de impressioná- los com o nosso conhecimento, mas ajudá-los dentro do conhecimento que eles possuem. Enquanto são crianças, precisam ser alimentados com leite. J. C. Ryle, o antigo Bispo de Liverpool, afirmou que um dos segredos do reavivamento evangélico da Inglaterra no século XVIII era que seus líderes pregavam com simplicidade. "Para isto" - ele escreveu - "aqueles homens não se envergonhavam de crucificar seu estilo oratório, e sacrificar sua reputação de doutores. (...) Eles aplicavam o lema de Agostinho: "A chave de madeira não é tão bonita quanto a de ouro, mas se ela abre uma porta que a chave de ouro não consegue abrir, é muito mais útil' " (J. C. Ryle, The Christian Leaders of England in the 18th Century (1868), Londres: Chas. S.

Thynne Popular Edition (1902), pp.24-25.). Para reforçar estas verdades, Ryle cita vários outros líderes cristãos. Lutero disse: "Ninguém pode ser um bom pregador para o povo se não estiver disposto a pregar de uma forma que para alguns vai parecer infantil e vulgar". E ainda: "Complicar o que é simples" - disse James Ussher, Arcebispo de Armagh no século XVII - "qualquer um consegue mas simplificar o que é difícil é trabalho para um grande pregador". John Wesley escreveu no prefácio a um livro de sermões: "Eu digo a simples verdade para pessoas simples. (...) Trabalho duro para evitar todas as palavras que não sejam facilmente compreendidas". E Willian Grimshaw deliberadamente pregava seus sermões na igrejinha de Haworth naquilo que ele costumava chamar de "linguagem de feira".

Ou, chegando aos nossos dias, já ouvi diversas vezes o Dr. Billy Graham dizer, com razão, que o problema conosco, pregadores, é que costumamos pregar para nós mesmos! Quase não precebemos quão difíceis de entender nós somos. "Quanto daquilo que é simples para o homem do púlpito" - escreveu o Dr. R. W. Luxton, médico, em um artigo no British Medical Journal em 1957 - "soa como outra língua aos ouvidos do homem nos bancos da igreja? Contaram-me de um paciente num hospital de loucos que, após ouvir o capelão por algum tempo, comentou: 'Se Deus não me ajudar, vou acabar assim também! ' ". A simplicidade e precisão da pregação de Billy Graham são um modelo para todos nós, e isto foi reconhecido pelo Dr. Geoffrey Fisher, antigo Arcebispo de Canterbury, que escreveu um comentário sobre a Grande Cruzada de Londres na edição de Junho de 1954 do Canterbury Diocesan Notes: "As igrejas esperam que as pessoas entendam frases inteiras da vida e doutrina da igreja

mesmo antes que lhes ensinemos o alfabeto e as palavras de uma sílaba. Este é o erro natural do professor erudito. O Dr. Graham nos ensinou a todos a começar o nosso evangelismo do princípio, e falar, no poder do Espírito Santo, do pecado, da justiça, e do juízo" (Citado por Frank Colquhoun em Harrington Story - Londres: Hodder & Stoughton, 1954, p.190.).

A simplicidade da pregação começa com o nosso assunto. Vamos precisar gastar a maior parte do nosso tempo expondo os temas centrais do evangelho; as questões mais exdrúxulas da profecia, e assuntos de caráter controverso ou especulativo, nós bem podemos deixar de lado. Então, devemos ter um estilo tão simples quanto o assunto de que estamos falando. Sintaxe complexa, com rica abundância de orações subordinadas, pode ser apropriada para os livros; no púlpito, está completamente fora de lugar. Pontos finais funcionam melhor do que vírgulas, na linguagem falada. É bom usar bastante pausas. Como disse o Bispo Ryle, "pregue como se você estivesse sofrendo uma crise de asma". A este assunto simples e estilo simples, uma palavra simples. Não há por que pregar como quem acabou de engolir um dicionário. Nosso vocabulário pode ser rico (pois há certos clichês que precisam ser evitados) sem ser estapafúrdio. E precisamos nos afastar da gíria teológica. E verdade que a congregação precisa estar a par do sentido das grandes palavras como "justificação" e "propiciação", mas no princípio vamos precisar explicar até mesmo o que significam na Bíblia coisas óbvias como "graça", "fé", "esperança" e "amor".

Se formos sábios, não esperaremos nenhum conhecimento prévio. Nos dias de hoje, se pudéssemos realmente ver como as pessoas estão, eu creio que a

ignorância da grande maioria dos leigos nos deixaria espantados. "Em nenhuma outra época" - escreveu o articulista do Times após a publicação do Oxford Dictionary of the Christian Church, pelo Prof. F. L. Cross, em 1957 - "houve tantas pessoas cultas com tão pouco conhecimento das coisas do cristianismo".

Poderia dizer muito mais sobre a simplicidade na pregação: sobre o costume de estruturar o sermão em seções (divisões fáceis de entender), e sobre o uso da repetição e ilustração, mas vou me contentar com apenas mais um ponto, que é o uso de linguagem pictórica. Costumamos usar auxílios visuais no ensino de crianças. E neste particular, todos são como crianças. Aprendemos e memorizamos com muito mais facilidade através de nossos olhos que de nossos ouvidos. Mas não precisamos realmente usar auxílios visuais no ensino de adultos, se conseguimos ajudá-los a visualizar aquilo sobre o que estamos falando. As crianças têm uma imaginação concreta e viva. E felizmente, quando crescem, não a perdem de todo. Não devemos ter medo de apelar à capacidade imaginativa das pessoas. Como diz aquele provérbio oriental, "o homem eloquente transforma os ouvidos de seus ouvintes em olhos, de modo que eles podem ver aquilo de que ele está falando" (Bispo J. C. Ryle, Light From Old Times -Londres: Thynne&Jarvis, 1890, 50 edição, p. 407.). Jesus fez isto constantemente, por suas parábolas e por sua maneira de falar, e devemos aprender a fazer o mesmo.

O Pai é Altamente Interessado

Em quarto lugar, o amor paternal nos fará verdadeiramente interessados no resultado de nosso apelo.

"Mamãe" - perguntou a garotinha que ouvia Charles Simeon pregar pela primeira vez em Cambridge - "por que este senhor está tão emocionado?" (Constance E. Padwick, Henry Martin (1922), Lon dres: I. V. F., nova edição, p. 37.). Já escrevi, no capítulo 2, sobre o fervor da proclamação do arauto. Este fervor é característico do pai também. Pode ele permanecer frio e indiferente vendo seus filhinhos desviarem-se do caminho? Pode vê-los em perigo e não fazer nada para ajudá- los? O pai ama, e por isto tem cuidado de seus filhos. E o pai que cuida de seus filhos não hesita em usar de todos os seus recursos de convencimento quando sente que há razão de preocupar-se com eles. Paulo foi um pai de verdade. Durante os três anos que passou em Éfeso, ele diz, não cessou de "admoestar, com lágrimas, a cada um" (At 20.31). Qual foi a última vez que choramos de angústia espiritual por alguém? "O Dr. Dale, de Birminghan, tinha preconceitos contra o evangelista Moody. Mas após ouvi-lo, sua opinião foi alterada. Ele passou a encará-lo com grande respeito, considerando que ele tinha direito de pregar o evangelho, 'pois era incapaz de falar de uma alma perdida sem lágrimas nos olhos' " (Citado por David Smith no Expositor's Greek Testament (Londres: Hodder & Stoughton, 1910) referindo-se a 2 João 12.).

Assim como o pai avisa seus filhos do perigo, o pregador fiel também pregará às vezes sobre o pecado, o juízo e o inferno. Seu ministério será equilibrado. Ele procurará mostrar "a bondade e a severidade de Deus" (Rm 11.22), a certeza do julgamento e a grandeza da salvação. Não é típico do amor deixar os homens a sós com o seu perigo. Se perecem sem Cristo, ele precisa avisá-los solenemente do julgamento futuro, e exortá-los ardentemente a fugir para "Jesus, que nos livra da ira

vindoura" (1 Ts 1.10). Sempre gostei da definição de pregação dada por Chad Walsh, que escreveu: "A verdadeira função do pregador é perturbar os que estão calmos e confortar os perturbados" (Chad Walsh, Campus Gods on Dial (Nova York: Macmillan, 1953), p.95.). Já meditamos sobre a necessidade de conforto do ser humano, com tanta coisa a nos perturbar nestes dias. Mas há outros que não estão nem um pouco perturbados, e deveriam estar. Estão sentindo-se satisfeitos e autosuficientes. Não sentem necessidade alguma de Deus, e nem pensam no juízo final e em seu destino eterno. Podemos abandoná-los em seu paraíso de tolos? É claramente o nosso dever tentar por todas as maneiras legítimas acordá-los de seu sono perigoso. Sim, se somos do tipo que procura acima de tudo agradar, e se nos importamos com nossa reputação, iremos evitar estes assuntos desagradáveis. Seremos como os falsos profetas, que diziam "paz, paz", quando não havia paz, e Deus irá requerer de nossas mãos o sangue das almas perdidas (cf Ez 33.1-9).

Mas se amamos aos outros mais do que à nossa reputação, iremos proclamar a ira de Deus sobre o pecado, tanto como a graça de Deus para os pecadores. E pregando por amor, estaremos pregando em amor, pois não ousaremos pregar sobre estas coisas com a aspereza de quem está calejado ou a indiferença de quem não dá importância. As crianças não serão surdas aos avisos sinceros de seus pais, se tiverem certeza do seu amor. As pessoas ouvirão o que estamos dizendo, se virem lágrimas em nossos olhos. Eles dirão de seu pastor, não apenas "ele nos compreende", mas também "ele nos ama". É como escreveu o Bispo Ryle acerca de George Whitefield: "Eles não conseguiam odiar o homem que chorava tanto por suas

almas". E acrescentou: "Acredite que alguém o ama, e você ouvirá alegremente tudo o que ele tem a dizer" (Bispo J. C. Ryle, The Christian Leaders of England in the 18th Century - 1868, edição popular - 1902, p. 55.). Deixe que o amor coloque este fervor em nosso apelo! Permita-me citar novamente o grande livro de Richard Baxter, The Reformed Pastor, "Não importa o que você faça, deixe que os outros vejam que você está realmente interessado. (...) Quão poucos pastores há que pregam com toda a eloquência de que são capazes. (...) Ai de nós, falamos de maneira tão mansa ou sonolenta que as pessoas adormecidas pelo pecado não conseguem ouvir. Nossos golpes são tão leves que os de coração duro nem sentem. (...) Quantas doutrinas excelentes morrem nas mãos dos pastores por falta de aplicação viva e direta. (...) Oh, senhores, quanta clareza, quanta simplicidade e fervor deveríamos colocar em nossa mensagem, quando a vida ou morte eterna dos homens dependem dela! (...) O quê?! ? falar friamente por Deus e pela salvação dos homens? (...) Um trabalho como este de pregar pela salvação dos homens deveria ser feito com nossa força - para que as pessoas possam sentir a nossa pregação quando nos ouvem (Richard Baxter, The Reformed Pastor (1656), Londres: Epworth Press (1950), 20 edição revista, pp. 145, 106.).

O Exemplo do Pai

Em quinto lugar, o amor paternal fará que sejamos coerentes em nosso exemplo. Este é outro aspecto de nosso tema que não é estritamente ligado à Homilética; e ainda assim não podemos isolar o púlpito ou separar o que o pregador diz daquilo que ele é. O pai sábio é cuidadoso, e se esforça bastante para deixar para seus filhos um

exemplo bom e coerente em tudo. Ele conhece o poder quase assustador do exemplo, para o bem e para o mal, coisa de que a Bíblia tem muito a dizer. Ele se lembra das severas palavras de Jesus sobre o "escândalo", sobre alguém que faz "tropeçar a um destes pequeninos", como "seria melhor que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundeza do mar" (Mt 18.6-7). Mas, se o mau exemplo pode corromper, o bom exemplo pode inspirar e sustentar. Paulo sabia disto. Logo após declarar-se pai daqueles crentes de Corinto, ele diz: "admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores" (1 Co 4.16). É preciso uma boa dose de autoconfiança, no bom sentido, para convidar alguém a seguir o nosso exemplo, mas Paulo o fez diversas vezes em suas epístolas. Claro, a modéstia do pregador não deixará que ele aja como Paulo, mas de qualquer forma que ele faça, a congregação vai seguir o seu exemplo. Ele é o único representante oficial da fé que muitos deles conhecem. Eles certamente irão seguir a sua liderança, não apenas através de seus sermões, mas da sua vida também. O pregador não pode se dar ao luxo de momentos desprevenidos; como o seu Mestre, ele está sendo observado o tempo todo. E muito fácil ditar as regras do púlpito que exemplificá-las em casa, com a família. Achamos mais fácil dar orientações sobre o caminho aos outros que guiá-los no caminho. Mas as intruções que Pedro nos deixou são claras: "Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, (...) não como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho" (1 Pe 5.2-3). Esta é a decisão que temos de tomar: ser "dominadores", patrões dogmáticos e exigentes, ou "exemplos", buscando humildemente mostrar o caminho. Creio que foi Inge quem primeiro usou aquele jogo de palavras tão ilustrativo, de

que o cristianismo é algo que se "pega", mais do que se aprende. E um contágio, que se espalha pelo contato com um exemplo destacado; não se aprende simplesmente por livros. O mais poderoso "auxílio visual" que Deus usa para educar a humildade é uma vida cristã coerente.

Assim, nossa vida precisa estar de acordo com nossa profissão de fé, para que não estejamos pregando o que não fazemos. Richard Baxter pode nos dar bons conselhos sobre isto também, quando descreve o grande empecilho que é para a obra de Deus quando começamos a nos contradizer, "quando as suas obras mostram a mentira de seus lábios, e quando você constrói com a boca por uma ou duas horas, e passa o resto da semana destruindo com as mãos! (...) Quem realmente acredita no que diz, vive de acordo com aquilo que diz. (...) Um erro claro dos pastores que sofrem desta defasagem entre sua vida e pregação, é que eles estudam duramente para poder pregar bem, mas quase não estudam como viver bem. Uma semana de estudo parece pouco para duas horas de sermões; no entanto, uma hora já é demais para estudar como irá viver durante o resto da semana. (...) A doutrina prática precisa ser pregada de maneira prática. Precisamos dedicar tanto tempo ao estudo de como se deve viver quanto ao que vamos pregar".

As Orações do Pai

Em sexto lugar, o amor paternal nos fará orar de forma conscienciosa. Não posso imaginar um cristão que seja pai e não ore de forma conscienciosa por sua família; mas quão poucos pregadores oram sistematicamente por seu rebanho, como os pais oram por seus filhos! Oração e pregação caminham juntas. Não estou dizendo apenas que

nossas mensagens devem ser geradas e alimentadas em oração; nem apenas que devemos orar por nós mesmos antes de subir os degraus do púlpito; estou dizendo que precisamos orar por aqueles para quem pregamos. Não podemos deixar de perceber como o Senhor Jesus, após passar o dia todo ensinando e pregando, subia aos montes sozinho para orar por aqueles a quem havia ministrado. Nem a regularidade com quem S. Paulo costumava assegurar aos leitores de suas epístolas que estava orando por eles, orando sem cessar. Isto faz um ministério equilibrado, "nos consagrarmos à oração e ao ministério da palavra" (At 6.4).

E só o amor poderá nos fazer diligentes nisto, pois oração é trabalho duro e sem glória. Por ser um ministério que exige muito esforço, só teremos tempo para orar se amarmos as pessoas a ponto de não podermos negar-lhes o benefício de nossa oração. Por se fazer no anonimato, sem receber o louvor dos homens, só nos dedicaremos à oração se nos importarmos mais com seu bem estar espiritual que com sua gratidão. Paulo podia orar assim: "Irmãos, o desejo do meu coração e a prece que faço a Deus em favor [de Israel] é que sejam salvos" (Rm 10.1). Oração é isto: é a expressão do desejo do coração. Intercessão sem amor é impossível. Richard Baxter nos diz isto de forma simples: "A oração deve ser tão vital para o desenvolvimento de nosso ministério quanto nossa pregação. Não prega de todo o coração às pessoas quem não ora por elas também".

Este amor pelos outros não é algo natural em nós; precisamos recebê-lo pela graça. Por natureza somos egoístas, preguiçosos e sempre ansiando por elogios. Só há uma forma de aprender a amar, que é sentir pelos outros - na expressão de Paulo - "as ternas misericórdias de

Cristo"(Fp 1.8). Se pudermos estar cheios do seu amor indescritível e insaciável, poderemos amar com o amor de Cristo. E este amor completamente isento de egoísmo, amor que se preocupa apenas com o bem dos outros apesar do que possa custar, nos fará cuidar de nosso rebanho como um pai cuida de seus filhos. Um amor assim poderá fazer-nos pessoas compreensivas e gentis, simples e interessadas, coerentes em nosso exemplo e conscienciosos em nossas orações.

CAPÍTULO V

servo

O poder e motivação do pegador

Quando falo do pregador como "servo", estou pensando em um versículo específico (e todo o contexto onde se localiza), a saber, 1 Coríntios 3.5, onde S. Paulo escreveu: "Quem é Apolo? e quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, isto conforme o Senhor concedeu a cada um".

De muitas maneiras a igreja de Corinto dava grande evidência da graça atuante de Deus. Alguns de seus membros, "lavados", "santificados", "justificados", haviam sido libertos das profundezas do pecado (1 Co 6.11), e outros foram maravilhosamente "enriquecidos" por Cristo "em toda palavra e em todo o conhecimento", de modo que não lhes faltava nenhum dom (1 Co 1.5-7). No entanto, a vida interior daquela igreja parece estar tristemente contaminada pelo pecado, levando-a especificamente a ficar dividida em muitas facções. "Há contendas entre vós" - Paulo foi obrigado a escrever. "Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer `eu sou de Paulo' e eu 'sou de Apolo' e 'eu de Cefas' e 'eu de Cristo' "(1 Co 1.11-12). Não há evidência na epístola de que estas divisões" sejam de caráter doutrinário, fundadas em posições teológicas divergentes. Ao invés disto, o apóstolo liga as rixas na igreja de Corinto àquilo que chamaríamos de "culto de personalidade". Os

crentes estavam demostrando predileção exagerada por um ou outro famoso líder eclesiástico, e fazendo comparações ultrajantes entre eles. S. Paulo ficou horrorizado com a história que ouviu. Aqueles coríntios estavam dando a homens uma lealdade devida somente a Cristo. "Foi Paulo crucificado em favor de vós? - ele pergunta, atônito, e o sentido é: "Vocês estão pondo sua confiança em mim, como se eu tivesse morrido para salvá-los? "Fôstes, porventura, batizados em nome de Paulo?" (1 Co 1.13). Ou seja: "será que o batismo de vocês colocou-os em união comigo?". Tanto a conversão quanto o batismo cristão têm seu foco no próprio Cristo. Como ousam estes coríntios falar e agir como se homens mortais, pecadores, fossem o objeto de sua fé e batismo? E como podem usar estes "slogans" que implicam "pertencerem" a líderes humanos como Paulo, Pedro e Apolo? Na verdade, conforme ele passa a escrever, se alguém pode dizer que "pertence" a alguém na igreja, então é o ministro que pertence à congregação, e não a congregação ao ministro. "Ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, (...) tudo é vosso" (compare 1 Co 1.12, 3.4, com 3.21-22).

O vergonhoso culto de personalidades humanas que manchou a vida da igreja de Corinto no primeiro século ainda persiste entre os cristãos, e alguns líderes da igreja ainda recebem dos crentes uma atenção exagerada e imprópria. Não estou dizendo que o Ministério cristão não seja uma vocação honrosa. Claro que é. Realmente, a Bíblia nos manda "obedecer" a nossos guias, "ser submissos" a eles, "acatá-los com apreço" e tê-los "com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam" (Hb 13.17; 1 Ts 5.12-13). Mas o que este verso deixa claro é que devemos humildemente honrá-los pelo cargo que

ocupam; o que não diz é que devemos agir como seus cachorrinhos de estimação, ou permitir que outros nos tratem assim. Nunca devemos dar as pessoas importantes da igreja uma reverência que é devida a Deus somente. Os pregadores estão especialmente expostos ao perigo da bajulação. Temo, realmente, que a própria atitude com que algumas pessoas vão à igreja seja errada. Eles não vão adorar a Deus ou ouvir a palavra de Deus. Vão ouvir um homem. Assim, não é a mensagem que interessa, mas a oratória. Eles deliciam-se intelectualmente com o sermão, como se estivessem saboreando um prato apetitoso. E depois comentam o quanto gostaram ou não gostaram - do sermão. Mas sermões não existem para serem "apreciados". Seu propósito é dar algum tipo de proveito aos ouvintes, não prazer. Sermões não são criações artísticas para serem criticamente avaliados em seus aspectos formais. São "ferramentas, e não obras de arte". O sermão nunca é um fim em si mesmo, mas um meio para se atingir o fim, que é "salvar almas" (Phillips Brooks, Lectures on Preching - Longres: H. R. llenson, 1895, p. 112.). Não hesito em dizer que as pessoas que "parabenizam" o pregador pelo sermão, e os pregadores que esperam este tipo de elogio do seu povo estão, ambos, ofendendo grandemente a Deus. Não somos chamados a pregar a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e Salvador (1 Co 1.23; 2 Co 4.5). Assim, o importante é o Cristo proclamado, e não os homens que o proclamam. O pregador que pensa e age de outra forma não apenas usurpa a glória de Deus, mas coloca em risco todo o seu ministério, levando-o ao descrédito e à ruína.

O apóstolo Paulo percebeu com clareza cristalina a ofensa e o perigo do comportamento dos crentes de Corinto. Por isto, escreveu com grande veemência contra

isto, que era evidência segura de sua infantilidade e carnalidade. Sua maneira de viver era o do homem, não de Deus (1 Co 3.1-4). Por isto Paulo estava tentando ensiná-los o que era mais certo. A lealdade excessiva e equivocada que eles estavam dando a certos líderes da igreja devia-se a uma visão errada do - ministério. Se eles conseguissem adquirir uma visão sóbria, equilibrada e adequada do ministério, estariam protegidos contra a vã glória nos homens. Por isto ele exclama (traduzindo literalmente do original): "O que é Apolo? O que é Paulo?" Interessante que ele nem chega a perguntar "quem" são Apolo e Paulo. Ele fala de Apolo e de si próprio de maneira desdenhosa, quase desrespeitosa. Usa o gênero neutro, como se dissesse: "O que vocês acham que nós somos, para nos dar assim tanta importância?". E a resposta é imediata: Somos meros servos, servos do Senhor Jesus, e qual é a glória devida aos servos? Somos "servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um" (1 Co 3.5). Após dizer isto, Paulo desenvolve o tema da compreensão correta do ministério cristão neste e nos capítulos seguintes de sua epístola.

Há diversas palavras gregas traduzidas como "servos" nas nossas Bíblias. Há *oiketes* , o servo doméstico de que falei no capítulo 1. Há *doulos*, o servo-escravo, sem direitos legais um objetos pessoal do seu senhor. Há também *huperetês* , que aparecem em 1 Co 4.11, que indicava originalmente alguém que fazia parte do grupo de remadores no nível inferior de uma galera de guerra, um "remador-de-baixo", portanto, um "inferior", "subalterno". Mas a palavra que Paulo usa aqui é *diákonos*, que, no Novo Testamento, tem um sentido especial e um sentido geral. O sentido especial era o de "diácono", como é traduzido em algumas passagens (ex.: Fp 1.1; 1 Tm 3.8,10,12,13 ; Rm

16.1); ou, menos especificamente, aquilo que chamariamos um ministro ordenando (2 Co 3.6 ; 11.23 ; Ef 3.7; Cl 1.23,25; 1 Tm 4.6). Mas não parece ter este sentido aqui, e, como escreveu o Bispo Westcott, "não existe evidência de que, nesta epóca, *diakonia* e *diakonein* tinham sentido exclusivamente oficial". Estas palavras são, de fato, empregadas com frequência no Novo Testamento para descrever de maneira geral o serviço, ou ministério, para qual todos os cristãos são chamados. Somos ao mesmo tempo servos de Cristo (ex.: Jo 12. 26) e servos dos homens (ex.: Mc 9.35; 10.43). De acordo com o léxico de Grimm-Thayer, o *diákonos* é "alguém que executa as ordens de outra pessoa, especialmente de um senhor; um servo, assistente, ministro". Parece haver dois elementos de significado nesta palavra: primeiro o de serviço pessoal, mas também o de serviço executado sob as ordens de outra pessoa. 0 elemento de serviço pessoal aparece claramente em Marta, que "servia", nas mulheres que "prestavam assistência" a Jesus, na sogra de Pedro, depois de ter sido curada de sua febre (Lc 10.40; Jo 12.2; Lc 8.3; Mc 15.41; Lc 4.39), e na ajuda prestada por Onésimo e Onesíforo a Paulo, e por Paulo aos cristãos empobrecidos da Judéia, através da coleta que realizou nas igrejas (Fm 13; 2 Tm 1.16-18; Rm 15.25; Cf 10.23, 25). Que a *diakonia* acontecia normalmente sob o comando ou a autoridade de outra pessoa é percebido pelo uso deste termo para designar os criados pessoais do rei, os garções que serviam comida e bebida na festa de casamento em Caná, e mesmo o magistrado civil, que age como "ministro de Deus" (Mt 22.13; Jo 2.5; Rm 13.4). Em nenhum destes casos o *diakonos* está trabalhando por conta própria; ele representa uma autoridade superior, cuja comissão e comando atende. Ele age em nome de seu senhor e, portanto, o seu senhor

age através dele.

Parece ser esta a ênfase que o apóstolo dá à palavra aqui. - Nós somos - diz ele - "servos por meio de quem crestes", ou seja, por meio de quem o nosso Mestre agiu para despertar a vossa fé. A locução prepositiva por meio de tem um significado importante no contexto destes capítulos iniciais de 1 Coríntios. Não somos os servos a partir de quem vós crestes, como se os pregadores fossem os autores da fé nas pessoas, despertando-a e levantando-a. Nem somos os servos em quem vós crestes, como se os pregadores fossem objetos da fé das pessoas. Como já vimos, eles creem e são batizados em (ou "para dentro de") Cristo. O ministério da Palavra e dos Sacramentos declara que Jesus é o unico objeto
legítimo de fé (cf 1 Co 1.13-15; 2.5). Ao invés destas coisas, nós somos "servos por meio de quem crestes", os agentes por meio de quem Deus age, os instrumentos que ele usa para despertar a fé nos ouvintes da Palavra. A função do pregador é como a de João Batista: "testificar a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele" (Jo 1.7).

Esta verdade, do pregador como agente, um servo através de quem trabalha, já foi tratada no capitulo 2, quando pensamos nele como embaixador através de quem Deus transmite seu apelo aos homens (2 Co 5.20). A idéia que homens podem ser canais da graça e do poder de Deus aparece diversas vezes no Novo Testamento (ex.: At 15.12: "por meio deles"; cf. At 14.27: "com eles"). Mas é desenvolvida de maneira mais elaborada por S. Paulo em 1 Corintios 3. Somos "Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um ". Quer dizer: cada servo tem uma tarefa específica que lhe foi designada, mas o senhor trabalha através de todos, pessoalmente. A

missão especifica de Paulo e a de Apolo são então descritas: "Eu [Paulo] plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus" (1 Co 3.6). O apóstolo recorre a uma metáfora agricola simples: A igreja de Corinto é "lavoura de Deus", mas embora o campo seja dele, ele permite que homens ali trabalhem.

Paulo mesmo, visitando Corinto durante a sua primeira viagem missionária, fez o plantio inicial. Apolo veio em seguida, regando as sementes que Paulo havia deixado. Entretanto, apesar de Paulo ter "plantado", e Apolo "regado" (os verbos estão no aoristo, indicando estágios completados), "o crescimento veio de Deus". Em contraste com os dois verbos anteriores, este é um imperfeito, indicando que a atividade de Deus é contínua. Homens chegaram e se foram, mas o tempo todo Deus estava fazendo a semente brotar, crescer e se desenvolver. Sendo assim, "nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento" (1 Co 3.7).

A palavra semeada
Faze, ó Salvador, nascer;
Para dar-lhe crescimento
Só de ti vem o poder;
Ricos frutos
Tu nos podes conceder. (Sarah P. Kalley, Hinário Evangélico, 416.)

Portanto, temos o privilégio de semear e regar a semente da Palavra de Deus, mas todo nosso trabalho será vão se Deus não der o crescimento. O pregador é agente ou *diákonos* de Deus, e todo o seu serviço será perdido se Deus não agir poderosamente através dele, criando a fé nos ouvintes de sua palavra. Por isto nosso assunto neste

último capítulo é: o pregador e o poder de Deus.

Precisamos de Poder

A primeira coisa a fazer é lembrar-nos da necessidade urgente e indispensável do poder de Deus na pregação. Espero que estejamos todos vendo com tristeza o espetáculo da impotência da Igreja nos dias de hoje. Somos gratos a Deus por estar manisfestando o seu poder salvador em algumas partes do mundo. Mas em muitas outras, especialmente nas denominações mais antigas, "históricas", há pouca evidência de vida ou poder. Vemos grande número de membros, muita atividade social, e agenda cheia, mas pouco poder. Aqui na Inglarterra, pelo menos, para ser honesto, a Igreja tem muito pouco impacto sobre a vida da nação. A massa do povo ignora o evangelho ou é indiferente a ele. Acham a Igreja desatualizada e irrelevante, um vestígio curioso mas anacrônico do passado. Para eles a Igreja é impotente e decadente. E, se a Igreja de maneira geral tem falta de poder, que dizer, do nosso ministério? Pessoas estão se convertendo através de nossa pregação? Não estou falando do despertamento de emoções ou comoções superficiais, mas de regeneração profunda e permanente por obra graciosa do Espírito Santo. Se pelo menos os púlpitos do mundo fossem ocupados por homens "revestidos de poder" (Lc 24.49), poderíamos provar novamente que "o evangelho (...) é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16).

O primeiro passo na direção do revestimento com poder é humildade reconhecimento de nossa falta de poder. Se você me permite generalizar, as igrejas estão ocupadas demais usando as estatísticas como uma espécie de venda sobre os seus próprios olhos. Estamos pouco

propensos a admitir o estado lastimável de fraqueza em que se encontra a igreja hoje. Estamos nos contentando em julgar como o homem, vendo apenas as aparências externas.

Consequentemente, não apenas percebemos o mudanismo da Igreja, a falta de convicção de pecado e de visão de Deus, o caráter meramente externo de muitos de nossos cultos, a pequena profundidade de nossos relacionamentos , nossa desobediência no que se refere ao evangelismo, e o distanciamento entre nossas vidas e o padrão de mansidão e santidade estabelecido nas Beatitudes.

Precisamos de poder não apenas em nossas vidas pessoais, mas em nossos ministérios também. Como pregadores, nunca iremos sentir a necessidade de buscar o poder de Deus antes de termos experimentado a futilidade de tentarmos proclamar a Palavra de Deus apenas com a nossa fraca capacidade humana. A tolice disto fica evidente quando examinamos a estimativa bíblica da condição depravada do ser humano, totalmente fora do alcance da capacidade humana de convencimento e persuasão, atingível apenas pelo poder vivificante de Deus. Desta forma, a Bíblia ensina que o homem em seu estado natural, não redimido nem regenerado, é cego. "O deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é imagem de Deus" (2 Co 4.4). Como, então, é possível que algum homem veja e creia? Para responder a esta pergunta, S. Paulo estabelece uma analogia entre a antiga e a nova criação. Ele leva nossos pensamentos em grande velocidade a milhões de anos atrás, ao caos primevo, quando "a terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava

por sobre as águas" (Gn 1.2).Tudo era assim, sem forma, sem vida, sem graça, escuro e vazio, até que a palavra poderosa de Deus trouxe luz e calor, forma e beleza. Assim também é com o coração ímpio do homem natural. Os primeiros raios que prenunciam o alvorecer da vida são quase imperceptíveis contra a escuridão impenetrável, tudo é escuro, vazio e sem calor, até que pelo *fiat* divino acontece uma nova criação. "Porque Deus que disse: 'De trevas resplandecerá luz', ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (2 Co 4.6).

Os homens estão não apenas cegos, mas mortos: "mortos em delitos e pecados", "alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza dos seus corações" (Ef 2.1; 4.18). Jesus ensinou a mesma coisa: "Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo mas passou da morte para a vida" (Jo 5.24). Se passa da morte para a vida, entende-se que antes estava morto.

Assim, este é o estado do homem não redimido, de acordo com a Bíblia. Ele não tem vista nem vida, está cego e morto. Como alcançá-lo ? Será que somos tão tolos a ponto de pensar que podemos de alguma forma, por nossa retórica ou argumentação, introduzir nele entendimento ou vida espiritual? Não. Não é dado a nós conceder vista aos cegos ou vida aos mortos. Só Deus é o autor da vida e da visão. Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre, e ele, que abriu olhos cegos e restaurou a vida aos mortos, ainda pode fazê-lo hoje. Somente o toque de sua mão pode fazer com que caiam as escamas que cobrem os olhos dos homens. Somente o som de sua voz pode chamar os mortos à vida (Jo 5.25).

Se concordarmos que apenas o poder de Deus é capaz de fazer que os cegos vejam e os mortos vivam, onde encontrar este poder? Como pode o pregador ser um canal deste poder, de tal forma que se torne um servo "por meio de quem" os outros creiam? Não há no Novo Testamento exposição mais clara do lugar do poder divino que 1 Corintios 1.17-2.5. Esta é, talvez, a passagem bíblica que os pregadores deveriam ler e estudar mais do que qualquer outra, e pela qual deveríamos avaliar e corrigir o nosso ministério.

Há cinco referências nesta passagem a *dynamis*, poder; especialmente *dynamis Theou*, o poder de Deus. O apóstolo teme que "se anule" o poder da cruz de Cristo (1.17), e duas vezes afirma que a "palavra da cruz", ou a pregação de "Jesus Cristo crucificado" é, "para os que foram chamados", e são, portanto, "salvos", "o poder de Deus" (1.18, 23, 24). Mais adiante , Paulo está ansioso para proclamar a sua mensagem "não em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de Poder" (2.4, 5).

O lugar onde reside este poder já está implícito na frase que abre este trecho: (As palavras citadas de 1 Co 1.17-2.5 neste capítulo estão impressas em itálico, para facilitar o entendimento da exposição.). Não me enviou Cristo para batizar, *mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que não se anule a cruz de Cristo* (1.17). Com estas palavras, Paulo nos apresenta ao mesmo tempo a fonte de nossa mensagem (recebemos boas notícias para serem divulgadas), sua substância (são as boas novas cruz de Cristo) e a forma de proclamação (*não com sabedoria de palavra*). Precisamos examinar com cuidado o que o apóstolo tem a acrescentar sobre estes três aspectos do ministério da pregação. Posso tentar

resumir tudo em três proposições:

A Palavra de Deus

Em primeiro lugar, há poder na Palavra de Deus. O poder que salva não está na sabedoria do homem, mas na Palavra de Deus. Se alguém deseja ser salvo, deve voltar-se à Palavra de Deus; se o pregador deseja exercer um ministério de salvação, deve pregar a Palavra de Deus. O apóstolo distingue claramente a sabedoria humana da divina. Ele cita a mensagem de juizo de Jeóva sobre os "sábios" do reino de Judá no templo de Isaías (Is 29.14)- e diz está escrito: *destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos entendidos* (1.19). E prosseguindo: *Onde está o sábio? onde o escriba? onde o iniquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?* (1.20). A verdade sobre Judá no século VII a. C. valia também para Corinto do século I a. D. A atitude divina para com a arrogância intelectual não mudou. O homem não pode encontrar Deus por sua sabedoria própria. Deus é infinito e, portanto, incognoscível aos esforços da mente humana. O próprio Deus é quem precisa tomar a iniciativa de falar e salvar, e isto ele fez, graciosamente: *Visto como na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação* (1.21). A vontade e o propósito de Deus estão declarados aqui de forma perfeitamente clara nas metades positiva e negativa deste extraordinário verso. Negativamente, *na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria*. Quer dizer: a sabedoria humana foi posta de lado pela sabedoria de Deus. Não há poder algum na mente de homem finito e decaído para descobrir ou medir Deus.

Deus está completamente fora de alcance humano. Por isto, agora positivamente, *aprouve a Deus* suprir a incapacidade de ser humano, e isto *pela loucura da pregação*, ou seja, através do *kerygma*. Através desta mensagem, que é uma loucura aos olhos do mundo, Deus deseja salvar *aos que crêem*.

É importante notar os vivos contrastes que o apóstolo estabelece nesta sua declaração. Em primeiro lugar, ele deseja que percebamos a diferença entre os verbos *crer* e *salvar*. O desejo de Deus é não apenas que os homens o conheçam, mas que sejam salvos por ele. Iluminação do intelecto não basta; salvação do pecado é a nossa necessidade prioritária. Além disto, Deus deseja levar-nos a este conhecimento que salva, não por nossa própria sabedoria ou esperteza, mas pela sua palavra; não pelo raciocínio humano, mas pela revelação divina, pelo evangelho, o *Kerygma*. Em terceiro lugar, o plano de Deus é salvar pelo evangelho não os inteligentes e instruídos, mas *os que crêm*. A condição para a Salvação é fé, não superioridade intelectual.

A seguir, o apóstolo reforça estas verdades, com aplicação especial aos judeus e gregos. *Os judeus pedem sinais* - diz ele - e *os gregos buscam sabedoria, mas nós pregamos a Cristo crucificado* (1 .22-23). Observe os verbos nesta frase: Os judeus estavam fazendo pedidos exigentes, insistindo na presença de alguns sinais como pré- requisito para sua aceitação das palavras de Jesus. Os gregos eram um povo sempre e eternamente em busca da sabedoria. *Mas nós pregamos*... - quer dizer, nossa tarefa como pregadores cristãos não é subservientemente responder todas as questões que os homens nos apresentam; nem tentar atender a todas as exigências que nos fazem; nem fazer cautelosas sugestões aos interes-

sados nas questões filosóficas da vida; mas sim proclamar uma mensagem que é dogmática porque divina. A responsabilidade do pregador é proclamar, não discutir. Há um excesso de discussões sobre a religião cristã hoje, especialmente com pessoas que não são cristãs, como se estivéssemos mais preocupados com a opinião que as pessoas têm de Cristo que com a honra e glória do próprio Jesus. Devemos lançar nossa Pérola Preciosa aos pés dos porcos, para que a desprezem e pisoteiem para se divertir? Não. Somos chamados para proclamar Cristo, não para discuti-lo. Como ja vimos, somos os "arautos", enviados para publicar uma mensagem que não foi criada por nós (para que não tenhamos a pretensão de adulterá-la), mas por Aquele que no-la deu para proclamar. A mensagem é descrita aqui como "evangelho", boas novas (1.17), o *kerygma* (1.21, 24), e "testemunho" ou "ministério" de Deus (Duas possibilidades de tradução em 1 Co 2.1) .

A esta mensagem revelada devemos humildemente nos sujeitar. "Se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio" (1 Co 3.18). Tenho para mim que este faça-se "estulto" é uma das mais duras palavras da Bíblia para o orgulhoso coração e mente do homem. Como os brilhantes intelectuais da Grécia antiga, nossos contemporâneos têm ilimitada confiança na razão humana. Eles querem descobrir por si próprios o seu caminho para Deus, e ganhar crédito por descobrir Deus por si próprios. Mas Deus opõe-se a tal inchamento de orgulho por parte da criatura finita. Sim, os homens têm cabeça para pensar, como vimos em capítulos anteriores, e não devem sufocar ou apagar o seu intelecto, mas sim usá-lo com humildade e reverência diante da revelação divina, tornando-se, nas palavras de Paulo, "loucos", e nas de Jesus, "crianças" (Mt 18.3). Deus só se revela às crianças, e

só concede sabedoria aos loucos.

Assim, da mesma forma que o pecador precisa de humildade para aceitar a Palavra de Deus, o pregador precisa de humildade para proclamá-la. Há poder nesta Palavra. E "martelo que esmiúça a pedra" (Jr 23.29). "A palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração " (Hb 4.12). Mas não pense que o seu poder é principalmente destrutivo, como o fogo que queima, o martelo que despedaça, a espada que fura e corta. O evangelho é, acima de tudo, "o poder de Deus para a salvação" (Rm 1.16). Não há argumento mais forte a favor de uma pregação expositiva fiel do que este, que é através do *Kerygma*, as boas novas reveladas que nos foram confiadas, que *aprouve a Deus salvar aos que crêem*. Não há poder para a salvação nas palavras dos homens. O diabo não liberta seus prisioneiros ao comando de meros mortais. Nenhuma palavra tem autoridade sobre ele, a não ser a Palavra de Deus. Proclamemo-la, então, e exponhamos a Palavra de Deus, na confiança que ela "opera eficazmente" (1 Ts 2.13) naqueles que crêem.

A Cruz de Cristo

A segunda proposição que podemos extrair desta passagem é que há poder na cruz de Cristo. A palavra de Deus é *a palavra da cruz* (1.18). O *Kerygma* pelo qual Deus salva aos que crêem é Cristo crucificado (1.21, 23). Na cruz Jesus Cristo levou ao nossos pecados e quebrou o poder do inimigo (ex: 1 Pe 2.24; Cl 2.25; Hb 2.14.) e é portanto apenas pela cruz que homens e mulheres podem ser

pessoalmente libertos do pecado e Satanás. Em Cristo crucificado devem confiar; é portanto Cristo crucificado que devemos proclamar.

Neste século porém, como no primeiro, iremos encontrar muita gente que não vê qualquer sabedoria divina ou poder na cruz. A cruz leva-os a tropeçar ao invés de levantar-se, à confusão ao invés de esclarecimento. *Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios: mas para os que foram chamados tanto judeus como gregos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus* (1.23, 24). O que era escândalo para os judeus (1.23), ainda o é para sua descendência espiritual, aquelas pessoas possuidas de espírito legalista que, "desconhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria", não querem submeter-se à justiça que Deus dá (Rm 10.3). Para todos aqueles que se orgulham de seu caráter moral, imaginando poder ganhar a salvação por seu próprio mérito, a cruz será sempre um *skândalon*, pedras de tropeço. Ela dói muito em seu orgulho. Da cruz, Cristo parece dizer-lhes: "Estou aqui por causa de seus pecados; se você pudesse salvar a si próprio, eu não precisaria estar aqui"! Frente a este dilema, o moralista só pode abandonar a sua justiça própria e agradecidamente aceitar a de Cristo, ou então segurar orgulhosamente a sua justiça e repudiar a graciosa oferta de Deus em Cristo.

A cruz também é loucura para os gentios (1.23), ou os gregos (22, 24). Com a mesma intensidade que o judeu valorizava a sua justiça, o grego o fazia com sua sabedoria. Assim, enquanto o judeu representa o moralista ou legalista que se orgulha por seu caráter, o grego está no lugar do intelectual que se gloria de sua inteligência. A cruz era *skândalon* para um, e *môria* , tolice, loucura, para o outro.

Sabe-se muito bem como era estranho para a mente do gentio o fato de se adorar um Deus que morreu vergonhosamente num madeiro romano. De acordo com Orígenes, o filósofo pagão Celso, do segundo século, zombava dos cristãos, que "prestam culto, realmente, a um morto" (Contra Celsun). Um desenho encontrado no Palatino de Roma faz uma cruel caricatura do culto cristão, na representação de um escravo ajoelhado diante de um jumento enforcado, com a seguinte legenda: "Alexamenos adorando a Deus". A mente moderna não é mais amiga do evangelho de Cristo crucificado que a antiga filosofia da Grécia e Roma. Eu mesmo já ouvi intelectuais zombarem da cruz como "um resquício dos primitivos rituais de sangue", "uma superstição de mau gosto, há muito abandonada por todos os homens inteligentes".

Devemos, então, modificar nossa mensagem só porque ela ofende o orgulho que o ser humano tem de seu caráter e seu intelecto? Li que os missionários jesuítas na China no século XVII fizeram exatamente isto. Temerosos de ofender o gosto refinado dos sábios chineses, eles reescreveram a história de Cristo omitindo tudo aquilo que poderia causar problemas, especialmente a parte da crucificação. Não surpreende que o que sobrou - nas palavras de Hugh Trevor - Roper, Professor Régio de História Moderna em Oxford, um "resíduo livre de objeções" - não teve poder divino para ganhar conversões verdadeiras.

E nem devemos esperar hoje resultados se negarmos, ou deixarmos de pregar a fé em Jesus Cristo crucificado. Há poder na cruz de Cristo. O que é escândalo para alguns, e loucura para outros, é também, *para os que foram chamados* (1.24) e, respondendo ao chamado divino em arrependimento e fé, são *salvos* (1.18), *tanto judeus*

como gregos, o poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus, é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens (1.24, 25). Eis o paradoxo: o que ofende o orgulho, salva o humilde. Há um incrível poder na cruz de Cristo. Poder para despertar a consciência mais adormecida, e derreter o coração mais duro; para purificar o impuro; para reconciliar àquele que está afastado, restaurando-o à comunhão com Deus; para redimir o prisioneiro de suas algemas e levantar do lixo o mendigo; para derrubar as barreiras que separam os homens; para transformar nossas personalidades instáveis à imagem de Cristo e finalmente tornar-nos capazes de permanecer de pé, em vestes brancas diante do trono de Deus. Tudo isto faz parte da "salvação" que Deus opera nos homens e mulheres através do *kerygma* de Cristo crucificado. *A palavra da cruz* (...) *é poder de Deus* (1.18). Que nunca nos esqueçamos disto.

Assim, homens e mulheres, que não conseguem salvar-se por seu próprio poder (como pensavam os judeus) nem por sua própria sabedoria (como pensavam os gregos) podem ser salvos por Cristo crucificado, o qual é a sabedoria e o poder de Deus. Poder e sabedoria estão em Deus, não no homem. Mesmo a loucura de Deus é mais sábia, e a sua fraqueza mais forte, que o homem. Para enfatizar esta verdade, que a sabedoria e poder pelos quais os homens são salvos não vêm de nós mesmos e sim de Deus, em e através de Cristo - o apóstolo recorda agora a seus leitores coríntios as circunstâncias em que eles próprios se converteram: *Irmãos, reparai pois na vossa vocação* - ele diz - *visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos*... (1.26). Exato ! Se alguém está obcecado com seu próprio poder ou sabedoria, não se submeterá humildemente ao poder e

sabedoria divinos. O poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza humana (cf. 2 Co 12.9) e a sua sabedoria, na tolice humana. Sendo assim, ele raramente tem escolhido os naturalmente sábios e poderosos entre os homens. *Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são* (1. 27 -28). Por que? Paulo dá imediatamente a razão: *a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus* (1.29). Ninguém pode salvar a si próprio; só a cruz de Cristo pode salvá-lo. O ser humano deve tudo a Deus. Como criatura, depende completamente de seu criador; como pecador, do seu salvador. Gabar-se de sua sabedoria ou poder é tolice e pecado. Deus, e Deus somente, é a fonte de nossa vida em Cristo, *o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça e santificação, e redenção* (1.30). Não há justiça própria em nós que nos permita conhecer Deus; carecemos de sua auto-revelação em Cristo. Não há poder em nós para nos salvar; o poder para salvação, seja a justificação inicial, a santificação progressiva ou a redenção final, está em Cristo somente. Sem Cristo não temos sabedoria nem poder. Sem Cristo estamos perdidos. Portanto - Paulo conclui - *Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor* (1.31).

Após demonstrar que o poder para salvação não está *em quem ouve a Palavra*, Paulo prossegue, nos primeiros versículos de 1 Coríntios 2, mostrando que este poder não está *em quem prega a palavra* também. Arrisco-me a dizer que os crentes evangélicos são mais convictos da primeira afirmação do que da segunda. Estamos cansados de repetir que homem algum pode salvar-se por suas próprias obras; mas será que não nos comportamos às vezes em nossa

pregação como se crêssemos que eles pudessem ser salvos pelas nossas? Precisamos ser coerentes. Se estamos apelando aos homens que renunciem sua sabedoria e poder para receber Cristo, precisamos parar de desfilar a nossa sabedoria e poder diante deles à guisa de objeto de fé. Eles não devem confiar nas suas próprios habilidades e nem nas nossas, mas somente em Deus. O apóstolo Paulo percebia esta verdade com maior clareza que muitos de nós hoje. Ele estava decidido a humilhar todos os homens, os outros e ele também, diante de Deus. Ele não tinha dúvida que a sabedoria necessária para conhecer a Deus, e o poder para salvação, vêm de Deus em Cristo só, nunca do homem e nem no homem. Por isto ele ilustra um pouco mais este grande tema, agora a partir não das experiências de conversão de seus ouvintes, mas de sua experiência como pregador: *Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem, ou de sabedoria* (2.1). Ele não se aproveitava, para maior efeito em sua pregação, de sua própria sabedoria, ou de sua capacidade de expressá-la. Sua mensagem e a maneira como ele a transmitia estavam livres da marca do orgulho humano e proezas de pregador. Qual era a sua mensagem? Não a sabedoria do mundo, mas sim: *decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado* (2.2). Quanto ao estilo de pregar, Paulo *rejeitava a ostentação de linguagem* (2.1). Ele havia desistido de pregar o evangelho *com sabedoria de palavra* (1.17). Ao invés disto - ele prossegue - *foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós* (2.3). Paulo se contentou a pregar em Corinto uma mensagem louca, em fraqueza humana. Os coríntios certamente não chegaram ao conhecimento de Deus pela demonstração da sabedoria própria do apóstolo; pois ele havia renunciado a

isto, em favor da loucura do *kerygma* de Deus acerca de Cristo crucificado. E nem foram convertidos através de uma poderosa demonstração da oratória paulina; mas sim, pelo poder do Espírito Santo.

O Espírito Santo

Isto nos leva à terceira proposição extraída desta passagem, a saber: que há poder no Espírito Santo. Ouçamos novamente Paulo: *A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder* (2.4). Ele já explicou a origem e conteúdo de sua mensagem, ou *kerygma*, que vem de Deus e é centrada em Cristo. Deus é o seu autor, e Cristo a sua substância. Mas este glorioso evangelho dado por Deus e cristocêntrico ainda poderia torna-se ineficaz. Se pregada com *sabedoria de palavra*, a *cruz de Cristo seria anulada* (1.17). Paulo recusava-se a confiar em sua própria personalidade ou eloqüência em seu esforço de comunicar sua mensagem aos outros. Ele renunciou deliberadamente àquilo que chamou *linguagem persuasiva de sabedoria* (2.4), referindo-se, sem dúvida, às sutilezas retóricas dos oradores gregos, que competiam uns com os outros sobre a habilidade e elegância de seus discursos. Ao invés disto ele diz - sua mensagem foi comunicada *em demonstração do Espírito e de poder* (2.4). Quer dizer, confiou na poderosa capacidade de demonstração ou prova (*apodêixis*) que o Espírito Santo podia acrescentar às suas palavras simples e hesitantes. Ele falou em tão grande condição de fraqueza humana que, por suas palavras apenas, homem nenhum poderia ter chegado a um conhecimento claro ou à fé salvadora. Mas o Espírito Santo tomou a sua fiel

proclamação do Evangelho e fê-la atingir o objetivo com uma poderosa convicção de pecado aos corações e mentes dos que ouviram, de tal forma que eles chegaram a ver e crer.

Esta não era uma experiência nova para o apóstolo Paulo. Já na Tessalônica, na mesma segunda viagem missionária, o evangelho pregado por ele não chegara "tão somente em palavra, mas sobretudo em poder, no Espírito Santo e em plena convicção" (1 Ts 1.5). O que caracterizou o ministério de Paulo deveria caracterizar o nosso também. Todo pregador que tenha sido agraciado com os dons de uma personalidade marcante e oratória fluente conhece a tentação de por sua confiança no poder de sua própria habilidade. Se apenas ele conseguir ser suficientemente lúcido, suficientemente eloqüente e dogmático e persuasivo, conseguirá certamente convencer as pessoas a aceitarem a salvação em Cristo e entregar-se ao Seu senhorio. Certamente, ele poderá conseguir controlar as suas emoções e levá-los a tomar algum tipo de atitude. Mas o resultado não terá profundidade ou permanência. Somente o Espírito Santo pode convencer a consciência, iluminar a mente, inflamar o coração e mover a vontade do homem.

Somente a poderosa demonstração que o Espírito Santo dá à Palavra pode prevalecer sobre as pessoas, para que a recebam, retenham, e dêem fruto com paciência. Isto de maneira nenhuma significa que tenhamos liberdade para sermos negligentes no estudo ou descuidados na preparação. E nem estamos autorizados a concluir que devemos pregar sempre de forma extemporânea, sem a disciplina de tomar o máximo de cuidado na escolha de palavras que transmitam nossa mensagem com força e clareza. Se a inspiração divina da Bíblia atingiu até as

palavras usadas pelos autores humanos (cf. 1 Co 2.13), não temos o direito de imaginar que a escolha das palavras não tem importância. Uma mensagem precisa só pode ser comunicada em linguagem precisa. Não; a ênfase de Paulo é que o objeto de nossa confiança na proclamação da Palavra de Deus não pode ser a força de nossa própria personalidade ou argumentação (por mais que possamos legitimamente argumentar com nossos ouvintes e tentar convencê- los), mas o poder do Espírito Santo.

Diz-se de Charles Haddon Spurgeon, pregador a quem Deus deu uma grande capacidade, que costumava dizer a si mesmo o tempo todo, enquanto subia os degraus de seu púlpito elevado: "Creio no Espírito Santo, creio no Espírito Santo, creio no Espírito Santo...". Também foi Spurgeon quem escreveu: "O evangelho é pregado aos ouvidos de todos; mas atinge com poder a alguns apenas. O poder que existe no evangelho não reside na eloqüência do pregador - ou homens se tornariam convertedores de almas. Nem na erudição do pregador - ou seria apenas sabedoria de homens. Podemos pregar até gastar as nossas línguas, até secar os nossos pulmões, mas alma alguma seria convertida, a não ser que um outro poder misterioso o acompanhasse: o Espírito Santo transformando a vontade do homem. Senhores! Pregar às paredes ou aos seres humanos seria a mesma coisa, a não ser que o Espírito Santo esteja com a Palavra, dando-lhe poder para converter as almas".

As três proposições extraídas do princípio de 1 Coríntios que eu acabei de lhe mostrar, tomadas juntas, indicam que a origem do poder na pregação é trinitária. *Dynamis Theú*, o poder divino que salva, está na Palavra de Deus acerca da cruz de Cristo, quando demonstrada ou confirmada pelo Espírito Santo. Ou seja, a origem, a

substância e a entrega da mensagem do pregador são, todas, divinas. Ele não tem o direito de alterar a forma nem o conteúdo de sua pregação. Ele foi comissionado para proclamar o *kerygma* de Deus, que é Cristo crucificado, no poder do Espírito Santo. E igualmente tolo tentar pregar a sua própria mensagem com poder divino ou pregar a mensagem de Deus com seu próprio poder. Sua forma precisa estar de acordo com o seu conteúdo; precisa apresentar a mensagem de Deus à moda de Deus.

Deve estar bastante claro agora o quanto a pregação cristã é diferente da propaganda secular. Não nego que é possível haver algo como "propaganda cristá", ou "marketing cristão". (Estou empregando estas palavras no sentido bem amplo, para designar o crescente uso dos meios de comunicação de massa para obtenção de fins indígnos.) A incompatibilidade destes métodos com a verdadeira pregação cristã pode ser vista nas três esferas que estamos estudando, a saber: a origem e o conteúdo da mensagem, e a forma utilizada para comunicá-la. Em primeiro lugar, a propaganda pode suprimir, distorcer ou ornamentar a verdade; enquanto o pregador tem a responsabilidade de proclamar com fidelidade a Palavra que lhe foi confiada. Em segundo lugar, o alvo do propagandista é agradar, atrair, conseguir apoio, ganhar popularidade; enquanto o pregador tem a responsabilidade de pregar a mensagem de Cristo crucificado, que ele sabe ser ofensiva aos orgulhosos, um escândalo para uns e loucura para outros. Em terceiro lugar, o propagandista depende do uso astuto de técnicas psicológicas, buscando convencer e converter pela pressão, humor, "*pathos*" ilusão, lógica, repetição ou adulação, enquanto o pregador tem a responsabilidade de proclamar uma mensagem clara e sem sutilezas, confiando no invisível poder do Espírito Santo.

Santidade e Humildade

Ainda uma última questão precisa ser apresentada e respondida: Que condições o pregador precisa satisfazer para ser veículo deste poder divino? Já vimos que ele precisa ser fiel no trato com a Palavra de Deus, expondo as Escrituras e pregando a cruz, pois há poder na Palavra de Deus e na cruz de Cristo. Mas como poderemos nos tornar canais para o poder do Espírito Santo? De que maneira será cumprida a promessa de Jesus, que do íntimo de nosso ser, "rios de água viva" fluirão para a vida dos outros (vide Jo 7.38-39)? A meu ver, há duas condições essenciais: santidade e humildade.

Acerca da necessidade de santidade não discorrerei muito, pois já citei-a diversas vezes nestes capítulos, e Paulo não a menciona na passagem que estamos estudando. Basta dizer que se alguém deseja a honra de ser "utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra", é preciso "a si mesmo purificar" do que é ignóbil (2 Tm 2.21) Apenas vasos santificados são usados pelo Santo de Israel. Precisamos atender às memoráveis palavras escritas por Robert Murray McCheyne ao Rev. Dan Edwards em 2 de outubro de 1840, após ter sido ele ordenado como missionário aos judeus: "Espero que sua estadia na Alemanha seja agradável e proveitosa. Sei que você se dedicará com afinco a aprender alemão, mas não se esqueça de cultivar o homem interior - o coração. Com quanta dedicação o oficial de cavalaria conserva limpo e afiado seu sabre; cada mancha ele remove com o maior cuidado. Lembre-se que você é espada de Deus - Seu instrumento - e, confio, um vaso escolhido por ele para levar o Seu nome. Em grande medida, de acordo com a

pureza e perfeição do instrumento se dará o sucesso. Não é tanto os grandes talentos que Deus abençoa quanto uma grande semelhança com Jesus. Um ministro de vida santa é uma tremenda arma nas mãos de Deus." (Andrew A. Bonar, Memoir and Remains of R. M. McCheyne (Londres: Oliphant, Anderson Fy Ferrier, reeditado em 1892), p. 282.)

A segunda condição indispensável para se contar com o poder do Espírito Santo na pregação é a humildade, e aí está a ênfase de Paulo neste texto. Está aqui a idéia, inconfundível, que o poder de Deus revela-se através da fraqueza humana, e a sabedoria de Deus através da tolice humana. Este é um princípio da atividade de Deus que o apóstolo vê ilustrado tanto na forma de conversão de seus leitores quanto em seu próprio ministério. Deus escolheu as coisas fracas e tolas de Corinto para provar que a sua salvação dependia unicamente do poder e sabedoria divinos. Da mesma forma, através da fraqueza e da loucura do ministério de Paulo e sabedoria e poder de Deus se tornavam conhecidos. Sabendo que não poderia ganhar as pessoas por sua própria sabedoria, Paulo deliberadamente renunciou a ela para pregar, em seu lugar, a loucura do *kerygma* (1.21). Sabendo também que as pessoas não poderiam ser salvas por seu poder de oratória, ele renunciou deliberadamente a ele e foi a Corínto *em fraqueza, temor e grande tremor* (2.3). Torno a dizer que esta maneira de agir era deliberada. Ele se humilhava diante de Deus e dos homens. Possuindo um intelecto respeitável e grande capacidade de "expor sabedoria entre os experimentados" (2.6), ele deliberadamente decidiu *nada saber* entre os coríntios incrédulos*, senão a Jesus Cristo, e este crucificado* (2.2). Ele estava disposto a ser "um louco por causa de Cristo"(1 Co 4.10), para que a sabedoria de Deus pudesse ser exaltada. Semelhan-

temente, ele não confiou na sua personalidade forte ou discurso persuasivo, mas esteve entre eles em *fraqueza* (2.3), para que o poder de Deus pudesse ser revelado nele e através dele. Paulo foi a Corínto com uma mensagem louca exposta em fraqueza. Devemos evitar diminuir o que o apóstolo está dizendo aqui; ele não está exagerando. Ele descreve a debilidade física verdadeira de que estava sofrendo durante a sua primeira visita a Corínto. Ele estava com medo. Realmente, estava tão nervoso
que chegava a tremer de medo. Mas Paulo não se ressentia desses sintomas humilhantes. Longe disto. Ele aprendera que, como a fraqueza humana é condição necessária para se receber poder divino, Deus freqüentemente mantém seus servos em estado de fraqueza física. "Temos este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (2 Co 4.7). A tradição conta que Paulo era um homem atarracado e feio. A Bíblia afirma que ele sofria de um "espinho na carne" que, seja qual for sua natureza exata, era certamente algum tipo de sofrimento físico, seja doença ou perseguição. No início ele orava insistentemente para ser liberto daquilo, mas Cristo revelou-lhe que bastava-lhe a graça, porque "o poder [de Deus] se aperfeiçoa na fraqueza". Uma vez convencido disto, o apóstolo pôde dizer: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo", "porque quando sou fraco, então é que sou forte" (2 Co 12.7- 10).

Não posso deixar de imaginar se não é esta a razão de haver tão poucos pregadores sendo usados por Deus hoje em dia. Há muitos pregadores populares, mas não há muitos poderosos, que pregam no poder do Espírito. Será porque o preço deste tipo de pregação é alto demais? Parece que a única forma de pregação que Deus honra,

através da qual sua sabedoria e poder se expressam, é a pregação de um homem que tem em si a disposição de ser um fraco e um tolo. Deus não apenas escolhe pessoas fracas e tolas para salvar, mas escolhe também pregadores fracos e tolos como instrumento para salvá-las, ou pelo menos pregadores que se contentam em ser fracos e parecer tolos aos olhos do mundo. Nem sempre estamos dispostos a pagar este preço. Somos constantemente tentados a cobiçar uma reputação de homens eruditos ou influentes; a buscar a honra nos círculos acadêmicos, comprometendo para tal nossa mensagem antiquada; e a cultivar nosso charme pessoal ou autoridade para exercer domínio sobre as pessoas entregues ao nosso cuidado.

Para podermos resistir resolutamente a estas tentações, precisamos de propósitos fortes. Aqui se revelam as motivações básicas do pregador. Se o desejo de nosso coração é auto-glorificação, continuaremos a usar o nosso próprio poder para pregar a nossa própria sabedoria. Mas se estivermos profundamente interessados no bem dos homens e a glória de Deus, não hesitaremos em sacrificar-lhes a nossa reputação de sabedoria e poder.

Esta era a posição em que se encontrava o apóstolo Paulo. Ele conta aos crentes de Corínto que deliberadamente desistiu da sabedoria do mundo e do poder de sua oratória, *para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana: e sim, no poder de Deus* (2.5). Os coríntios tendiam a colocar sua confiança em seus líderes humanos (1 Co 1,12-15), mas Paulo não queria tolerar isto. Ele não suportava o pensamento que eles estivessem querendo colocar sua confiança nele, Paulo. Ele não era objeto próprio para sua fé. Se eles colocassem a sua confiança na sabedoria e no poder de Paulo, estariam construindo uma casa sobre a areia; não há fundamento

seguro sobre o qual edificar uma vida, a não ser em Deus. Assim, para o bem espiritual dos crentes de Corinto, Paulo renunciou às palavras difíceis e a sabedoria humana. Que valia a sua reputação, comparada com o bem-estar espiritual e eterno deles? Ele alegremente se humilharia por aqueles irmãos, pregando a mensagem louca do Cristo crucificado em um poder que não o seu próprio, para que eles pudessem encontrar salvação no Deus de todo o poder e toda a sabedoria.

O segundo motivo pelo qual o apóstolo estava pronto a deixar de lado a sua sabedoria e poder pessoais, o mais importante, era pela glória de Deus. Usando algumas palavras de Pedro, a paixão que dominava sua vida era: "que em todas as coisas seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo" (1 Pe 4.11). Por isto a vã-glória daqueles coríntios machucava o seu espírito. Ele se refere constantemente a isto. A glória é um de seus temas recorrentes. "*Le mot L'obsede*", segundo Renan. Paulo usa esta palavra oito vezes na epístola, sendo quatro vezes nestes primeiros capítulos. Os crentes de Corínto se gloriavam de si próprios e se gloriavam de seus líderes humanos. Mas o apóstolo não tolera este gloriar-se em vão. "Ninguém se glorie nos homens", escreve em 1 Coríntios 3.21. Os homens não têm de que se gloriar, já que tudo o que possuem lhes foi dado de presente. "Se o recebeste" - argumenta Paulo - por que te vanglorias, como se não o tiveras recebido?" (1 Co 4.7). Homem algum pode salvar a si próprio, e homem algum pode salvar a outro homem. Somente Deus é Salvador. E Deus deliberadamente escolhe os fracos e tolos, "a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1 Co 1.29). Por isto mesmo Paulo estava disposto a ser um fraco e um tolo, para que "aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" (1 Co 1.31). Ele não

tinha desejo algum de usurpar a glória do Senhor. O poder para salvação não está nos homens, sejam eles os que pregam ou os que ouvem; está em Deus apenas, na Palavra do Pai, na morte vicária do Filho e no testemunho do Espírito Santo. Por isto, que o pregador e sua congregação se humilham, aceitando ser considerados fracos e tolos, para que toda sabedoria, e todo poder que salva, possam ser vistos em quem pertencem, a saber, nas três gloriosas Pessoas da Trindade Eterna.

Chegamos finalmente de volta à questão com que começamos. O que são os pregadores cristãos? - Paulo pergunta. Eles são apenas "servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um" - ou seja, agentes através dos quais Deus trabalhou para fazer surgir a vossa fé. Sendo assim, a glória não é devida ao agente através de quem a obra é feita, mas ao Senhor que realiza a obra por seu próprio poder.

Concluo com estas palavras que se encontram na sacristia de Mary-at-Quay lpswich, e na igreja paroquial de Hatherleigh, e me foram dados pelo Rev. Basil Gough, de Oxford:

Quando eu estiver proclamando
Tua graciosa salvação,
Oh vem dominar todo o meu coração;
E quando todos estiverem maravilhados
Com a Palavra de Jesus,
Esconde-me, então, atrás de Tua cruz.